

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**OLIMPÍADAS ESCOLARES NO ESPÍRITO SANTO:
CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES (1946-1954)**

MARCELO LAQUINI ELLER

VITORIA

2015

MARCELO LAQUINI ELLER

**OLIMPÍADAS ESCOLARES NO ESPÍRITO SANTO:
CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES (1946-1954)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, na Linha de pesquisa História da Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Omar Schneider

VITORIA

2015

MARCELO LAQUINI ELLER

**OLIMPÍADAS ESCOLARES NO ESPÍRITO SANTO:
CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES (1946-1954)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, na Linha de pesquisa História da Educação Física.

Aprovada em 13 de março de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Omar Schneider

Universidade Federal do Espírito Santo

Orientador

Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto

Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a. Dr^a. Andrea Brandão Locatelli

Universidade Federal do Espírito Santo

Dedico este trabalho àqueles que viveram comigo esse percurso: minha esposa, Rosângela, e meus filhos, Claire e Enzo. Dedico também à minha mãe, Joana de Lourdes, minhas irmãs, Marcela e Roberta, e à minha tia Bernadete, representando os demais familiares.

AGRADECIMENTOS

Em especial à Rosângela Stelzer Couto Eller, minha esposa, pela sua compreensão, amor e dedicação incondicional.

Ao meu orientador, Dr. Omar Schneider, por sua paciência com meus limites, por seus ensinamentos e pela participação decisiva para o alcance desse objetivo.

Ao professor Dr. Amarílio Ferreira Neto e a professora Dr^a Andrea Brandão Locatelli pela leitura criteriosa e sugestões no processo de qualificação da pesquisa.

Ao professor Dr. Wagner dos Santos pelo acolhimento no Proreitoria, local que tem colaborado significativamente para meu processo de formação.

Aos colegas do Proreitoria pela ajuda constante e a todos que estiveram envolvidos direta e indiretamente para o resultado desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro para a realização da pesquisa.

A Deus Pai, glorioso e todo poderoso, por ter me concedido saúde, proteção e sabedoria necessária para cumprir os compromissos exigidos.

A História faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem.

Lucien Febvre

RESUMO

Aborda o desenvolvimento das Olimpíadas Escolares no Espírito Santo, no período entre 1946 e 1954. Objetiva compreender as continuidades e as discontinuidades desse fenômeno esportivo e a relação entre o novo modelo de competições estudantis e a cultura esportiva capixaba. Como referencial teórico e metodológico, para a construção da narrativa histórica, utiliza autores como Carlo Ginzburg, Jaques Le Goff, Marc Bloch, Norbert Elias e Roberto Da Mata. Como fontes faz uso da imprensa capixaba, materializada nos principais jornais veiculados no período, do arquivo pessoal do professor Aloyr Queiroz de Araújo, da revista *Vida Capixaba*, além de entrevistas com atores envolvidos nas Olimpíadas Escolares. As Olimpíadas Escolares foram organizadas pelo Serviço de Educação Física, órgão do governo do Estado ligado à Secretaria de Instrução Pública, tendo como seu idealizador o professor Aloyr Queiroz de Araújo. As competições estudantis eram realizadas bianualmente, tanto na Capital, como no interior do Estado seguindo padrões coubertianos, normalmente promovidas em datas comemorativas demonstrando seu caráter cívico-patriótico. Em relação à escolarização da Educação Física no Estado do Espírito Santo, notamos que o Serviço de Educação Física, órgão criado pelo governo para controlar e dirigir as ações sobre Educação Física nas escolas secundárias do Estado, teve participação decisiva nesse contexto, ao capacitar e formar para o mercado de trabalho professores e monitores da área. Em um primeiro momento, a discontinuidade pode ser percebida quando os jogos escolares são transformados pelo Estado em Olimpíadas Escolares, propondo para essas práticas novos sentidos, próximos daqueles denominados de coubertianos. A segunda discontinuidade ocorre por motivos financeiros, quando o Estado decide abandonar o projeto pedagógico das Olimpíadas Escolares e volta suas energias menos para a cidade e mais para o campo.

Palavras-chave: Espírito Santo. Educação Física. Olimpíadas Escolares.

ABSTRACT

Addresses the development of the School Olympics in the Espírito Santo in the period between 1946 and 1954. It aims at understanding the continuities and discontinuities of this sport phenomenon and the relationship between the new example of student competitions and sports culture capixaba. The theoretical and methodological framework for the construction of historical narrative, as Carlo Ginzburg used authors, Jacques Le Goff, Marc Bloch, Norbert Elias and Roberto Da Mata. As sources we make use of capixaba press, materialized in major newspapers run on time, the special file Aloyr Queiroz de Araújo, the magazine Vida Capichaba, as well as interviews with actors involved in the School Games. The School Olympiad was organized by the Physical Education Service (SEF), State government agency linked to the Ministry of Public Instruction, having as its creator Professor Aloyr Queiroz de Araújo. The student competitions were held twice a year, in the capital, as in the state following coubertianos patterns, usually held on holidays demonstrating their civic and patriotic character. Regarding the education of Physical Education in the State of the Espírito Santo, we note that the Physical Education Service (SEF), a body created by the government to control and direct the actions of Physical Education in state secondary schools had a decisive role in this context to enable and form for the labor market teachers and monitors the area. At first, the discontinuity can be seen when school games are transformed by the State School Games, proposing new meanings to these practices, similar to those called coubertianos. The second discontinuity occurs for financial reasons, when the state decides to abandon the pedagogical project of the School Olympics and back their energies less to the city and more to the field.

Key words: Espírito Santo. Physical Education. School Olympics

LISTA DE SIGLAS

ACM – Associação Cristã de Moços

APEA – Associação Paulista de Esportes Atléticos

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

CDE – Conselho Desportivo Escolar

CEFD/UFES – Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo

CONEP – Conselho Nacional em Ética na Pesquisa

FACE – Federação Amadorista Capixaba de Esportes

FDE – Federação Desportiva Espírito-Santense

FIFA – Federação Internacional de Futebol Associado

FPF- Federação Paulista de Futebol

INCE – Instituto Nacional de Cinema Educativo

LSES – Liga Sportiva Espírito-Santense

PPP – Projeto Político-Pedagógico

PROTEORIA – Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física

SEDU – Secretaria da Educação do Governo do Estado do Espírito Santo

SEF – Serviço de Educação Física

SESPORT– Secretaria de Estado de Esporte e Lazer

UESE – União dos Estudantes Espírito-santense

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Organização de competições escolares.....	39
Figura 2	– Abertura oficial das Olimpíadas Escolares de 1946	40
Figura 3	– Rainha das Olimpíadas Escolares de 1952	45
Figura 4	– Venda de selo olímpico na campanha do fundo econômico	48
Figura 5	– Encerramento das Olimpíadas de 1946 com prova de remo	50
Figura 6	– Colégio de Muqui, sede das Olimpíadas Escolares de 1950	53
Figura 7	– Corrida do fogo simbólico	53
Figura 8	– Ginástica esportivizada	56
Figura 9	– Concurso pedagógico das Olimpíadas Escolares de 1954	57
Figura 10	– Imprensa nas Olimpíadas Escolares	74
Figura 11	– Políticos envolvidos nas Olimpíadas Escolares de 1954	75
Figura 12	– Evento esportivo escolar no estádio Governador Bley	76
Figura 13	– Remo na Olimpíada de 1946	79
Figura 14	– Campeonato de futebol, Olimpíadas de 1946	79
Figura 15	– Acendimento da pira olímpica, 1948	83
Figura 16	– Expectativa para as Olimpíadas Escolares de 1952	85
Figura 17	– Presença esportiva americana no Espírito Santo, 1952	85
Figura 18	– Olimpíadas escolares de 1954	86
Figura 19	– Críticas a Aloyr Queiroz de Araújo	86
Figura 20	– Atletas participantes das Olimpíadas Escolares de 1946	109
Figura 21	– Condução fogo simbólico e a presença feminina no esporte	110
Figura 22	– Evento de entrega de premiações das Olimpíadas de 1948	111
Figura 23	– Missa campal, Olimpíadas Escolares de 1954	112
Figura 24	– Estádio Governador Bley	114
Figura 25	– Equipes concorrentes nas Olimpíadas Escolares de 1954	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PRESSUPOSTOS TEÓRICO - METODOLÓGICOS	25
PLANO DE EXPOSIÇÃO	32
1 A OLIMPÍADA ESCOLAR E A ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (1946-1954)	35
1.1 Introdução	35
1.2 Modelos de esporte estudantil anteriores às Olimpíadas Escolar	38
1.3 Olimpíadas Escolares: início do novo modelo esportivo	39
1.4 Organização Cultural e Política das Olimpíadas Escolares	42
1.5 Organização Técnica e Financeira das Olimpíadas Escolares	46
1.6 As Edições das Olimpíadas Escolares.....	49
1.7 Escolarização da Educação Física no Espírito Santo: 1946 -1954	59
1.8 Considerações Parciais.....	61
2 CULTURA ESPORTIVA CAPIXABA E SUA RELAÇÃO COM A OLIMPÍADA ESCOLAR VEICULADA NA GRANDE IMPRENSA (1946-1954)	64
2.1 Introdução	64
2.2 Esporte Moderno: Diferentes Sentidos e Formas.....	69
2.3 Constituição do Campo Esportivo	77
2.4 Cultura Esportiva Capixaba	80
2.5 Considerações Parciais	89
3 RELATOS, MEMÓRIAS E ATORES: AS OLIMPÍADAS ESCOLARES NO ESPÍRITO SANTO (1946-1954)	91
3.1 Introdução.....	91
3.2 Representações e Memórias das Olimpíadas Escolares.....	96
3.3 Olimpíadas Escolares na Revista Vida Capichaba e sua descontinuidade	108
3.4 Considerações Parciais.....	117

CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERENCIAS	123
FONTES	127
APENDICE – Questionário para Entrevista com Ex-atletas Envolvidos Direta e Indiretamente nas Olimpíadas Escolares entre 1946-1954.....	130
ANEXO – Parecer do Comitê de Ética	132

INTRODUÇÃO

O estudo representa o resultado de inquietações surgidas ao longo da trajetória de formação em licenciatura plena no ano de 1993, na Escola Superior de Educação Física de Catanduva, interior do Estado de São Paulo. Essas ansiedades tiveram maior repercussão a partir da proximidade com o tema abordado como funcionário público inserido no setor de esporte da Prefeitura Municipal de Castelo, região sul do Estado do Espírito Santo. A constância dessa prática pedagógica levou-nos à inserção no curso de pós-graduação.

A aproximação com o Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo se deu no ano de 2012/2, como aluno ouvinte na disciplina Escolarização da Educação Física, ofertada pelo professor Dr. Omar Schneider. Com essa disciplina, tivemos contato com as interfaces sócio-históricas entre Educação e Educação Física no Brasil, buscando analisar a constituição da escola e do campo da Educação Física.

Num primeiro momento, por meio de um debate teórico e metodológico sobre a escolarização, estabelecemos relações com algumas teorias, dentre elas a da forma escolar, questões políticas e culturais na produção da história da Educação, a cultura escolar como categoria de análise e a escolarização como projeto de civilização. Na sequência dos estudos, aproximamo-nos das práticas e representações da escolarização da Educação Física, tendo contato com as mutações no significado da Educação Física nas décadas de 1930 e 1940, com as proposições para a produção de uma nova forma escolar para o esporte, além dos aprofundamentos nos conteúdos específicos da Educação Física e dos desportos no Brasil.

Assim, a aproximação dessas leituras permitiu-nos ampliar o conhecimento das teorias sobre a escolarização, seus métodos e desafios na modernidade, compreendendo as práticas e as representações que deram sentido à Educação Física como componente curricular na longa duração no Brasil, e, ainda, contribuiu para o ingresso no Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo.

O ingresso no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu*, no ano de 2013, proporcionou uma aproximação com a produção de conhecimentos na área de Educação Física, materializada no contato com o acervo do Proteoria, que é um Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física formado por um grupo de professores/pesquisadores, criado por aprovação pelo CNPq do projeto *A Constituição de Teorias da Educação Física no Brasil: o debate em periódicos no século XX*, no ano de 1999, com sede no Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo. O instituto tem por finalidade compreender a constituição do campo da Educação Física, realçando a materialidade das práticas culturais nas suas continuidades e descontinuidades em relação à produção, circulação, apropriação, usos e transformações que são operadas em objetos culturais produzidos socialmente.

No sentido de potencializar estudos e pesquisas, o Proteoria tem insistido sobre a necessidade de organizar catálogos, repertórios e guias de fontes para que, nas diversas áreas do conhecimento, as informações possam ser reutilizadas de modo a possibilitar a construção de uma rede de interlocução entre os diversos pesquisadores e sua produção. Nessa perspectiva, a organização do Catálogo de Periódicos de Educação Física e Esporte (1930-2000), de autoria de Amarílio Ferreira Neto, Omar Schneider, Kaline Pereira Aroeira, Fabiana Bosi e Wagner dos Santos, é uma iniciativa que concretiza esforços, reunindo informações sobre revistas da área localizáveis em acervos do Espírito Santo, São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, de arquivos pessoais, contribuindo para uma economia de tempo e esforços, além de permitir uma visão geral de um grande número de referências. O catálogo pretende ser matéria-prima para a criação de projetos mobilizadores de explicações novas no campo da Educação Física e Esporte no século XX.

Em relação ao acervo, nosso primeiro trabalho científico foi em contato com a Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, com o objetivo de analisar as práticas de representação sobre o esporte que circularam no periódico, para compreender a proposta militar para a Educação Física escolar no período da ditadura. Esse trabalho resultou em um resumo em formato de pôster, intitulado *Revista Brasileira de Educação Física e Desportos: impresso pedagógico e prescrições esportivas para a Educação Física (1968-1984)*, o qual foi apresentado

no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte no ano de 2013, em Brasília. Em conformidade com essas ações, partimos para o projeto da dissertação.

Em relação ao projeto de dissertação, a temática surgiu de um projeto maior que pesquisa a *História e Memória da Educação Física e do Esporte no Espírito Santo: autores, atores e instituições (1931-1961)*, procurando dar sequência à pesquisa *Higiene, Ginástica, Educação e Educação Física: circulação e apropriação de modelos pedagógicos no Estado do Espírito Santo*, desenvolvida entre os anos de 2009 e 2011, que focalizou as práticas, as representações e os autores, que, nas três primeiras décadas do século XX, sintetizaram e buscaram sistematizar um programa para a implantação da ginástica e da Educação Física nos currículos escolares do Espírito Santo. De forma geral, nesta etapa, objetivamos compreender o processo de escolarização e esportivização da Educação Física no Estado do Espírito Santo, entre os anos de 1946 e 1954, utilizando como objeto de investigação a Olimpíada Escolar, buscando compreender as continuidades e descontinuidades¹ desse novo exemplo esportivo estudantil; como a imprensa capixaba divulgou o esporte e as Olimpíadas Escolares no período, e, ainda, como os envolvidos diretos e indiretos relataram as Olimpíadas Escolares realizadas bianualmente entre os anos de 1946 e 1954.

Para Le Goff (1990, p.48), no que se refere à continuidade e à descontinuidade, “[...] o historiador deve respeitar o tempo que, de diversas formas, é a condição da história e que deve fazer corresponder os seus quadros de explicação cronológica à duração do vivido”. Salientamos que as continuidades e descontinuidades citadas estão relacionadas inicialmente com a interrupção na realização dos jogos escolares organizados pelos grêmios escolares com a autonomia que lhes eram concedidas naquele momento pelo próprio Estado; o início e continuidade de uma nova proposta de jogos escolares no meio escolar denominado Olimpíadas Escolares; e a interrupção ou descontinuidade desse mesmo projeto esportivo estudantil no ano de 1954. Entre os anos de 1956 e 1958,

¹ O sentido conceitual de continuidades e descontinuidades no texto está relacionado muito em função de entendermos que as práticas esportivas já vinham sendo realizadas dentro de um projeto educacional e, mediante um processo/transição o qual buscamos elucidar. As práticas esportivas apresentam, inicialmente, uma descontinuidade dando lugar a continuidade de uma nova proposta de jogos escolares (Olimpíadas Escolares) por determinado tempo e, em seguida, essas mesmas práticas esportivas apresentam uma descontinuidade após cinco edições bianuais. Essa descontinuidade não apresenta um corte na realidade, mas com ela esperamos compreender os motivos que a tornaram inviável dentro daquele contexto histórico.

não encontramos registros documentais de outra competição bianual realizada com tal denominação.

Por dar visibilidade a um tema pouco explorado pela historiografia capixaba,² a Olimpíada Escolar, espera-se que o estudo contribua para a produção de conhecimento na área da pesquisa histórica com diferentes significações sobre o tema proposto, incentivando o envolvimento de futuros pesquisadores com essa temática. Esse estudo justifica-se, também, por se encontrar inserido dentro de uma proposta mais abrangente do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria) na linha de pesquisa da História da Educação, da Educação Física e do Esporte, o qual está interessado em testar, desenvolver hipóteses e teorias explicativas sobre as condições que possibilitaram a constituição da Educação Física como disciplina escolar, na sua forma, seus discursos, conteúdos, práticas e significados ao longo do século XX, direcionando seu olhar para o Estado do Espírito Santo. No âmbito social, justifica-se pela possibilidade de despertar no leitor o interesse na pesquisa histórica, primordial para o entendimento da cultura capixaba contribuindo para seu processo de formação global.

Para compreender o desenvolvimento das Olimpíadas Escolares realizadas bianualmente no Estado do Espírito Santo pelo Serviço de Educação Física com objetivos cívico-patrióticos, envolvendo as escolas secundárias tanto da Capital quanto do interior do Estado, entendemos que será fundamental uma aproximação com o esporte, olhando seus sentidos e formas diferentes. Segundo Melo e Fortes (2010), originária do francês antigo, “disport”, a palavra “sport” foi registrada pela primeira vez na Grã-Bretanha do século XV, mas é somente na transição dos séculos XVIII e XIX que assume o sentido de campo esportivo. A prática se desenvolve para todos os cantos do mundo, sempre mantendo seu caráter original, mas também dialogando com as peculiaridades locais. Para o autor, essa é uma das chaves de sua popularidade, juntamente com “[...] o fato de se estruturar ajustando-se bem ao conjunto de comportamentos considerados adequados para a consolidação do novo molde de sociedade em formação, do capitalismo, do ideário e imaginário da modernidade” (MELO; FORTES, 2010, p. 12).

² Na busca de estudos semelhantes, utilizamos, como descritores, as palavras: olimpíadas escolares; esporte estudantil; jogos escolares; competições escolares. Porém, nenhum resultado foi encontrado no Estado do Espírito Santo dentro ou perto do período proposto que trate sobre a temática Olimpíadas Escolares.

No Brasil, desde as décadas finais do século XIX, é possível perceber o esporte como parte das transformações sociais que estavam ocorrendo e sendo entendido pelas elites como uma prática “civilizadora”, educada e educativa, em contraposição aos jogos tradicionais, percebidos como rudes e primitivos, ainda ligados a uma sociedade arcaica (LUCENA, 2001). Para o autor, o esporte na cidade faz parte de um projeto que busca produzir novas sociabilidades, formas de recreação e controle da violência e da excitação. Esse processo de esportivização da cidade é profícuo, pois é percebido como capaz de refletir a modernidade traduzida nos gestos, nas emoções, nos desejos e nas atitudes. Na escola, ele começa a ser verificado nas décadas de 1930 e 1940, momento em que a ginástica, fundamentada principalmente nos métodos sueco e francês, passa a ser questionada e, paulatinamente, a ser substituída pelo esporte como conteúdo privilegiado das aulas de Educação Física (SCHNEIDER, 2010). Aliado ao cenário educacional, outra corrente difusora do esporte, o Movimento Olímpico³ também se configura como fator colaborativo para a expansão e universalização do esporte, que, materializado nas Olimpíadas Escolares capixabas, provocou novas manifestações culturais que circularam no Estado durante o período proposto.

Para Tavares e Da Costa (1999), os objetivos básicos do Movimento Olímpico estabelecidos pelo Barão Pierre de Coubertin no fim do século XIX, seriam o desenvolvimento do homem por meio do esporte e o incentivo à confraternização entre os povos por meio dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. Ao projetarmos uma relação comparativa entre as Olimpíadas da Era Moderna com o período de realização das Olimpíadas Escolares no Estado do Espírito Santo, entre os anos de 1946 e 1954, vamos perceber que, nesse período, o conjunto brasileiro participou das Olimpíadas realizadas em Londres no ano de 1948, com destaque para o basquete masculino, obtendo a primeira medalha de terceiro lugar, em Helsinque, no ano de 1952, tendo como destaque o atleta Ademar Ferreira da Silva, do atletismo, e outras modalidades, como o basquetebol, a vela e o hipismo. Essas participações

³ Segundo Tavares e Da Costa (1999, p.165), “[...] o Movimento Olímpico é o nome dado ao conjunto de entidades que coordenam as atividades relacionadas aos Jogos Olímpicos. A Carta Olímpica é um conjunto de regras e guias para a organização dos Jogos Olímpicos, adotada pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como código dos princípios fundamentais, regras e estatutos. Tem como propósitos principais: estabelecer princípios e valores do Olimpismo, servir como código do COI e definir direitos e obrigações dos três constituintes do Movimento Olímpico: o COI, as Federações Internacionais e os Comitês Olímpicos Nacionais, e o Comitê Organizador de cada edição dos jogos.

eram veiculadas pela imprensa escrita,⁴ muitas vezes exaltando uma raça, um sistema de governo e até a superioridade das nações, influenciando uma geração de jovens na prática do esporte. O Movimento Olímpico, com base nos *princípios coubertianos*, anteriormente definidos, apresenta-se, também, como fator influenciador no processo de escolarização e esportivização da Educação Física muito em função da transmissão dos valores intrínsecos com a prática regular dos esportes na escola.

Considerações pontuais sobre a temática das competições escolares nos apontaram diferentes concepções e proposições de jogos esportivos que são realizados atualmente. O estudo de Scaglia et al. (2013), demonstra, de forma descritiva e propositiva, que o processo de ensino dos jogos coletivos deve ser entendido a partir da sua natureza ontológica, do processo organizacional e da lógica inerente aos jogos coletivos. O autor afirma que aprender qualquer jogo esportivo coletivo não pode se resumir mais ao aprendizado de gestos técnicos estereotipados e descontextualizados de suas razões de ser. As metodologias para o ensino dos jogos esportivos coletivos devem levar em consideração todo o universo de jogos, a família dos jogos, pois cada um está contido ao mesmo tempo em todos os outros jogos e estes estão, por sua vez, relativamente circunscritos em cada um, mantendo suas especificidades e contextos distintos, formando uma grande teia de conhecimentos.

De acordo com Reverdito et al. (2008), o tema competição sempre alimentou grandes discussões, ocasionalmente polarizadas entre os que eram favoráveis e aqueles não favoráveis à sua realização no interior da escola. Em suas considerações, com o propósito de contribuir para o desafio da urgência nas transformações dos tipos de competições, defende uma proposta pedagógica para as competições escolares, como evento da escola integrado ao Projeto Político Pedagógico (PPP), impregnado com a responsabilidade da educabilidade do sujeito, tendo como pilares dessa proposta de competição pedagógica os conceitos de cooperação, os valores sociais e a competição de forma interconectada. Porém, nossa intencionalidade perpassa pela compreensão da Olimpíada Escolar, instituída

⁴ Conforme Tavares e Da Costa (1999, p.166), por não haver TV ou rádio, a imprensa escrita, sem apoio ou reconhecimento oficial por parte do COI, sem qualquer critério lógico e sem conhecimento das determinações da Carta Olímpica, passou a criar diversos tipos de classificação e a estimular a rivalidade entre as nações concorrentes.

no Estado do Espírito Santo em tempos e espaços distintos, com demandas sociais e políticas igualmente diferentes das atuais.

Um estudo mais aproximado com nossa temática foi a tese de doutoramento de Dantas Jr. (2008), intitulada “Da escolarização do esporte à esportivização da escola: tradição e espetáculo nos Jogos da Primavera de Sergipe (1964/1995)”. De maneira geral, para o autor os jogos escolares tornaram-se referência das concepções acerca de esporte e da Educação Física, estabelecendo, no âmbito da formação dos professores, uma visão dicotômica entre aqueles que os vislumbram como o ápice da Educação Física e aqueles que perceberam uma série de problemas a reboque do evento, afetando o sistema educacional em sua totalidade. Entendemos que, mesmo estando fora do período de nosso estudo, o resultado desta tese se torna interessante, pois nos indica diferentes circulações e manifestações culturais sobre a forma como o esporte no meio estudantil foi problematizado.

Para Dantas Júnior (2008), a educação em sua forma escolar e o esporte são práticas fundantes e solidificadoras da sedimentação da memória social corporal, e eventos, como os Jogos Primavera de Sergipe, que imbricam os objetivos educacionais e a catarse esportiva, consubstanciam-se no fulcro do conflito entre os interesses ditos e silenciados, mostrados e ocultos, os anseios externados e aprisionados. O estudo nos remete para o entendimento do processo da escolarização dos jogos à esportivização da escola, materializando múltiplas tensões e intenções dessa relação ao analisar os Jogos Primavera de Sergipe, utilizando o fator midiático como elemento de espetacularização do esporte.

Em seu estudo, Dantas Júnior (2008) conclui que o retorno enfático dos Jogos da Primavera ampliaria seu alcance, tornaria mais nítidas as vinculações dos eventos públicos à imagem privada de alguns políticos e, conforme, o ritmo de abertura democrática, consolidaria o ensino privado e a “esportivização” da escola pelo viés mercadológico, percebendo então, que o Estado vai onde o povo está ou quer estar: às ruas, às escolas, aos clubes, aos estádios, às pistas, aos ginásios, às piscinas. Porém, no Estado do Espírito Santo, ainda não foram encontradas temáticas que discutam as Olimpíadas Escolares sob qualquer abordagem.

Sendo assim, o conhecimento de assuntos que abordam a temática dos jogos escolares contemporâneos pode nos fornecer indícios de como o esporte foi abordado, ajudando-nos no entendimento do nosso próprio objeto, já que não encontramos, até o presente momento, estudos que abordassem tal temática dentro do Estado do Espírito Santo. A proposta pedagógica utilizada naquele contexto histórico apontou um trato diferenciado com o esporte inserido no meio escolar, utilizado como fator midiático e de espetacularização. Portanto, tais estudos diferem de nosso intento, pautado na compreensão da história das Olimpíadas Escolares, sua circularidade, continuidades e descontinuidades e suas manifestações culturais por meio de diferentes fontes documentais. Entretanto, Bloch (2001) nos adverte que a história só é capaz de ser construída próxima da realidade quando recorremos a uma variedade de documentos, pois:

Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] 'por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas que as criaram, são os homens que a história quer capturar' (BLOCH, 2001, p. 54).

Para conhecermos essas instituições, uma relação intercontextual entre o esporte e a escola exige um diálogo, jamais um monólogo diretivo de uma instituição sobre a outra. Posto isso, percebe-se, ao longo do último século, todo um processo conflituoso de incorporação do esporte como um bem cultural a ser escolarizado. Para Vago (2009, p. 67), “[...] a escola é lugar de circular, de reinventar, de estimular, de transmitir, de produzir, de usufruir, enfim, de praticar cultura”. Uma instituição particular, com suas maneiras próprias de organizar-se e de relacionar-se com outras culturas compartilhadas. Em meio a esse processo de escolarização do esporte surgem os embates em relação às estratégias de poder no respectivo campo.

Entendendo o processo de escolarização como estratégia de poder, Veiga (2002) aponta que a análise da escolarização se situa no percurso do processo de civilização onde este dispositivo é fundamental para aprofundar a teoria da civilização, na perspectiva de sociedade que se interpreta como tal. Para Veiga (2002), a monopolização do saber pelo Estado e a universalização da instrução ampliaram para toda a população os exemplos de autocoerção, o domínio das emoções, os sentidos de vergonha e de pudor, disseminando outra configuração de

sociedade ao inventar a educação escolarizada como categoria da atividade social, sendo permeada também por um novo dispositivo, o esporte.

O esporte, por conseguinte, enquanto manifestação cultural rica de caracteres simbólicos, tornou-se um saber a ser escolarizado. Tal dimensão histórica fincou raízes nas *Public Schools* da Inglaterra de fins do século XIX, onde os passatempos, divertimentos e jogos se converteram em práticas institucionalizadas, denominadas desportos, daí exportados em escala global como avanço civilizatório. O uso do termo “esportivização” designa-se a substancial passagem do esporte, nas aulas de Educação Física, de conteúdo escolarizado a conteúdo exclusivo, passando, então, a ser gerador de uma nova forma de organizar o conhecimento, os espaços, tempos e relações sociais dentro e fora da escola. Tais dimensões de escolarização e esportivização só se consubstanciaram pela ação humana efetiva tendo a escola como um campo fértil para múltiplas possibilidades de experimentação e o esporte um espaço, ao mesmo tempo fraterno e tenso, de construção de concepções de mundo.

Schneider, Bruschi e Ferreira Neto (2013) perceberam que, se a sociedade capixaba estava mudando, era preciso uma nova escola para um novo homem, o homem moderno, onde pudesse viver bem na nova sociedade capitalista. Diante dessa necessidade, profissionais deveriam estar mais capacitados em oferecer um ensino mais eficiente. Assim, viu-se o Estado do Espírito Santo mergulhado em uma nova investida no plano educacional, construção de novas escolas e a preocupação no oferecimento da Educação Física a todos com a criação da Escola Superior de Educação Física. A capacitação de professores era para formar agentes para fazer circular os interesses do governo, nesse caso, profissionais mais eficientes no controle dos impulsos das crianças e jovens, direcionando suas energias latentes para atividades consideradas seguras para o próprio Estado.

Em relação à esportivização da Educação Física, visualizamos, no estudo de Barbosa e Ferreira Neto (2012), que o deslocamento nas aulas de Educação Física, enfatizando a predominância do esporte como conteúdo foi acentuado muito em função da introdução do método de lição de Educação Física Desportiva Generalizada do francês Auguste Listello,⁵ influenciando o comportamento social do

⁵ Conforme Martinez (2002), o professor August Listello esteve por 12 vezes no Brasil e, missão após missão, realizadas em todo o País, os Estados brasileiros foram fortemente influenciados pela concepção e princípios da Educação Física Desportiva Generalizada, oficializando esse método

indivíduo. A predominância do esporte nas aulas de Educação Física possivelmente favoreceu a circulação de eventos e confrontos esportivos, incluindo as Olimpíadas Escolares capixabas.

No estudo de Poleze (2014), intitulado “A Educação Física no Colégio Estadual do Espírito Santo: atores, práticas e representações (1943-1957)” buscou-se compreender o processo de institucionalização da Educação Física como disciplina escolar e no desfecho do projeto, concluiu-se que a Educação Física tinha o papel de civilizar os indivíduos para a organização social e treiná-los para o emergente ideal de individualização de papéis e busca pela eficiência.

Segundo Poleze (2014), os esportes, disseminados no ambiente escolar por meio das Olimpíadas Escolares, apesar de terem o seu auge nas décadas de 1960 e 1970, começam a circular nesse meio já nos anos de 1930, como atividades dos grêmios estudantis, funcionando como um dispositivo de demonstração do projeto de modernização do Estado pelas práticas que traziam em si a capacidade de afirmação de uma possível superioridade. Essa é uma ideia adotada como central na estruturação de nosso arcabouço temático em relação às Olimpíadas Escolares, pois buscamos entender a descontinuidade da organização de jogos escolares realizados pelos grêmios estudantis, em um momento em que o Estado toma para si a organização desse evento, criando um novo parâmetro de jogos escolares, redefinindo, portanto, as intencionalidades das práticas esportivas no ambiente escolar.

A pesquisa desenvolvida por Linhales (2009) procura chamar nossa atenção sobre o processo de escolarização das práticas esportivas em um tempo de aposta na eficiência da escola como uma possibilidade de organização e disciplinarização da vida social. Ancora-se na ideia de energizar⁶ o caráter, termo relacionado com as metáforas maquinicas e com a busca da eficiência dos corpos. Assim, o esporte passa a ser lido como uma prática cultural, integrando o projeto brasileiro de

inovador , substituindo o antigo Método Francês de Joinville Le Pont, implantado no Brasil em 1921, por meio do Decreto nº 14.794, de 27 de abril de 1921. Durante esta passagem, a imprensa e as revistas técnicas do Brasil relataram com suficiente destaque a importância de seus trabalhos realizados dentro do nosso imenso país.

⁶ Energizar, nesse contexto, implica potencializar, tornar eficaz, firme ou, ainda, “[...] tornar um sistema capaz de realizar trabalho. O sistema em questão é o caráter de cada brasileiro, sua alma, seu temperamento, sua índole, que tem no corpo sua elementaridade física” (LINHALES, 2009, p. 27).

modernidade, dada a sua capacidade de potencializar a máquina humana e revesti-la de um caráter forte, aguerrido e cívico.

Em sua investigação, Linhales (2009), percebeu três instituições destacando-se na interlocução com a ABE,⁷ quando o tema em pauta era o esporte. A primeira foi o Clube Bandeirantes do Brasil, onde modernização, sob forte influência americana era a palavra de ordem; a segunda foi a Instituição Militar, movida pela disciplina e pela ordem de modo a ver no esporte na instituição escolar e fora dela uma possibilidade para a formação física, moral e social das novas gerações; a terceira, foi a Associação Cristã de Moços⁸ (ACM), com maior afinidade pedagógica com a ABE, e trazia outro projeto para a Educação Física que não ligado ao militar, mas priorizando a formação de professores (técnicos) e a criação de parques e praças no cenário das cidades observado como espaços e tempos recreativos e educativos, também inspirada por ideias e práticas americanas. Sendo assim, dessa interlocução emergiram algumas das balizas pedagógicas e culturais que produziram a escolarização do esporte. Suas análises são rigorosas e inovadoras cujos resultados colocam em circularidade ideias, práticas e discursos.

Para compreendermos sobre os diversos sentidos e formas do esporte apoiamo-nos nos estudos de Da Matta (2003), nos quais o autor acentua que o esporte é uma indústria e um espetáculo, mas é igualmente um rito e uma arte. O esporte entroniza no mundo moderno formas legítimas de medição de força e de comportamento conflitivo e agonístico que, embora tenham uma moldura moderna, racional e empresarial, são capazes de despertar, em circunstâncias especiais ou

⁷ A Associação Brasileira de Educação é uma sociedade civil fundada em 15 de outubro de 1924 por Heitor Lyra da Silva, com sede no Rio de Janeiro. A ABE foi, nos anos 1920 e 1930, a principal instância de organização do chamado movimento de renovação educacional no Brasil, congregando, na década de 1920, numa mesma campanha pela “causa cívico educacional”, grupos de educadores que se antagonizariam mais tarde, após a Revolução de 1930, quando, numa conjuntura de crescimento do aparato estatal e de disputa por hegemonia política, a luta pelo controle do aparato escolar tornou-se, para os referidos grupos, central.

⁸ Nos estudos de Assunção et al. (2011), salienta-se o papel exercido pela Associação Cristã de Moços na circulação do americanismo no processo de constituição da Educação Física brasileira nas décadas de 1930 e 1940. Essa circularidade chega ao país sob o modelo do americanismo, que é entendido como um movimento político cultural que nasce nos Estados Unidos pela apropriação de outros padrões culturais e que posteriormente é oferecido como síntese da modernidade econômica, política, educacional e industrial para as outras culturas. As práticas ali difundidas, especialmente o basquetebol e o voleibol, por terem sido criadas nos ginásios dessa instituição nos Estados Unidos da América, carregam de forma intrínseca, valores e traços culturais que foram apropriados, ressignificados e inseridos em outras práticas, contribuindo para a vulgarização do ideário esportivo no Brasil.

apropriadas, valores relativamente adormecidos e essenciais à renovação dos laços sociais e da própria sociabilidade.

A história da Educação e da Educação Física no Estado do Espírito Santo oferece possibilidades de compreensão sobre deslocamentos, continuidades e descontinuidades na Educação Física e no esporte.

Na abordagem histórica, temos a memória não só individual, mas também coletiva, como interlocutora entre as narrativas históricas que permitem uma ressignificação do presente e, nesse sentido, Le Goff (1990, p. 426) nos aponta que:

A memória é um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. A partir de 1950, os estudos sobre a memória mudaram radicalmente para uma opção mais teórica. O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória ora está em retraimento, ora em transbordamento.

Assim, tal como o passado não é a história mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica. A autoridade da memória se materializa na importância de ela ser a principal referência para a constituição de nossa identidade, entendendo-se esta última como o autoconhecimento e a diferenciação em relação ao outro. A memória é o que nos dá elementos para nos conhecermos e demarcarmos nossa particularidade no mundo. Para melhor compreendermos o panorama sociopolítico das Olimpíadas Escolares, voltamos o olhar para alguns fatos ocorridos antes do período proposto, que servirão de base para um entendimento melhor do objeto proposto.

Ao retornarmos à época, nas quatro primeiras décadas do século XX, visualizamos um País/Estado em transição, iniciando apenas nos grandes centros populacionais, como Rio de Janeiro e São Paulo, seu processo de industrialização, “engatinhando” em busca da modernidade, já alcançada, naquele contexto, por países como a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos. Dessa forma, a busca pelo novo, pelo moderno era constante e as Olimpíadas Escolares se inserem nesse contexto como um evento com a mesma configuração dos Jogos Olímpicos coubertianos, entretanto com explícitas características cívico-patrióticas, com caráter espetacularizador, civilizador e controlador das emoções, dando visibilidade ao

esporte como um elemento integrador. De acordo com Linhales (2009, p. 25), vimos que:

Ao revolucionar necessidades e expectativas relativas às experiências corporais, o fenômeno esportivo apresenta-se como uma espécie de ethos⁹ moderno. Aderir a ele ou rejeitá-lo torna-se, em alguma medida, elemento de balizamento sobre o ser ou não ser moderno. A escola moderna parece incluir e atualizar recorrentemente em sua pauta esse plebiscito.

Com a organização dos Jogos Olímpicos da era moderna, Pierre de Coubertin almejava internacionalizar os aspectos pedagógicos do esporte para a sociedade e seus indivíduos. Sua principal preocupação, como afirma Rubio (2010), era voltada para uma competição leal e sadia, para o culto ao corpo e para a atividade física. Uma das suas características poderia ser definida no mundo contemporâneo, bem como no esporte moderno, pela expressão “fair play”. Essa expressão, criada e difundida ainda no século XIX, pode ser considerada como uma tentativa civilizadora de classificar um conjunto de comportamentos adequados para a prática esportiva, criando um equilíbrio entre os impulsos potencialmente destrutivos da competição e a necessária preservação da integridade dos praticantes e mesmo do ambiente da prática.

Outra relevância do esporte na sociedade moderna possivelmente pode estar relacionada com a afirmação de Rubio (2010, p. 45), quando diz: “[...] as condições que levaram o esporte moderno a se desenvolver foram bastante particulares e denunciadoras do lugar e momento histórico em que ocorreram”. Tendo como palco as diversas guerras e conflitos ocorridos nos séculos XIX e XX, o ideário olímpico procurou buscar a intencionalidade de se contrapor a esta situação por meio de competições esportivas como forma de promoção de ações nacionalistas e de paz.

A periodização nos permite perceber a circulação do esporte no meio estudantil, desenvolvido em fases distintas, as quais buscamos elucidar. A primeira fase é a da prática escolarizada, fazendo parte do contexto escolar por meio das aulas de Educação Física e pelos intercâmbios ali organizados, antes do ano de 1946, e a segunda fase, a partir do momento em que ele passa a ser percebido pelo

⁹ Esse ethos, entendido como comportamento adotado, tornando-se símbolo de modernidade. Adotá-lo significaria estar na vanguarda, enquanto negá-lo, seria tornar-se obsoleto, ultrapassado.

Estado,¹⁰ sendo, então, organizado e sistematizado pelos órgãos governamentais, definindo critérios, regulamentos e códigos de conduta para sua efetiva participação até o momento de sua interrupção, no ano de 1954.

A primeira data da periodização, no ano de 1946, tem sua justificativa na relação estabelecida com o período de instituição das Olimpíadas Escolares no Estado do Espírito Santo e também aponta um deslocamento da Educação Física brasileira refletida no período do pós-guerra, passando para uma visão predominantemente voltada para o rendimento e a performance. No entanto, a segunda data, no ano de 1954, marca a descontinuidade da realização bianual das Olimpíadas Escolares no Estado do Espírito Santo.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O estudo busca compreender o processo de escolarização da Educação Física, bem como a continuidade e a descontinuidade das Olimpíadas Escolares no Estado do Espírito Santo, suas relações com o Estado, com a Cultura Esportiva capixaba e com os atores envolvidos no período de 1946 a 1954. Com o levantamento dos dados e análise das matérias veiculadas, apoiado no *paradigma indiciário* de Ginzburg (1990), buscamos elucidar de forma narrativa a circulação da Olimpíada Escolar no próprio ambiente escolar e na sociedade de uma forma geral.

Para Bloch (2001, p. 75), “[...] o passado é por definição um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, e incessantemente se transforma e se aperfeiçoa”. Com base nessa ideia, buscamos uma nova forma de compreender os acontecimentos históricos, consciente, também, de que outras possíveis interpretações possam ser estabelecidas nesse mesmo contexto e em outro momento.

As fontes documentais utilizadas para ajudar a compreender a circularidade do esporte como um fenômeno também no campo escolar são variadas e constituem o *corpus documental* da pesquisa. Dentre as fontes, utilizamos: os

¹⁰ Segundo os estudos de Betti (1991), os vários governos que encarnaram o Estado brasileiro a partir de 1930 trataram de implantar, como parte do Projeto Nacional, os seus modelos de homem e de sociedade por diversos meios, sendo um deles a escola.

jornais A Gazeta e A Tribuna, em suas seções esportivas, a revista *Vida Capixaba*, o arquivo “Coleções Especiais”, professor Aloyr Queiroz de Araújo¹¹ e entrevistas com ex-participantes das Olimpíadas Escolares.

Os jornais A Tribuna e A Gazeta foram utilizados, pois sabe-se que representavam os maiores veículos de informação existentes na Capital, onde procuramos nos discursos, indícios sobre as representações e interesses materializados nos aspectos políticos, econômicos e esportivos da cultura capixaba veiculada no período.

A Revista *Vida Capixaba* foi considerada uma revista de variedades, idealizada por Manoel Lopes Pimenta e Elpidio Pimentel, desde sua fundação, em 1923. Por mais de 30 anos de sua existência, veiculou sobre a vida social e política capixaba do período. Pretendemos, em nossa análise, compreender a circularidade da cultura esportiva capixaba, mediante a circulação das imagens iconográficas, principalmente em suas seções esportivas.

No estudo fizemos uso do arquivo intitulado “Coleções Especiais” professor Aloyr Queiroz de Araújo, localizado na Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo. Ele foi utilizado por possuir uma variedade de documentos do período estudado, permitindo-nos observar as Olimpíadas Escolares acontecendo e sendo relatadas em diferentes suportes, onde estão incluídos: relatórios sobre as organizações das edições das Olimpíadas Escolares; recortes de jornais encadernados em formato de diários cronológicos dos jogos; reportagens sobre a participação da U.A.G.E.S nos eventos estudantis, sobre a condição da Educação Física em Florianópolis, sobre decretos e leis aprovados em prol da Educação Física capixaba, sobre as Olimpíadas Escolares e sobre as comemorações da Semana da Pátria; atas de reuniões da Federação Universitária de Esportes Capixabas (Fuec).

No arquivo “Coleções Especiais” professor Aloyr Queiroz de Araújo, também encontramos alguns livros como Pedagogia Histórica, de sua própria autoria, o Regulamento nº 7 de Educação Física, o livro “Jogos olímpicos de ontem, de hoje e

¹¹ Coleções Especiais foi a denominação dada pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo a uma de suas salas onde se encontram alguns acervos por ela considerados “Coleções Especiais”. Ali se encontrava, então, o arquivo pessoal do professor Aloyr Queiroz de Araújo, diretor do Serviço de Educação Física do Estado do Espírito Santo, no período de 1946 até 1961. Ele foi o idealizador e coordenador geral das cinco edições das Olimpíadas Escolares no Estado do Espírito Santo e, em seu arquivo, continha recortes de jornais, atas, livros, ofícios e relatórios sobre as Olimpíadas Escolares.

de amanhã”: estudo histórico, técnico e social”, escrito pelo Dr. Américo R. Netto,¹² e comentários em forma de reportagens que posteriormente seriam enviados para o jornal A Gazeta.

Todos esses documentos nos possibilitaram algumas inferências sobre a temática, fornecendo-nos elementos para compreender de forma mais detalhada as representações de um dos criadores das Olimpíadas Escolares. Dessa forma, o arquivo “Coleções Especiais” professor Aloyr Queiroz de Araújo “[...] nos dá um quadro rico de suas ideias e sentimentos, fantasias e aspirações” (GINZBURG, 1989, p. 17)¹³. O professor Aloyr Queiroz de Araújo foi designado diretor da Escola de Educação Física do Espírito Santo que, em seguida, remodelada pelas transformações técnico-pedagógicas do governo, passou a Serviço de Educação Física (SEF) permanecendo nesse órgão entre os anos de 1945 e 1961.

Compreendemos que o documento não é neutro e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou do órgão que o escreveu e o guardou. Para Pinsky et al. (2006), é necessário o historiador conhecer a história da peça documental com a qual lida, contextualizando-a, percebendo as condições de sua redação e produção, observando com qual propósito, por quem e para quem foi escrita, entendendo esse documento no contexto da sua época. No entanto, boa dose de desconfiança é o princípio básico, além de uma leitura muito atenta para perceber que algumas imprecisões dessas fontes podem confirmar os interesses de quem a escreveu. Para a autora, não se deve julgar que o documento é a verdade; ele deve ser entendido com o olhar crítico em suas possibilidades e limites.

Conforme Schneider (2010), geralmente se utiliza a palavra imprensa apenas como um registro do acontecido e não como um ingrediente do acontecimento, entretanto a imprensa ajuda a dar forma ao que por ela é registrado, sendo uma força que não deve ser desconsiderada na constituição de uma dada realidade, uma vez que interpreta para o leitor o “acontecido”. Para produzir os efeitos esperados,

¹² Professor de História da Educação Física da Escola Superior de Educação Física de São Paulo, diretor da seção esportiva de São Paulo e chefe da delegação do Brasil na VIII Olimpíada, de 1924, em Paris. Seu livro foi veiculado pela Editora SPES de São Paulo, no ano de 1937.

¹³ Compreendemos que a montagem do arquivo “Coleções Especiais” professor Aloyr Queiroz de Araújo leva em consideração a lógica estabelecida pelo autor, que busca deixar para a posteridade uma memória do que ele considerava mais importante para os futuros estudiosos da sua própria história, assim como das atividades em que ele esteve envolvido. Dessa forma, o arquivo é uma montagem consciente de uma imagem do pretérito que busca moldar um passado real ou imaginário para o futuro.

de acordo com o autor, utiliza-se uma linguagem podendo ser exagerada, sensacionalista, fundamentada na imparcialidade ou na militância e, dessa forma, uma característica que não deve ser dada à imprensa é a neutralidade. Ainda de acordo com o autor, é preciso estar atento aos editores, pois:

Esse retorno ao passado não é apenas um exercício arqueológico que busca, com base na pesquisa histórica, compreender o pensamento dos sujeitos que em determinado momento constituíram e construíram uma forma de idealizar certos saberes para a Educação Física, mas tem-se por objetivo compreender a materialidade das práticas objetivadas em dispositivos, produtos de seu tempo e dos agentes que delas fazem uso em determinadas situações para a construção de uma identidade coletiva (SCHNEIDER, 2010, p. 213).

Em relação aos jornais, Pinsk (2006) alerta-nos que devemos nos precaver para o uso instrumental e ingênuo que toma os periódicos como meros receptáculos de informações a serem selecionadas, extraídas e utilizadas ao bel prazer do pesquisador, bem como se devem perceber as armadilhas reservadas pela imprensa, ao ir buscar num periódico precisamente aquilo que queremos confirmar, o que em geral acontece quando se desvincula uma palavra, uma linha ou um texto inteiro de uma realidade. Mas, por outro lado, segundo a autora, a escolha de um jornal justifica-se por entender a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção da vida social, negando aquelas perspectivas que a tomam como mero veículo de informações, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere (PINSKY, 2006).

Para Martins (2001), a constância do uso de revistas como fonte histórica vem revelando que frases e imagens de periódicos pinçadas aqui e acolá, descosturadas do mergulho em seu tempo – vale dizer, no imaginário construído ao seu tempo – não iluminam suficientemente o passado. A pertinência desse gênero de impresso como testemunho do período é válida, se levarmos em consideração as condições de sua negociação e também de sua produção.

Outro recurso empregado para a compreensão do objeto de estudo se refere à história oral que, por meio de entrevistas com os envolvidos diretamente e indiretamente nas edições das Olimpíadas Escolares, pode ajudar-nos na inferência sobre as tessituras do campo. A história oral, segundo Ferreira (2006), busca registrar e, portanto, perpetuar impressões, vivências, lembranças daqueles

indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos.

Entretanto, para Ferreira (2006), a despeito dos significativos avanços da pesquisa oral, um ponto, no entanto, é motivo de preocupação: o caráter limitado de reflexão e de discussão metodológica. Então, ao utilizar entrevistas como fonte de pesquisa, torna-se plausível levar em consideração seus limites para que a pesquisa não se torne uma obra ficcional. Alguns preceitos fundamentais devem ser observados, como a interferência do pesquisador, a intencionalidade do questionário e a utilização da memória como forma de interpretação.

Para nos orientar nos caminhos a serem seguidos, vimos que a aplicação do questionário é “[...] a primeira necessidade de qualquer pesquisa histórica bem conduzida” (BLOCH, 2001, p. 78). Essa forma de análise dos documentos faz com que o texto deixe “[...] de ser objeto predileto de nossa atenção. Apegamo-nos geralmente com muito mais ardor ao que ele nos deixa entender, sem haver pretendido dizê-lo” (BLOCH, 2001, p. 79). Outro recurso utilizado foi o uso da iconografia. A compreensão do significado de algumas imagens e o motivo pelo qual foram construídas pode alterar o conteúdo das imagens e ampliar nossa visão sobre a temática.

Segundo Kossoy (1989, p. 25), “[...] a imagem fotográfica compreendida como documento revela aspectos da vida material, de um determinado tempo do passado, que a mais detalhada descrição verbal não daria conta”, e o seu estudo contribui para o entendimento dos múltiplos pontos de vistas que os homens constroem a respeito de si mesmos e dos outros, de seus comportamentos, seus pensamentos, seus sentimentos e suas emoções em diferentes tempos e espaços. Assim, também Ferreira e Amado (2006) nos dizem que a imagem é uma forma de documentação visual que contribui para formar uma opinião sobre determinado acontecimento e, mais que isso, como fonte mnemônica. Mas, por outro lado, para Leite (1993), as imagens contêm elementos de representação do real, mas não é ele em si. Deve-se estar ciente de que ela é uma construção elaborada cultural, estética e tecnicamente. Ao utilizarmos as imagens no texto, consideramos como foco pensá-la como documento histórico, tentando perceber que transmitem características e

situações vividas que podem nos fornecer indícios para novas problematizações, superando uma tendência que entende os documentos iconográficos como meros objetos auxiliares de compreensão de um texto.

Como base teórica, utilizamos o conceito de *circularidade cultural* e as proposições do *paradigma indiciário* de Ginzburg (1989,1990), apoiado nos pensamentos de Elias (1992) em relação ao controle das pulsões e ao esporte como dispositivo civilizatório e também em Da Matta (1994), ao se referenciar nos diferentes sentidos e formas apresentados pelas manifestações do esporte. Ao confrontarmos alguns dados da investigação, procuramos estabelecer um conjunto de proposições relacionadas, construindo um discurso narrativo com características de ordenação, apresentação sistemática, organização do pensamento e sua articulação.

A forma como o objeto será analisado reflete analogicamente o pensamento de Da Matta (2003, p. 64), ao dizer-nos que “[...] uma dimensão fundamental dos esportes implica em seu valor como veículo de construção de identidades e como operador hierarquizante dos povos, das etnias, das nacionalidades e das regiões”, na medida em que propiciam permanentemente, mediante as competições entre unidades estruturalmente semelhantes, escalonamentos sempre avaliativos. E, também, ao pensamento de Elias e Dunning (1992), para quem o esporte moderno é visto como uma atividade humana controladora dos instintos e de uma violência original e primitiva sendo, portanto, um instrumento inibitório, sublimador e freudianamente “civilizador”. Sua abordagem do mundo esportivo serve como ilustração para o que denomina de “processo civilizatório”, uma progressão na qual “[...] modelos sociais de conduta e sensibilidade, particularmente em alguns círculos das classes sociais altas, começam a transformar-se, muito drasticamente, numa direção específica, desde o século XVI em diante” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 41).

Sobretudo, na análise e discussão da temática apresentada, nos amparamos nos conceitos de Ginzburg (1990) que nos direcionam a uma produção historiográfica por meio de uma leitura dos sinais das fontes, mediante seu *paradigma indiciário*. Sua proposta é centrada na análise dos resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores de uma realidade. Desse modo, para o autor, pormenores normalmente considerados sem importância ou até triviais

fornece a chave para desvendar as camadas dos dados mais intrínsecos das diversas fontes apresentadas. Por meio de vestígios e sinais, Ginzburg resgata, nos arquivos da Inquisição, a história de Domenico Scandella, conhecido como Menocchio, moleiro da cidade italiana de Friulli, que interpretou de forma inusitada e fez usos inesperados dos textos aos quais teve acesso. Ao voltar a nossa atenção para o fenômeno da *circularidade cultural* (GINZBURG, 1990), preocupamo-nos em evidenciar a circularidade entre diferentes formas de cultura esportiva e o influxo recíproco que uma exerce sobre a outra que pode impactar no ritmo em que acontecem as continuidades e as discontinuidades dos modelos esportivos propostos dentro da periodização estabelecida.

Como meio para criar o questionário da investigação, propomos algumas indagações sobre a realização das cinco edições das Olimpíadas Escolares que aconteceram bianualmente no Estado do Espírito Santo, entre os anos de 1946 e 1954:

a) Como se deu a organização das Olimpíadas Escolares e o processo de escolarização da Educação Física no Estado do Espírito Santo, tendo como foco as discontinuidades e continuidades dos jogos escolares organizados no meio escolar no período entre 1946 e 1954?

b) Como se relacionaram as Olimpíadas Escolares com a configuração da Cultura Esportiva capixaba no período entre 1946 e 1954, tendo como foco os novos padrões esportivos estabelecidos pelo Estado para o desporto escolar no meio educacional?

c) Como os envolvidos diretos e indiretos nas competições escolares estudantis relataram as Olimpíadas Escolares no período entre 1946 e 1954, assim como um periódico local, buscando analisar como ocorreu a discontinuidade do modelo esportivo no ambiente estudantil?

PLANO DE EXPOSIÇÃO

No primeiro capítulo, intitulado *Olimpíada Escolar e a escolarização da Educação Física no Espírito Santo entre os anos de 1946 e 1954*, buscamos analisar como se efetivou o processo de organização das Olimpíadas Escolares e de escolarização da Educação Física no Estado, verificando, ainda, como se deu a descontinuidade dos jogos escolares realizados pelos grêmios estudantis e o início da continuidade de um outro intitulado Olimpíadas Escolares. Utilizamos, como referencial teórico, Norbert Elias e Roberto Da Matta, observando o esporte como propagador de civilidades e de controle das pulsões, representado por suas diferentes formas e sentidos, e Carlo Ginzburg (1990,1989) na *circularidade cultural* e em seu modelo do *paradigma indiciário* para análise das fontes.

As fontes utilizadas se materializaram na grande imprensa capixaba¹⁴ por meio dos jornais A Gazeta e A Tribuna, em suas seções esportivas e o arquivo “Coleções Especiais” professor Aloyr Queiroz de Araújo que, juntos, formaram uma série documental. Em sua organização, observamos as Olimpíadas Escolares surgir para descontinuar as práticas esportivas organizadas pelos grêmios esportivos escolares por meio de intercâmbios, jogos amistosos e torneios escolares com finalidades aparentemente mais educativas.

As Olimpíadas Escolares foram instituídas bianualmente a partir do ano de 1946, pelo Serviço de Educação Física, órgão ligado à Secretaria de Educação e Cultura do governo do Estado. Seguindo os mesmos rituais olímpicos propostos por Pierre de Coubertin, os jogos possivelmente se constituíram um admirável evento para o governo e para a sociedade que, por meio da mocidade estudantil e do esporte, incutiam seu projeto nacional, civilizador e controlador das pulsões. Em seguida, constatamos que a escolarização da Educação Física no Estado do Espírito Santo esteve diretamente relacionada com a criação do Serviço de Educação Física onde estava localizada a Escola de Educação Física do Espírito

¹⁴ Também conhecida como grande mídia, é uma expressão usada para designar os principais veículos de um determinado sistema de comunicação social, considerando os setores tradicionais – emissoras de rádio e TV, jornais e revistas. O termo não tem uma origem historicamente delimitada, mas pode estar ligado à literatura acadêmica produzida pela escola da teoria crítica da comunicação e a conceitos como indústria cultural e comunicação de massa, surgidos ao longo do século XX (MARTINS, 2001, p. 63).

Santo, uma das pioneiras, em nível nacional, na formação de civis que ajudaram a compor o quadro de professores de Educação Física não só na Capital do Estado como também no interior.

No segundo capítulo, intitulado *Cultura Esportiva Capixaba e sua relação com a Olimpíada Escolar veiculada na grande imprensa, entre os anos 1946 e 1954*, buscamos compreender quais modalidades esportivas tiveram maior visibilidade e como o novo modelo esportivo estudantil, denominado Olimpíadas Escolares, foi representado pela grande imprensa capixaba no período proposto, tendo o esporte analisado em seus diferentes sentidos e formas. Utilizamos, como referencial teórico, Norbert Elias e Roberto Da Matta, observando o esporte como propagador de civilidades e de controle das pulsões, representado por suas diferentes formas e sentidos, e, ainda, apoiado na *circularidade cultural* e no *paradigma indiciário* de Ginzburg, nas análises das fontes e na construção da narrativa histórica.

As fontes utilizadas se materializaram na grande imprensa capixaba por meio dos jornais A Gazeta e A Tribuna, em suas seções esportivas e no arquivo “Coleções Especiais” professor Aloyr Queiroz de Araújo. Juntos formaram uma série documental que nos revelou a participação das Olimpíadas Escolares se aproximando das diferentes formas e sentidos do esporte que o fizeram parte integrante da Cultura Esportiva Capixaba. Demonstraram ainda que a continuidade das Olimpíadas Escolares no meio escolar afirmou e consagrou o atletismo como seu maior representante, superando o futebol de campo que, no período, detinha maior veiculação pela grande imprensa capixaba sendo acompanhado de outras modalidades, como o basquete e o voleibol.

No terceiro capítulo, intitulado *Olimpíada Escolar na imprensa periódica e na memória dos atores, entre os anos de 1946 e 1954*, buscamos, inicialmente, no periódico, abranger como as Olimpíadas Escolares foram representadas por meio da iconografia e, posteriormente, utilizando o recurso da história oral, percebermos como as Olimpíadas foram representadas pelos atores que estiveram envolvidos direta e indiretamente no evento esportivo estudantil, acompanhando quais foram os possíveis fatores que contribuíram para a descontinuidade das Olimpíadas Escolares no Estado do Espírito Santo, a partir de 1954. Utilizamos, como referencial teórico, Norbert Elias e Roberto Da Matta, observando o esporte como

propagador de civilidades e de controle das pulsões, representado por suas diferentes formas e sentidos, e, ainda, apoiamo-nos na *circularidade cultural* e no *paradigma indiciário* de Ginzburg, nas análises das fontes e na construção da narrativa histórica. As fontes utilizadas se materializaram na revista *Vida Capixaba* e nas entrevistas dos participantes diretos e indiretos das Olimpíadas Escolares, no período proposto. Constatamos que a imprensa capixaba teve papel atuante na veiculação do esporte como “fruto direto da modernidade” (SCHNEIDER, 2010, p. 160) e também das Olimpíadas Escolares que, em todas as cinco edições, foram lembradas por esse periódico e pelos atores envolvidos que, unanimemente, revelam que as Olimpíadas Escolares foram um evento promotor de integração social. A imprensa demonstra, ainda, a possível descontinuidade das Olimpíadas Escolares por motivos político-financeiros que o Estado do Espírito Santo enfrentou após a mudança de sua gestão governamental, a partir do ano de 1955.

1 A OLIMPÍADA ESCOLAR E A ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (1946 - 1954)

Resumo: Analisa a temática das Olimpíadas Escolares introduzidas no Estado do Espírito Santo entre os anos de 1946 e 1954. Objetiva compreender a relação da Olimpíada Escolar com o processo de Escolarização da Educação Física, tendo como foco as continuidades e descontinuidades de propostas para a realização dos jogos esportivos escolares. Como referencial teórico, fundamenta-se em Norbert Elias (1992), para compreender a relação das Olimpíadas Escolares com o processo civilizatório, Roberto Da Matta (1994), para analisar as diferentes formas e sentidos assumidos pelo esporte; e Carlo Ginzburg (1990,1989) na *circularidade cultural* e no *paradigma indiciário* para análise das fontes. Utiliza como fontes dois periódicos da grande imprensa capixaba, os jornais A Gazeta e A Tribuna, em suas seções esportivas, e o arquivo “Coleções Especiais” professor Aloyr Queiroz de Araújo. Percebe-se, por meio da imprensa capixaba, que as Olimpíadas Escolares foram realizadas com os mesmos rituais coubertianos e se constituíram como um meio utilizado pelo governo para organizar a mocidade estudantil em torno do esporte. Registra-se também que o mesmo órgão gestor das Olimpíadas Escolares era aquele que estava incumbido de organizar a escolarização da Educação Física no Estado do Espírito Santo, utilizando os mesmos recursos, humanos e financeiros para fazer circular os dois fenômenos, a escolarização e a esportivização.

Palavras-chave: Olimpíadas Escolares. Escolarização. Educação Física.

1.1 Introdução

Analisa a temática das Olimpíadas Escolares no contexto educacional, apresentando como fonte dois periódicos da grande imprensa capixaba, os jornais A Gazeta e A Tribuna, em suas seções esportivas, e o arquivo pessoal do professor Aloyr Queiroz de Araújo, localizado na biblioteca central da Universidade Federal do Espírito Santo. Objetivamos com a investigação, compreender como se deu a organização das Olimpíadas Escolares e o processo de escolarização da Educação Física no Estado do Espírito Santo, tendo como foco as continuidades e

descontinuidades das competições esportivas organizadas no meio escolar, no período entre 1946 e 1954. Como referencial teórico, utilizamos Elias (1992) e Da Matta (1994), para compreender a relação das Olimpíadas Escolares com os princípios civilizatórios e das diferentes formas e sentidos do esporte.

Para Bloch (2001, p. 163), a história é a “Ciência dos homens no tempo”. De acordo com o autor, não basta revisitar a história como se ela fosse apenas um amontoado de datas e fatos desconectados, nem olhar com as lentes da neutralidade. Os modelos de história vigentes articulam entre si, com concepções distintas, nascendo da própria forma de enxergar o mundo. Descaracterizada de qualquer neutralidade, a forma de contar a história está ligada às relações de poder. Assim, a história possui instituições, como as Olimpíadas Escolares, que criam as formas de se decidir o que é interessante ou desinteressante, saber sobre ela própria. Assim, buscamos nos pensamentos de alguns autores compreender como essa prática esportiva foi representada dentro do período proposto.

A forma como as Olimpíadas Escolares capixaba será analisada se aproxima dos pensamentos de Da Matta (2003, p. 46), especificamente quando diz que “[...] os Jogos Olímpicos podem ser compreendidos como rituais seculares de celebração da modernidade que influenciam as mais variadas competições esportivas, tais como Jogos e Olimpíadas Escolares”,¹⁵ e de Elias (1992, p. 129) no momento em que o autor afirma que “[...] o desporto pode ser utilizado como uma espécie de laboratório natural” para exploração das diferentes representações, como a competição e a cooperação, o conflito e a harmonia, que parecem ser, segundo a lógica e os valores correntes, alternativas que se excluem mutuamente mas que, nesse contexto, no que se refere à estrutura intrínseca do desporto, possuem uma interdependência evidente e complexa.

As Olimpíadas Escolares foram instituídas em um momento que podemos situar, seguindo as reflexões de Hees e Franco (2003), em meio a outras ações de modernização do Estado que estavam sendo instituídas. Entre elas, podemos citar a construção de hospitais, leprosário, presídios, asilos, acompanhando os demais Estados, como Santa Catarina e Paraná, nas campanhas de nacionalização do

¹⁵ Os estudos de Roberto Da Matta, (2003) objetivam discutir o espaço simbólico dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo de Futebol na sociedade brasileira, apresentando uma crítica da visão universalista e linear da esfera do esporte.

ensino nas zonas de colônias, melhorias nos setores de saneamento e transporte. Os autores, em seus estudos, perceberam que o Espírito Santo, para prosperar, precisaria se industrializar e superar o conceito de agrário¹⁶ que o colocava em uma condição atrasada e obsoleta, quando comparado com os demais Estados da Região Sudeste como Rio de Janeiro e São Paulo.

Nesse mesmo momento, em que ações de infraestrutura estavam sendo implantadas no Espírito Santo, constatamos que, no cenário nacional, conforme Cotrim (1999), a mocidade era um dos objetivos perseguidos para a efetivação e sequência do projeto de construção do Estado nacional, tendo no plano educacional o ensino cívico e os trabalhos manuais como prioridades.

Por outro lado, símbolo da modernidade, o esporte se colocava como um fator de notabilidade para o Estado, pois, segundo Rúbio (2010, p. 62), no pós-Segunda Guerra Mundial¹⁷, “[...] as medalhas passaram a ser contadas como ponto a favor de seus regimes, afirmando um certo tipo de superioridade”, em que vencer o outro era também mostrar ao mundo inteiro a sua vitória e superioridade contra o atraso. Nesse sentido, o esporte surgia como um dispositivo moderno predominante também no meio escolar,¹⁸ causando interesse entre as instituições. Então, entender como se deu a organização das Olimpíadas Escolares e o processo de escolarização da Educação Física no Estado do Espírito Santo, tendo como foco as descontinuidades e continuidades dos modelos esportivos organizados no meio

¹⁶ De acordo com Oliveira (2008, p. 474), “[...] as dificuldades de fixação do homem ao solo eram preocupantes e praticamente nenhum interesse pelo progresso, pela melhoria das condições de vida da população. [...]. A agricultura e a pecuária mereceram especial atenção no governo de Carlos Fernando Monteiro Lindenberg (1947-1951), consequência natural da filosofia política do homem que dirigia o Estado.”

¹⁷ Após a Segunda Guerra Mundial, as disputas que outrora exigiam do corpo vigor, saúde, força, contato corporal, resistência e demais valências físicas não seriam mais travadas nos campos de batalhas com contato direto, mas, sim, no campo de batalha simbólica do esporte, representadas principalmente nas competições esportivas das Olimpíadas da Era Moderna (RÚBIO, 2010). Esse fato, possivelmente, deslocou a Educação Física para a busca do rendimento e performance, contribuindo para a esportivização das aulas de Educação Física e o aumento de competições escolares em busca dos talentos esportivos que futuramente representariam a nação.

¹⁸ De acordo com Goellner (1992), o plano de Educação Física com base no Método Francês era dividido em seis ciclos: 1) Educação Física elementar (pré-pubertária) de 4 a 13 anos; 2) Educação Física secundária (pubertária e pós-pubertária) de 13 a 18 anos; 3) Educação Física superior (desportiva e atlética); 4) Educação Física feminina; 5) Adaptações profissionais; e 6) Ginástica de conservação (após 35 anos). As lições aplicadas se constituíam em sete formas de trabalho, as quais eram consideradas as suas grandes famílias: 1) marchar; 2) trepar – escaladas e equilíbrios; 3) saltar; 4) levantar – transportar; 5) correr; 6) lançar; e 7) atacar e se defender .

escolar no período entre 1946 e 1954, tornam-se elementos norteadores de discussão no estudo.

1.2 Modelos de esporte estudantil anteriores às Olimpíadas Escolares

Ao analisarmos como se organizavam as competições escolares antes da primeira data de instituição das Olimpíadas Escolares pelo governo do Estado do Espírito Santo, no ano de 1946, constatamos que os jogos escolares também eram realizados por meio dos grêmios esportivos estudantis, que faziam circular o esporte com finalidades educacionais e de integração social com a devida autonomia, que lhe era conferida naquele contexto, supervisionada e monitorada pelo próprio Estado. Para Daiuto, apud Nogueira (1948, p. 121), os clubes colegiais surgiram como uma “[...] forma prática e eficiente de dar o sentido de totalidade que a escola secundária necessitava para atender integralmente aos adolescentes”. Integrados por alunos que planificavam, organizavam e cumpriam todas as tarefas que eles mesmos determinavam, os clubes/grêmios escolares constituíam uma forma eficaz de concretizar o postulado do autogoverno. Nesse sentido, então, podemos observar que havia a intenção de envolver os estudantes nos projetos de esportivização da sociedade. Na reportagem e imagem a seguir, podemos perceber essas ideias sendo veiculadas pelos impressos.

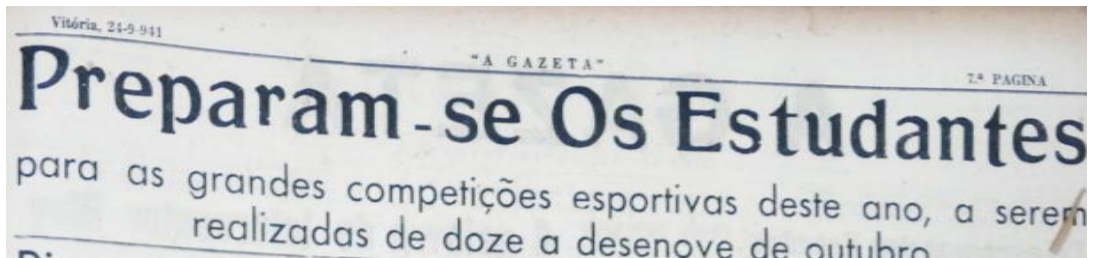
Às quatro horas da tarde chegamos à cidade sulina. A estação estava enfeitada de morenas bonitas. Ao desembarcarmos fomos avisados que o team do Collegio Pedro Palácios já nos esperava em campo para o maior encontro da tarde. Porém, após instalarmos nos hotéis da cidade e nos refrescarmos um pouco partimos para o estádio para nossos compromissos esportivos (ARAÚJO, 1939, p.16).

A citação demonstra um intercâmbio esportivo realizado na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, localizada no sul do Estado, entre o Colégio Estadual do Espírito Santo, organizado e representado pela UAGES¹⁹ e o Collegio Pedro Palácios da referida cidade. Por se instalar em hotéis da cidade, tal iniciativa denota que esses eventos eram realizados por uma elite estudantil, em função do considerável

¹⁹ De acordo com Araújo (1955), os grêmios lítero-esportivos foram oficializados no Estado do Espírito Santo a partir do Decreto nº 10.330, no ano de 1939. Segundo o autor, alguns educandários se anteciparam a essa normatização e um dos pioneiros foi a UAGES, fundada em 16 de maio de 1934, promovendo ações esportivas com finalidades educacionais.

dispêndio financeiro para sua realização. Os intercâmbios ocorriam em jogos de ida e volta com objetivos possivelmente mais educativos/civilizatórios e de integração social. Seguindo o contexto de organização de intercâmbios esportivos estudantis por diferentes órgãos, uma nota veiculada nas seções esportivas de um dos impressos da Capital nos aponta que:

Figura 1 – Organização de competições escolares.



Fonte: A Gazeta, 24 de setembro de 1941, p. 2.

Observamos na Figura 1, conforme a data da veiculação da matéria, no dia 24 de setembro de 1941, que competições e torneios estudantis já ocorriam no Estado do Espírito Santo antes do ano de 1946. Eram organizados, possivelmente, por diferentes órgãos como as ligas esportivas.

Porém, a partir do ano de 1946, o Estado decide tomar para si a organização dos jogos escolares, implantando uma nova forma de estruturação de competições escolares, denominada Olimpíadas Escolares. Essa ação governamental provavelmente contribuiu para a descontinuidade das competições escolares com uma vertente mais educativa, organizada pelos grêmios estudantis e estabelece a organização ou continuidade de uma nova proposta esportiva estudantil, intitulada Olimpíadas Escolares, com o próprio Estado atribuindo os sentidos que achava mais convenientes para materializar seu projeto político para o fenômeno esportivo.

1.3 Olimpíadas Escolares: início do novo modelo esportivo

A instituição das Olimpíadas Escolares aconteceu no ano de 1946, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, e os traumas deixados por ela e o fim do Estado

Novo, em meio ao período de transição de interventores federais²⁰ no Estado do Espírito Santo, e a retomada da democracia no Brasil. As Olimpíadas Escolares foram idealizadas no governo de Ubaldo Ramalhete Maia, pela Secretaria de Educação e Cultura, por meio do Serviço de Educação Física (SEF), cuja direção do órgão era exercida pelo professor Aloyr Queiroz de Araújo. Na visão do Estado, segundo Araújo (1948, p. 7), e nos pensamentos dos professores envolvidos no SEF, as Olimpíadas Escolares foram pensadas para “[...] satisfazer os naturais impulsos competitivos dos alunos, dentro de uma rivalidade sadia, franca e cordial, despertando-lhe o civismo, o devotamento e o espírito de solidariedade e de amor à pátria e aos seus semelhantes”. Então, averiguamos que a competição foi organizada com a finalidade de levar à mocidade princípios cívicos patrióticos por meio do esporte, sendo realizadas bianualmente em cinco edições entre os anos de 1946 e 1954.

A cerimônia de instituição das Olimpíadas Escolares foi registrada em imagens e nela podemos notar a adesão da juventude escolar à causa do esporte. Na imagem a seguir podemos perceber o ritual de abertura e a sua relação com o esporte olímpico.

Figura 2 – Abertura oficial das Olimpíadas Escolares de 1946



Fonte: Araújo, 1947, p.12.

²⁰ No ano de instituição da Olimpíada Escolar em 31 de agosto de 1946, no período da Segunda República, estiveram no poder do governo do Estado do Espírito Santo, o Sr. Otávio de Carvalho Lengruber no período de 06-11-1945 a 27-02-1946, em seguida, Aristides Alexandre Campos no período entre 27/02/1946 a 08/06/1946 e o Sr. Ubaldo Ramalhete Maia no período de 08/06/1946 a 14-10-1946, o Sr. Moacir Ubirajara da Silva, no período de 14-10-1946 a 29-03-1947.

A imagem registra a cerimônia de abertura da Olimpíada Escolar sistematizada no ano de 1946, demonstrando a organização de um grupo de escolares concorrentes de ambos os sexos envolvidos numa aura de disciplinamento e de devotamento àquela cerimônia. A abertura ocorreu no dia 31 de agosto de 1946, no Estádio de Jucutuquara, posteriormente denominado Estádio Governador Bley, em homenagem ao interventor federal João Punaro Bley.²¹

Em matéria denominada “*Será instalada hoje, em solenidade, a Olimpíada Escolar de 1946*”, veiculada a seguir, podemos perceber a circularidade do discurso que se queria inculcar na sociedade em relação ao novo modelo esportivo sistematizado pelo Estado:

Hoje solenemente será instalada a Olimpíada Escolar de 1946. Povo, estudantes e autoridades, todos estarão presentes ao estádio Jucutuquara, comemorando a instalação da olimpíada, movimento cívico-desportivo de grande significação na formação moral e física dos nossos jovens. Os governos bem orientados sabem do valor em proporcionar à juventude espetáculos como o de hoje. São competições em que o cérebro, o coração e os músculos entram em plena atividade formando um conjunto vivo bem proporcionado e saudável. Jovens com saúde! Jovens com boa formação moral! Jovens assim são uma garantia para o futuro de qualquer pátria! Por isso a educação física é hoje olhada com especial carinho pelos povos mais cultos do mundo! Um povo forte é um povo que vence! Fortalecendo nossos jovens, estaremos fortalecendo o Espírito Santo e estaremos fortalecendo o Brasil! A solenidade de hoje será presidida pelo Interventor Federal e outras altas autoridades estaduais. O povo em geral está convidado a assistir a instalação solene da OLIMPIADA ESCOLAR DE 1946 (A GAZETA, 31 de agosto de 1946, p. 3).

Observamos que as Olimpíadas Escolares foram instituídas e orientadas pelo governo, com apelo cívico-desportivo significativo para a formação moral e física dos jovens. O discurso aliava a importância da prática do esporte de forma competitiva a uma boa formação física e moral do povo do Espírito Santo e, ainda, aliava a organização das Olimpíadas Escolares à relevância da Educação Física no plano educacional, a qual era olhada com carinho pelos povos mais cultos do mundo. Portanto, se os povos cultos, considerados modernos, olhavam com carinho a Educação Física, possivelmente o Estado do Espírito Santo também deveria olhá-la no intuito de acompanhar o novo e o moderno. Nesse sentido, as Olimpíadas

²¹ João Punaro Bley foi um administrador público e militar. Administrou o Estado do Espírito Santo por quase uma década e meia, sendo interventor federal de 1930 a 1935, governador eleito pela Assembleia Legislativa estadual de 1935 a 1937 e novamente como interventor federal de 1937 a 1943.

Escolares tornaram-se um modelo esportivo, buscando mostrar as aspirações do Estado e das nações no período, tendo a presença dos jovens em competições esportivas voltadas para o rendimento e a performance.

1.4 Organização Cultural e Política das Olimpíadas Escolares

Nos registros iconográficos e reportagens sobre as Olimpíadas Escolares, observamos que o evento se dividia em duas partes. A primeira parte, conforme Araújo (1947), normalmente se iniciava em uma igreja predeterminada, onde ali era dada a bênção à tocha olímpica²² que, posteriormente, seguiria acesa para uma das praças da cidade, obedecendo a uma programação que envolvia a Igreja, os escoteiros, atletas e populares na condução/corrída do fogo simbólico. Como foram realizadas cinco edições das Olimpíadas Escolares, três em Vitória, uma em Muqui e outra em Colatina, em cada edição era homenageada uma Igreja Católica e uma praça pública distinta para a solenidade inicial. A segunda parte acontecia no dia seguinte, no estádio da cidade-sede, onde a programação transcorria conforme a reportagem:

Hoje às 19:30 horas, a chegada do Fogo Simbólico: Será cumprida hoje à noite a grandiosa Olimpíada Escolar de 1948, que o Serviço de Educação Física está promovendo em comemoração a passagem de mais um aniversário da Independência do Brasil. O Fogo Simbólico, conduzido em revezamento, por 26 atletas sairá do tradicional Convento da Penha com destino à Praça Oito, quando deverá chegar às 19:30 horas, em ponto.

Após a chegada do 'Archote Olímpico', realizar-se á a seguinte cerimônia:

- a) Formatura das representações estudantis;
- b) Hasteamento da Bandeira Olímpica;
- c) Hino Olímpico do Estudante, cantado pelos estudantes;
- d) Oração do prof. Geraldo da Costa Alves, alusiva ao Dia da Pátria;
- e) Hino da Independência cantado pelos estudantes e assistentes;
- f) Colocado o Archote no Altar Olímpico, onde permanecerá aceso, sob uma guarda de honra de escoteiros, até a tarde da manhã de domingo, quando, no revezamento, será conduzido ao estádio Governador Bley (A GAZETA, 22 de agosto de 1948, p.3).

²² A tocha olímpica era o monumento que abrigava o Fogo Simbólico olímpico. Inicialmente aceso na igreja onde recebia a bênção católica, em seguida era levado para uma das praças da cidade-sede das Olimpíadas Escolares, onde pernoitava sob a guarda dos escoteiros. No dia seguinte, dia da abertura oficial do evento, a tocha era conduzida até o estádio municipal para o acendimento da Pira Olímpica e, em seguida, apagado, finalizando sua função nas Olimpíadas Escolares.

Averiguamos que, em ambas as fases ou solenidades de abertura das Olimpíadas Escolares, tanto nas praças públicas quanto nos estádios, os rituais apresentados notadamente enfatizavam questões cívico patrióticas, inculcando nos participantes, por meio de ações e discursos, um sentimento de nacionalidade, constituidor de uma identidade coletiva de uma nação que almejava ser grande. Essas eram algumas das principais características da proposta de competição escolar que se apresentava à sociedade capixaba.

Como forma de exemplificar algumas dessas ações, temos o Hino Olímpico do Estudante capixaba, escrito por Ciro Vieira da Cunha, e música do Tenente Josias Cruz do Nascimento, que se tornou obrigatório nas solenidades de abertura das Olimpíadas Escolares:

I

Quando o sol cobre de ouro as estradas,
 Num convite ao trabalho feliz.
 Nossas almas em luz de alvoradas,
 Cantam hinos que os versos não diz ...

II

Quando o céu se ilumina de estrelas,
 Pondo sonhos na terra e no mar,
 Nossas almas, então, é de vê-las
 Debruçadas no livro, a estudar...
 Se do corpo fazemos muralhas,
 Preparamos no estudo, fuzis,
 Para as mais ardorosas batalhas
 Contra os maus, contra incréus, contra os vis...
Estrilho

Capixabas, irmãos abençoados!
 Somos dez, somos cem, somos mil...
 Mas seremos milhões encantados
 Para a glória sem par do Brasil
 (ARAÚJO, 1947, p. 22).

Observamos, na estrutura do Hino Olímpico em suas duas partes e no estrilho, a valorização da educação, do corpo saudável, forte e, também, da coletividade para a glória da nação capixaba e, conseqüentemente, brasileira.

Na segunda parte da solenidade de abertura, conforme Araújo (1949), a programação geral de instalação das Olimpíadas Escolares envolvia uma sequência de atividades que começava com a recepção das autoridades militares e civis; a formação das representações esportivas; a chegada do fogo simbólico, o hasteamento das bandeiras olímpica, municipal, estadual e nacional; o canto do

Hino Nacional; o pronunciamento do juramento do atleta; os desfiles dos grêmios concorrentes e a apresentação da ginástica rítmica. Como destaque dessa segunda parte da solenidade de abertura, notamos que o bailado coreografado das meninas da Escola Normal Pedro II, naquele momento, chamou a atenção da imprensa, como vemos:

Dos números apresentados todos belos a rigor deixou fabulosa impressão o **Bailado Evocativo do Fogo Simbólico**. Impressionante pela beleza, originalidade e execução. As Ludimilas da Escola Normal Pedro II com vestes e sapatos fosforescentes executavam sob incidência de artifícios luminosos, jamais empregados em Vitória **um bailado digno de autênticas virtuosos, assombrando pela agilidade, beleza e desempenho artístico, se assemelhando nos movimentos coreográficos, não a modestas amadoras do ballet, mas a autênticas bailarinas profissionais**, exímias e bem treinadas (A TRIBUNA, 7 de setembro de 1952, p.4 grifo nosso).

O evento, além de utilizar recursos luminosos inéditos, impressionava pelo caráter profissional da apresentação das alunas, configurando-se possivelmente como uma forma de circulação do esporte espetáculo e tornando-se um dos locais remanescentes dos métodos homogêneos ginásticos que, no período, foram superados pela heterogeneidade do esporte dentro do contexto da Educação Física, tendo a cientificidade, a busca pelo recorde, a parcialização dos movimentos como suas principais características, as quais atendiam às demandas do período, como exemplo, o modelo fabril de desenvolvimento, sinônimo da modernidade.

Em sequência, com a programação social do evento, de acordo com Araújo (1953, p. 22), a partir do ano de 1952, foram instituídas as “[...] eleições para as rainhas das Olimpíadas Escolares e solenidades para premiações tanto de atletas quanto de professores de Educação Física que se destacaram nas competições”. Nesses eventos eram entregues diplomas, medalhas e troféus para os destaques da competição escolar. A premiação possivelmente se tornou uma nova manifestação cultural para a imprensa, que dava visibilidade aos grêmios escolares vencedores, atletas, professores e suas rainhas, fazendo da parte cultural do evento uma nova atração das Olimpíadas Escolares:

Figura 3 – Rainha das Olimpíadas Escolares de 1952



Fonte: Araújo (1953, p. 16).

Na imagem, podemos visualizar uma das vencedoras do concurso para Rainha das Olimpíadas Escolares de 1952, Thais Fernandes Figueira, premiada em uma das solenidades de encerramento do evento esportivo estudantil. Essas comemorações sociais, acreditamos, aumentava a credibilidade das Olimpíadas Escolares dentro do meio escolar e social, contribuindo com a cultura esportiva capixaba e com a circulação do esporte, ao chamar a atenção da imprensa local. Por outro lado, vimos que, nesse projeto com ênfase no rendimento esportivo, além da esportivização das aulas de Educação Física, os atletas que se destacavam e o próprio evento escolar se tornava local profícuo de observações e assédios dos clubes esportivos, gerando possíveis tensões entre os grêmios estudantis, SEF e associações esportivas, culminando, conforme Araújo (1956), no impedimento da participação dos atletas estudantis que estivessem filiados a alguma dessas associações esportivas. Ainda, na medida em que o evento de premiação alcançava destaque social e midiático, acreditamos que as competições passavam a ser mais acirradas e competitivas entre as instituições participantes.

1.5 Organização técnica e financeira das Olimpíadas Escolares

Por meio do *corpus documental*, notamos que a organização das Olimpíadas era realizada pelo Conselho Desportivo Escolar. Esse órgão era composto por diretores escolares e professores do SEF, ficando responsável pela aprovação do regulamento, inscrição dos grêmios concorrentes, definição das modalidades a serem realizadas, escolha das cidades-sede, reuniões prévias com as escolas, transporte, alimentação e alojamento dos participantes.

Para Araújo (1949), o regulamento da competição prescrevia disputas em eliminatórias simples e cada modalidade se tornava um campeonato distinto.²³ Para participar do evento, os alunos deveriam estar matriculados em curso de ensino secundário mantido por estabelecimento oficial ou reconhecido, ter desenvolvimento normal e eficiência física devidamente atestado pelo médico do Serviço de Educação Física, respeitar o Código de Penalidades e ter no máximo a idade cronológica de 21 anos incompletos. Nesse projeto de jogos escolares propostos pelo Estado, além da padronização, por meio das normas, as disputas tornavam-se mais acirradas também devido ao critério de pontuação estabelecido e ainda não havia divisões em categorias ou faixas etárias entre os participantes.

Em relação aos grêmios estudantis, em contato com as fontes e utilizando como critério a média de três participações nas cinco edições realizadas, percebemos que na relação de grêmios concorrentes,²⁴ aqueles estabelecidos na

²³ A pontuação para desportos individuais obedecia ao seguinte critério: 10 pontos para o primeiro colocado e 6 pontos para o segundo, 3 pontos para o terceiro e 1 ponto para o quarto colocado. Nas modalidades coletivas: 20 pontos para a primeira equipe colocada e 12 pontos para a segunda equipe, seguindo essa proporcionalidade até o quinto colocado. No final, o educandário que somasse o maior número de pontos se tornava campeão das Olimpíadas Escolares, em competições distintas entre os sexos.

²⁴ Relação de grêmios concorrentes. **Capital do Estado:** Grêmio Littero-Esportivo Loren Reno, do Colégio Americano; o Grêmio Littero-Desportivo São Vicente de Paulo, do Ginásio São Vicente de Paulo; a União Atlética Ginasial Espírito Santo, do Colégio Estadual do Espírito Santo; a Associação Littero Esportiva Academia de Comércio, da Academia de Comércio de Vitória; o Grêmio Ruy Barbosa, da Escola Técnica de Vitória; a Associação Cultural Intelectual e Esportiva Salesianos, do Ginásio Salesiano; o Grêmio Littero-Esportivo Domingos Martins, da Escola Técnica de Comércio Domingos Martins; a Associação Littero Esportiva Escola Normal Pedro II, da Escola Normal Pedro II. **Interior do Estado:** o Centro Cívico da Juventude Coelho Neto, do Colégio João Bley de Castelo; o Grêmio Muniz Freire, do Colégio Muniz Freire de Cachoeiro de Itapemirim; o Grêmio Littero-Esportivo Recreativo Graciano Neves, da Escola Técnica de Comércio de Cachoeiro de Itapemirim; o Grêmio

capital, eram nove, e o número de escolas técnicas²⁵ predominava sobre o número de colégios e ginásios. No interior, tivemos uma média de dez grêmios esportivos representados pelos municípios de Alegre, Cachoeiro, Calçado, Castelo, Colatina, Guaçuí, Mimoso do Sul, Muqui e Santa Tereza, sendo que o número de colégios e ginásios predominava sobre o número de escolas técnicas. Esse contexto demonstra-nos as normatizações do sistema educacional, prevendo, no período, o ensino dos trabalhos industriais, agrícolas e técnicos; e, por outro lado, mostra-nos o enfraquecimento das ações dos grêmios esportivos, devido ao predomínio das ações do governo do Estado no meio escolar, provavelmente iniciando seu declínio como instituição estudantil.

Em termos de modalidades esportivas individuais, Araújo (1949) aponta que, na categoria masculina, os homens estavam representados com o atletismo,²⁶ tênis de mesa, remo, ciclismo, natação e, nos desportos coletivos, vimos o voleibol, o basquetebol e o futebol. Para as mulheres, na categoria feminina, eram selecionadas as modalidades individuais esportivas, como o atletismo, a natação, o ciclismo, a ginástica e, nos desportos coletivos, o voleibol. Dessa forma então, provavelmente não por condição técnica, mas por um quantitativo menor de provas a serem disputadas, em todas as edições, houve um número menor de mulheres participantes nas Olimpíadas Escolares em comparação com o número de homens.

Em relação aos demais detalhes técnicos, o evento exigia dos organizadores um plano de ação para que necessidades pontuais fossem resolvidas, como hospedagem, alimentação e transporte dos atletas. Para isso, recursos financeiros específicos e adicionais fizeram-se necessário para atender às demandas de um evento que ganhava relevância cultural e esportiva no cenário capixaba. Um desses

Euclides da Cunha, do Colégio de Muqui; o Grêmio Esportivo Graça Aranha, do Ginásio Mimosense de Mimoso do Sul; o Grêmio Littero-Esportivo 12 de Outubro, do Ginásio Irmãos Carneiro de Guaçuí; o Grêmio Esportivo Rui Barbosa, do Instituto Alegrense de Educação de Alegre; o Grêmio de Diversão e Cultura Castro Alves, do Ginásio São Pedro de Cachoeiro de Itapemirim; o Grêmio Littero-Desportivo 5 de Agosto, do Ginásio São Geraldo de Guaçuí (ARAÚJO, 1949).

²⁵ De acordo com Zorzal e Silva (1998), o Espírito Santo, ao contrário dos demais Estados da Região Sudeste, era extremamente carente de mão de obra técnica. A Escola Politécnica foi alinhada entre as iniciativas de maior relevo do governo de Jones dos Santos Neves.

²⁶ Atletismo masculino: corrida de 75 metros; revezamento 4 x 75 metros; corrida de 500 metros; corrida 83 metros com barreira; salto em altura; salto em distância; salto com vara; arremesso de disco, arremesso de dardo e arremesso de peso. No atletismo feminino: corrida de 50 metros; revezamento 4x50 metros; arremesso da pelota, arremesso de dardo, arremesso do disco e salto em distância (ARAÚJO, 1948).

recursos financeiros adicionais foi conseguido com ações criativas como mostra a próxima figura:

Figura 04 – Venda do Selo Olímpico na campanha do Fundo Econômico



Fonte: Araújo (1949, p.12).

A imagem nos mostra o selo comemorativo, vendido no período antecedente à realização das Olimpíadas Escolares, fazendo parte dos produtos da campanha do “Fundo Econômico”²⁷ para equilibrar a relação receita/despesa do evento. Para Araújo (1949), verbas específicas eram destinadas para o evento por meio do Estado e das Prefeituras Municipais quando estas sediavam o evento. Intuímos que diferentes manifestações culturais foram promovidas por esse novo modelo de esporte que, aliado também à sociedade, pode ter modificado hábitos e costumes no meio social, muito em função das ações que se relacionavam com o evento como movimentações de professores e diretores para as reuniões, a integração de

²⁷ A campanha do Fundo Econômico foi organizada pelo SEF com a função de minimizar as despesas que envolviam a organização do evento. Para isso, foram pensadas algumas ações como: venda de camisas, bonés, canetas, flâmulas, selo olímpico e chaveiros. Incluía ainda pedidos de doações em dinheiro no comércio e para empresas em geral (ARAÚJO, 1951).

pessoas de diferentes regiões do Estado que se movimentavam na época das competições e a importância dessas decisões veiculadas pela imprensa do período.

1.6 As edições das Olimpíadas Escolares

As edições normalmente eram realizadas no período de comemoração do Dia da Independência, com a duração de oito dias de evento obedecendo a uma sequência que perpassava pelas solenidades de abertura, as competições, a missa campal, o desfile escolar e a solenidade de encerramento. Foram realizadas cinco edições das Olimpíadas Escolares dentro da periodização estabelecida. A primeira edição, no ano de 1946, a segunda edição no ano de 1948 e a quarta edição no ano de 1952 foram realizadas em Vitória. A terceira edição foi em Muqui no ano de 1950 e a quinta e última edição foi efetivada em Colatina no ano de 1954. A seguir, trataremos das edições dos eventos, percebendo as suas particularidades no desenvolvimento das Olimpíadas Escolares entre os anos de 1946 e 1954.

Olimpíadas Escolares de 1946: Vitória

A realização da primeira edição das Olimpíadas Escolares se deu no governo de Ubaldo Ramalhete Maia. Nesta edição, o novo modelo esportivo proposto pelo governo contou apenas com os grêmios escolares da Capital, tendo a participação de 207 alunos inscritos de ambos os sexos. O evento marcou a descontinuidade de um modelo de jogos escolares organizados pelos grêmios esportivos escolares com finalidades mais educacionais, dando lugar a uma nova forma organizacional de competições estudantis pautada nos princípios coubertianos, incluindo dispositivos de controle (ELIAS, 1994) como regras, regulamentos e códigos de conduta. Na Figura 5, a seguir, podemos perceber a ênfase dada pela imprensa ao novo modelo esportivo proposto pelo Estado.

Figura 05 – Encerramento das Olimpíadas de 1946 com prova de remo



Fonte: A Gazeta, 18 de outubro de 1946, p. 2.

Notamos, em um primeiro momento, que nem sempre as Olimpíadas Escolares eram realizadas nas comemorações da Semana da Pátria como demonstra a data da matéria da Figura 5. Vimos, ainda, que as modalidades aquáticas, ajudadas pela própria conformação geográfica da Capital, faziam parte da cultura esportiva capixaba e, ainda, denotam a força do esporte como configuração, como equilíbrio de tensão ou expressão de autocontrole que cada vez mais representava uma resposta não planejada e, talvez, “[...] uma forma de poder desfrutar de emoções, de prazer pessoal coerente com a expectativa naquela sociedade” (LUCENA, 2001, p. 58). A presença do remo, mesmo presente uma única vez nas Olimpíadas Escolares, indicia-nos o provável distanciamento do modelo esportivo proposto com as aulas de Educação Física escolar e também uma possível exacerbação da rivalidade entre os grêmios como no caso da Capital, entre o Grêmio Loren Reno e a UAGES. Nessa edição, tornou-se campeã das Olimpíadas Escolares a UAGES, do Colégio Estadual do Espírito Santo, da cidade de Vitória, com o somatório de 92,5 pontos. Na categoria feminina foi vencedor o Grêmio Maria Ortiz, da Escola Normal Pedro II, da cidade de Vitória, com o somatório de 53 pontos (ARAÚJO, 1947).

Olimpíadas Escolares de 1948: Vitória

[...] o êxito alcançado com a Olimpíada Escolar de 1946 abriu luminosos horizontes para a realização de outra competição do gênero, destinada a todos os estabelecimentos do ensino secundário do Estado [...] hoje a Olimpíada Escolar deixou de ser uma festa exclusiva do estudante para se tornar um evento cívico desportivo de caráter popular (ARAÚJO, 1948, p. 12).

A segunda edição das Olimpíadas Escolares, no ano de 1948, sob o governo de Carlos Fernando Monteiro Lindenberg, moldada pelo seu idealizador como um evento cívico desportivo de caráter popular, iniciou seu processo de interiorização, demonstrando a estratégia de incentivar a circulação do esporte da Capital para outros espaços do interior do Estado. Nesse momento, grêmios estudantis do interior foram convidados para participar do evento, porém, talvez nem todos os grêmios escolares participaram das Olimpíadas Escolares por não se enquadrarem nos critérios estabelecidos pelo novo modelo esportivo, como exemplo, o não cumprimento dos prazos de inscrições de atletas e até mesmo a não classificação das equipes nas eliminatórias organizadas pelo SEF. Com um aumento de 157%, participaram do evento nesta edição 528 alunos/atletas (ARAÚJO, 1948, p. 81), sendo necessário que o Serviço de Educação Física (SEF) tomasse para si a responsabilidade de organizar e mediar a participação de cada instituição inscrita no evento.

No dia 02 de julho de 1948, no salão da Escola Técnica de Comércio de Cachoeiro de Itapemirim, realizou-se uma reunião dos membros do Conselho Escolar nesta cidade [...] falou sobre a resolução do Conselho em sua primeira reunião do ano, de afastar das competições os atletas inscritos em clubes esportivos [...] que em muito iria dificultar a composição das embaixadas. Foi enfatizado que esses atletas, em geral, são formados pelos estabelecimentos de ensino, sendo depois aproveitados pelos clubes. Por deliberação dos presentes, foi a reunião suspensa, em vista do avançado das horas (A GAZETA, 10 de junho de 1948, p.4).

A citação anterior mostra a preocupação que os organizadores tinham com a participação dos atletas “federados”, revelando um tensionamento entre o esporte estudantil e o esporte que circulava sob a organização das federações, clubes e associações. Nesse caso, decidiu-se pelo afastamento das competições escolares

dos atletas inscritos em clubes esportivos considerados já profissionais. Nesta edição o vencedor das Olimpíadas Escolares de 1948 foi o GLE Loren Reno, do Colégio Americano da cidade de Vitória, com o somatório de 72,5 pontos. Na categoria feminina, foi vencedora a ALD, da Escola Normal Pedro II, também da cidade de Vitória (ARAÚJO, 1949).

Olimpíadas Escolares de 1950: Muqui

A terceira edição das Olimpíadas Escolares, sob o governo de Carlos Fernando Monteiro Lindemberg, foi marcada pela estratégia da interiorização das Olimpíadas Escolares, que deixa a capital e segue rumo a outros recantos do Espírito Santo, especificamente para a cidade de Muqui, localizada na Região Sul do Estado. A cidade possivelmente foi escolhida²⁸ pelo Conselho Desportivo Escolar como cidade sede muito em função da influência política do diretor do Colégio de Muqui, Sr. Dirceu Cardoso²⁹ e da estrutura física que dispunha o colégio naquele momento. O município de Muqui ficou envolvido por diferentes manifestações culturais desde a presença de inúmeros atletas competidores em seu colégio, como o envolvimento de populares e atletas na condução do Fogo Simbólico, no desfile escolar na rua principal da cidade, e, até sob a forma de campanhas populares como a “Adote um atleta”, devido ao quantitativo de atletas participantes e as disponibilidades de alojamento reduzidas no município.

²⁸ A escolha da cidade-sede das Olimpíadas Escolares era mediada pelo Conselho Desportivo Escolar, composto por diretores escolares e professores do Serviço de Educação Física, os quais decidiam por voto tal escolha. Para se candidatar, as cidades deveriam escrever um memorial assinado pelo prefeito e pelos diretores escolares das instituições que participariam do evento, indicando para o Conselho que a referida cidade oferecia condições nos seguintes critérios: praça de esportes adequada, piscina, iluminação e sonorização nos estádios, auditório para palestras e reuniões, condições adequadas para acomodação dos atletas, verbas específicas para sua realização. A candidatas que atendessem melhor às expectativas era declarada a cidade-sede das Olimpíadas Escolares (ARAÚJO, 1956).

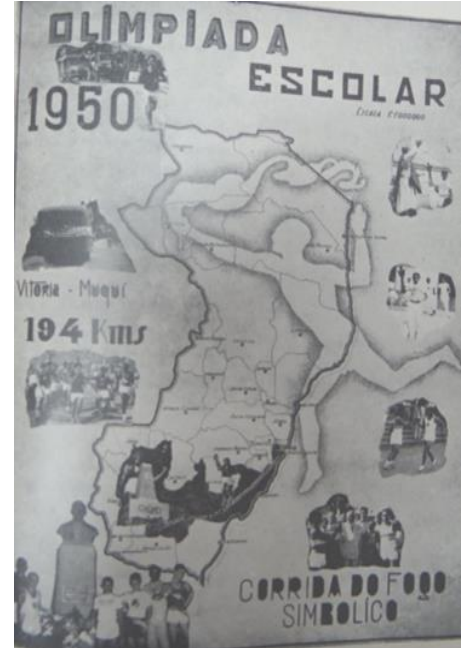
²⁹ O Sr. Dirceu Cardoso, foi prefeito de Muqui em 1947, foi secretário estadual de Educação e Cultura de 1938 e 1947. Foi eleito deputado estadual entre 1950 e 1954. Foi diretor do Colégio de Muqui entre os anos de 1937 e 1953 (BARROS, 1997).

Figura 06 – Colégio de Muqui, sede das Olimpíadas Escolares de 1950.



Fonte: Araújo, 1952, p. 21.

Figura 07 – Corrida do Fogo Simbólico, 1946.



Fonte: A Tribuna, 17 de maio de 1950, p. 5.

A Imagem 6 nos apresenta a estrutura interna do Colégio de Muqui onde foi realizada a Olimpíada Escolar do ano de 1950. Podemos visualizar uma piscina natural e um amplo espaço físico que poderia abrigar as diversas modalidades esportivas, como o basquete, o futebol, o voleibol, o atletismo, a natação entre outras modalidades que faziam parte do calendário de atividades dos jogos. Mostramos ainda, a presença da ginástica realizada com o intuito de transmitir a ordem, a disciplina e controle dos ritmos e dos gestos. Na Imagem 7, observamos um dos destaques dessa edição, a corrida do Fogo Simbólico,³⁰ que, saindo do lugar onde se encontra o túmulo do Padre Anchieta, em Vitória, percorreu 194km levado por atletas condutores até a cidade de Muqui na região sul do Estado. Segundo Araújo (1951), as ações definidas pelo SEF, buscaram adequar as provas ao espaço do Colégio de Muqui, onde visualizamos uma redução no número de participantes no

³⁰ Segundo Araújo (1950), a corrida do Fogo Simbólico conseguiu atrair grande curiosidade pública, havendo muitos populares, inclusive modestos colonos colaborando na sua condução até a cidade de Muqui. Na sua passagem por Iconha, Itapoama e Cachoeiro do Itapemirim, grandes homenagens foram tributadas ao Fogo Simbólico. Em Cachoeiro de Itapemirim e na sua chegada em Muqui, houve verdadeiro delírio da multidão presente que aplaudia entusiasmadamente o espetáculo que lhe oferecia a mocidade escolar capixaba (ARAÚJO, 1951, p. 26).

evento. Para que houvesse acomodações para receber as delegações na cidade-sede foi lançada a campanha “Adote um atleta”.³¹

Dessa edição participaram 428 atletas inscritos, tendo como vencedora das Olimpíadas Escolares de 1950 o Grêmio Euclides da Cunha, do Colégio de Muqui com 93 pontos. Na categoria feminina, tivemos como vencedora a ALEAC, da Escola Técnica de Comércio, da cidade de Vitória, com 40 pontos (ARAÚJO, 1951).

Olimpíada Escolar de 1952: Vitória

[...] para as Olimpíadas Escolares de 1952, pensando na inovação, propõe a inédita apresentação das solenidades de abertura no período noturno, além de ornamentações especiais na avenida Alberto Torres e praças adjacentes, ainda, incluindo a colocação de painéis alusivos à grande jornada desportiva que estaria por acontecer a partir do dia 04 de setembro de 1952 na capital (A GAZETA, 25 de agosto de 1952, p. 4).

Como visto no trecho anterior, a quarta edição das Olimpíadas, no ano de 1952, retorna para a Capital, apoiada e incentivada pelo então governador Jones dos Santos Neves, e pelo prefeito, José Ribeiro Martins. Esses fatos, incluindo ornamentações especiais e colocação de painéis alusivos demonstravam o desenvolvimento e uma maior abrangência do novo modelo esportivo proposto, bem como sua relevância no contexto sociopolítico capixaba.

Nesse momento, a continuidade das Olimpíadas Escolares já atingia a popularidade e o prestígio necessário para permitir que ações abrangentes no setor do esporte fossem realizadas pelo governo para ampliação do evento esportivo estudantil. A fim de explanar tal abrangência, conforme Araújo (1953, p. 11), podemos perceber que:

O estádio, como ponto central das competições, passou por grandes reparos em suas instalações. A fim de garantir o melhor rendimento técnico das competições noturnas teve sua aparelhagem elétrica renovada; no gramado foi armado o amplo tablado que serviu às exposições dos famosos Globetrotters, para as provas de ginástica, bailados, basquetebol e voleibol. Moderno e farto material desportivo foi adquirido pelo Serviço de Educação Física para atender as competições.

³¹ Como a cidade de Muqui não possuía espaço para abrigar todos os atletas foi lançada a campanha “Adote um atleta”. Moradores, de forma voluntária, habilitavam-se para receber em suas casas alguns dos atletas vindos de outros municípios no período da competição.

A citação demonstra que o governo do Estado não poupou esforços para reformar as instalações do estádio Governador Bley, para as competições e solenidades previstas, principalmente para a abertura das Olimpíadas Escolares de 1952, que culminaram na apresentação da equipe americana de basquetebol, conhecida como os Harlem Globetrotters,³² tida como uma das mais famosas do mundo, por fazer de suas partidas uma mistura de entretenimento e habilidades performáticas.

Assim, igualmente, vimos o esporte se apropriando das Olimpíadas Escolares tornando-se sinônimo de um projeto modernizador, evidenciando sua forma espetacularizada, materializada nas atrações da solenidade de abertura. Essas ações do esporte espetáculo, como passou a ser desenhada a organização do evento, ajuda-nos a compreender a afirmação de Da Matta (1994), quando, de forma crítica, nos alerta que não foi por meio do nosso Parlamento que o povo aprendeu a respeitar as leis, mas assistindo a jogos em que os vitoriosos não têm o direito de ser um ditador, e o perdedor não deve ser humilhado. Assim o *fair play*, ou jogo justo do homem cortês, ajuda a explicar o entendimento de “[...] que os jogos socialmente encaminhavam-se para uma paixão das massas e um acontecimento festejado e amado pelo povo,”[pois possibilitavam] a igualdade de condições” para a competição civilizada (p. 26).

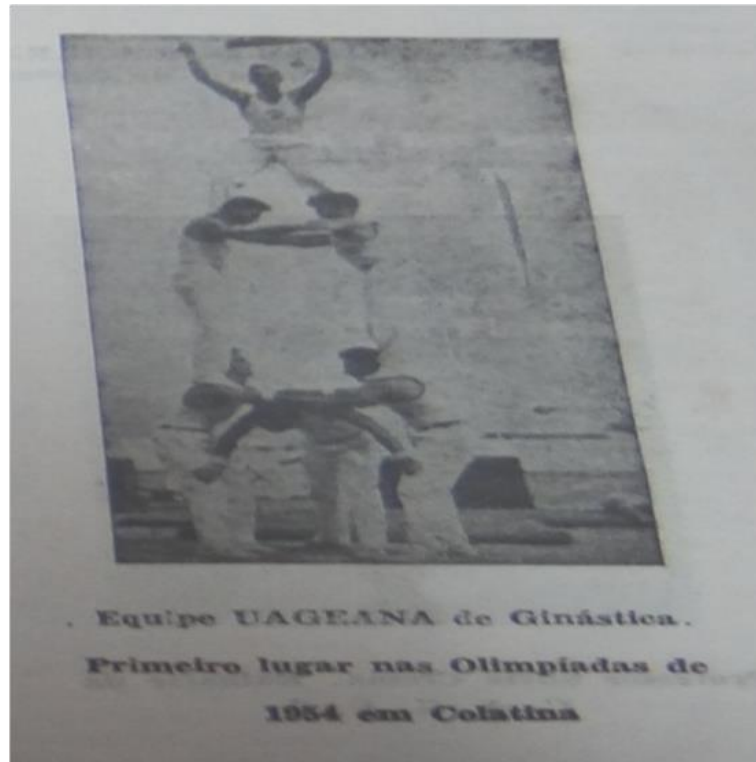
Com um número recorde de 697 atletas inscritos, foi proclamado o campeão das Olimpíadas Escolares do ano de 1952 o Grêmio Ruy Barbosa, da Escola Técnica do Comércio de Vitória, com o somatório de 124 pontos. Na categoria feminina, venceu, pela terceira vez, a ALD Escola Normal Pedro II com o somatório de 87,0 pontos.

Além dos destaques citados, nessa edição foi agregada ao programa de competições uma nova modalidade esportiva. A Figura 8 nos indica a presença da

³² Harlem Globetrotters, equipe de basquetebol construída na época de 1927, por Abe Saperstein, diretor esportivo anglo-americano de origem judaica, tendo como base três jogadores da equipe semi profissional Savoy Five, da cidade de Chicago, que tinha se dissolvido nesse mesmo ano. Adotou uma versão da música sweet Gerogria Brown para suas apresentações performáticas, com enorme sucesso. Efetuaram a primeira volta ao mundo difundindo o basquete em 1952, tendo em suas fileiras numerosos jogadores negros, sendo os mais famosos: Wilt Chamberlain, Gosse Tatum, Marques Haynes, Harrison e Lemon. O seu uniforme consistia em camisas azuis com estrelas vermelhas e brancas e calções listrados, nas cores vermelha e branca (SAMPAIO, 1999, p. 04). Nesse evento específico, o Saldanha da Gama enfrentou os negros do Harlem Globetrotters em um espetáculo sem precedente na história do basquetebol capixaba (A GAZETA, 6 de maio de 1952, p. 4).

ginástica nos jogos escolares, não mais apenas como uma parte do "aquecimento" que antecede as provas esportivas, mas como elemento competitivo dentro do evento.

Figura 08 – Ginástica esportivizada



Fonte: Araújo, 1953, p.27.

A nova roupagem da ginástica como modalidade esportiva demonstrada na Figura 8, aponta um momento de sua resignificação em face ao modelo esportivizado das aulas de Educação Física predominante nas instituições escolares do período. O *status* alcançado pelo esporte proporcionou o aumento significativo de competições esportivas, exacerbado muito em função do pós-Segunda Guerra, período em que o esporte simbolizou as disputas pela hegemonia mundial. Mas, conforme Juliá (2001, p. 23),

No momento em que uma nova diretriz redefine as finalidades atribuídas ao esforço coletivo, os antigos valores, não são, no entanto, eliminados como por milagre, as antigas divisões não são apagadas, novas restrições somam-se simplesmente às antigas.

Dessa forma, a ginástica passa por uma mutação no seu sentido dentro da competição. Ela não é eliminada como conteúdo, mas esportivizada. Segue os códigos do esporte e passa a compor os elementos das danças coreografadas, uma

forma de ressignificação, permanecendo visível no cenário da Educação Física escolarizada.

Olimpíadas Escolares de 1954: Colatina

A quinta edição do novo modelo esportivo estudantil foi realizada sob o governo de Jones dos Santos Neves, destacando a segunda interiorização das Olimpíadas Escolares, desta vez para o norte do Estado, tendo como palco do evento a cidade de Colatina. Acreditamos que a influência do então prefeito municipal Justiniano de Melo e Silva, ao viabilizar uma elevada soma em recursos financeiros, foi determinante para que a Princesinha do Norte fosse eleita pelo Conselho Desportivo Escolar como sede das Olimpíadas Escolares no ano de 1954. Esse ano também ficou marcado pela descontinuidade do evento realizado bianualmente desde 1946 pelo governo do Estado do Espírito Santo.

A Figura 9 a seguir, mostra-nos um fato veiculado pela imprensa capixaba, que relatava sobre uma ação inédita do SEF voltada para o incremento da parte cultural das Olimpíadas Escolares realizadas na cidade de Colatina:

Figura 09 – Concurso Pedagógico das Olimpíadas Escolares de 1954



Fonte: Araújo, 1954, p.26.

Como mostra a Figura 9, na edição de 1954, foi realizada a “I Exposição de Educação Física, Artes, Cultura e Cartazes Pedagógicos”, demonstrando, possivelmente, a ação do governo na ampliação das ações para além do setor esportivo, ao convidar para a mostra pedagógica os estudantes do ensino primário,

diretores e, ainda, clubes e ligas esportivas. A I Exposição, segundo Araújo (1956), apresentava temáticas pedagógicas sobre as Olimpíadas Escolares e a Pátria.

Outro fato de destaque, de acordo com Araújo (1956), foi a disputa acirrada que a cidade de Colatina teve que enfrentar, superando outros municípios como Cachoeiro de Itapemirim, Calçado, Mimoso do Sul e Santa Tereza para se tornar cidade-sede. Para Araújo (1956), a apresentação do memorial assinado pelo prefeito municipal e pelos diretores das escolas participantes de Colatina se comprometendo a cumprir as exigências impostas pelo CDE para as cidades candidatas foi decisiva.³³ Sendo assim, a disputa entre as cidades para sediar o evento se tornou estimulante, provavelmente por entenderem a acentuada visibilidade que o evento poderia proporcionar à cidade-sede na mídia do período que, posteriormente poderia ser convertido em capital simbólico pelos políticos da localidade.

Nesta edição, inscreveram-se 417 atletas, sendo proclamado campeão das Olimpíadas Escolares do ano de 1954 o Centro Social Guia Lopez, da Escola Técnica de Santa Tereza, com o somatório recorde de 143 pontos. Na categoria feminina, vencendo pela quarta vez, desponta a ALD Escola Normal Pedro II com o somatório de 78 pontos confirmando sua hegemonia no evento.

Ao longo das cinco edições do evento, as Olimpíadas Escolares foram consideradas por seus idealizadores como um movimento cívico desportivo de grande significação na formação moral e física dos estudantes (ARAÚJO, 1946, p. 6). Durante todas as realizações do evento, a Educação Física e o desporto estudantil capixaba estiveram sob o comando do SEF, que organizava e prescrevia o que o Estado achava que deveria ser realizado e quais modalidades poderiam configurar o rol disputado. Dessa forma, vimos que o esporte se configurou como uma síntese que consolidou as expectativas para os jogos escolares, tendo o esporte com seus diferentes sentidos e formas proporcionado manifestações culturais que possivelmente se notabilizaram no período.

³³ Exigências cumpridas como: inauguração do Estádio Justiniano de Melo e Silva, praça para esportes coletivos, verba específica municipal para gastos com o evento, vestiários com chuveiro e água quente, iluminação e sonorização no estádio, auditório para 300 pessoas, construção de uma piscina com apoio do governo estadual (ARAÚJO, 1955).

1.7 Escolarização da Educação Física no Espírito Santo: (1946 – 1954)

Para compreender a inserção da Educação Física em nosso Estado, é preciso entender a própria história da escolarização na intrincada organização em que ela se desenvolve. De acordo com Schneider e Locatelli (2014), desde a Primeira República, já havia sido descoberto o poder civilizador da escola e das disciplinas escolares e os países que implantavam a escolarização, considerando o analfabetismo um problema de Estado, tornando a escola laica, obrigatória e gratuita, confirmavam seu poder homogeneizador da sociedade e de influenciar o desenvolvimento econômico de uma nação. Com a obrigatoriedade da escolarização e a ampliação dos conteúdos escolares, por meio das reformas educacionais republicanas, a ginástica escolarizada passa a ser vista como capaz de moldar a sociedade brasileira física, moral e intelectualmente, materializando o ideal da Pedagogia Moderna, que procura homogeneizar corpos, hábitos e ideias, higienizando e regenerando o que seria considerado um homem novo, apto a enfrentar o mundo moderno daquele período.

Até a Revolução de 1930, conforme Schneider e Locatelli (2014), a Educação Física seguia o seu processo de institucionalização fundamentada no Método Sueco, mas, com a reforma Francisco Campos, realizada em 1931, outros elementos passaram a contribuir para a sua escolarização, como a obrigatoriedade do Método Francês de ginástica.³⁴ Em uma sociedade cada vez mais industrializada e competitiva, a exigência sobre a Educação Física incluída no sistema educacional não podia mais ser objetivada apenas como prevenção e correção das deformações físicas, devendo, naquele momento, se ocupar também em como ensinar como produzir com maior velocidade em um menor tempo, com gasto mínimo de energia,

³⁴ Conforme Bonorino et al.(1931, apud SCHNEIDER 2010, p. 170), “[...] o sistema de exercitação corporal oficial no Brasil, a partir de 1931 era o Método Francês, também conhecido como Regulamento nº 7. Sistema ginástico desenvolvido em França na escola de *Joinville-le-Pont*, que, em sua versão final (1919-1922), deram o nome de *Régulament Général d'Education Physique, Méthode Française*, que segue três orientações: Primeiro: o método visa ao desenvolvimento físico por meio de flexionamento e de exercícios educativos, não usuais, analíticos, os primeiros de grande amplitude e de grande rendimento e ainda por meio de jogos bem conhecidos. Segundo: é claramente utilitário, pela prática de exercícios ou aplicações sintéticas, regidas pelo princípio da economia de forças. Terceiro: é claramente esportivo, quer dizer que visa o aperfeiçoamento superior dos exercícios; prescreve a prática de todos os esportes na pura forma esportiva de competição, regulariza o seu uso e prepara, metodicamente, por meio de educativos especiais, exatamente aqueles que considera aptos a se beneficiarem pelos esportes em geral”.

como no ambiente fabril. O esporte, fruto direto da modernidade, torna-se um fenômeno aliado a esse novo contexto com características que o distingue de outras formas de exercitação corporal como “[...] a cientificação, especialização dos papéis, competição, rendimento, recorde” e racionalização do treinamento (ELIAS,1992, p. 112).

No Estado do Espírito Santo, o processo de escolarização da Educação Física dentro da periodização apresenta uma relação direta com o SEF, pois ele foi durante o tempo em que durou as edições das Olimpíadas Escolares um órgão que buscou controlar os sentidos do esporte, tanto dentro, quanto fora da escola, uma vez que se tornou responsável em disseminar o ideário olímpico. Convidar, controlar, punir e premiar os participantes, incentivar a participação e determinar quem deveria estar dentro ou fora do evento fez com que todas as escolas se adequassem ou, pelo menos, uma grande parcela, ao modelo proposto/imposto para a Educação Física e seus conteúdos de ensino naquele período.

Segundo Araújo (1947), até o ano de 1946, a Escola de Educação Física já havia formado, para o magistério estadual e para o desporto capixaba, 179 professores especializados, 9 monitores de Educação Física e 12 monitores técnico-esportivos. Pela sua eficiente organização,³⁵ o padrão de Educação Física do Estado do Espírito Santo circulou não só dentro do próprio Estado, mas também em outras regiões da Federação como Santa Catarina, Pernambuco e Piauí.

O Departamento de Educação Física, desde a sua criação, mudou de Inspeção para Diretoria e, no ano de 1946, transformou-se no Serviço de Educação Física do Estado (SEF), passando a funcionar anexo à Secretaria da Educação e Cultura. Para Araújo (1953), foi nesse setor que a disciplina Educação Física obteve

³⁵ Conforme Araújo (1955), a Educação Física do Espírito Santo gozava de um grande conceito em todo o País. Como prova, tem-se o Ato 745, de 22 de junho de 1949, do Governo Federal, designando a Escola de Educação Física para sede dos exames de habilitação profissional de professores, médicos e técnicos desportivos de Minas Gerais, sendo as bancas examinadoras compostas de seus próprios professores. Antes desse ato do Governo Federal, alguns dos nossos professores já haviam sido chamados a prestar serviços em outros Estados da União. A professora Luzia Paoliello foi dirigida a cadeira de Educação Física Geral, no Curso de Emergência no Distrito Federal. O professor Manuel Carvalho de Anchieta foi colocado à disposição do Estado do Piauí no ano de 1938, onde organizou a Inspeção e o Curso de Emergência em Educação Física. Nesse mesmo ano, o professor Aloyr Queiroz de Araújo foi posto à disposição do governo de Santa Catarina, com o encargo de organizar o ensino da Educação Física. Depois, em 1942, foi exercer idênticas funções em Pernambuco. Segundo Araújo (1955), não fosse o destino, ele teria aumentado essa participação. Isso só ocorreu devido ao desaparecimento do professor Adão Benezath, quando se dirigia para assumir tal cargo no Estado de Pernambuco.

o impulso necessário para sua orientação metódica, científica e pedagógica, tendo por finalidade difundir, regulamentar e controlar a prática de atividades físicas nos estabelecimentos de ensino secundário estadual. No período, já se encontrava esportivizada pela circulação do esporte com seus princípios civilizatórios.

As Olimpíadas Escolares foi uma das formas de o SEF dar visibilidade ao esporte que já vinha sendo praticado na escola e, ao mesmo tempo, revelar talentos no campo esportivo. Para chamar a atenção, publicam-se na imprensa matérias que davam destaque ao evento organizado por esse órgão, enfatizando a grandiosidade do evento:

Para melhor atender a sua finalidade, foi o regulamento do Serviço de Educação Física atualizado pelo decreto nº 9 de 12 de agosto de 1947, no qual foi traçado para aquele órgão, especializando um plano de atividades, que, por certo, só vantagens poderá trazer para o ensino da educação física entre nós.

Além de prever a construção de praças de esportes, campos de educação física, jogos e recreação [...] **Entre as ações mais destacadas do Serviço de Educação Física, destaca-se a OLIMPÍADA ESCOLAR DE 1946, a qual ficou registrada como uma das mais sensacionais competições desportivas realizadas em Estado, realizada nestes últimos anos.** O que o ensino da educação física mais se ressentia é de instalações apropriadas à sua prática. Este ponto não tem sido descuidado por aquele Serviço, pois várias providências já estão sendo tomadas junto às autoridades competentes (A TRIBUNA, 19 de abril de 1948, p. 5, grifo nosso).

Observamos que, possivelmente, o SEF não só contribuiu para a escolarização da Educação Física, suprimindo carências de professores no interior do Estado no período, como também foi responsável pela criação de uma nova proposta de competições estudantis voltada mais para o rendimento e performance, e que encontrou no esporte uma forma de colocar o Espírito Santo no que eles consideravam o trilha da modernidade, uma atividade urbana e regrada que buscava inculcar novos valores nos envolvidos.

1.8 Considerações Parciais

Em nossas considerações, vimos que, antes da periodização proposta pelo estudo, as práticas esportivas escolares eram organizadas tanto pelos grêmios lítero-esportivos como pelas ligas esportivas sob a forma de intercâmbios escolares,

torneios escolares e jogos amistosos. Verificamos que no Espírito Santo essas ações foram oficializadas no ano de 1939, mas já em 1934 essas manifestações eram realizadas pelos grêmios estudantis da Capital.

Em seguida, vimos que, a partir da periodização estabelecida, houve interesse decisivo por parte do Estado em tomar para si a organização das competições escolares. Esse motivo talvez possa estar relacionado com um projeto maior de estabelecimento e confirmação da construção de uma identidade nacional, tendo como base ações cívicas patrióticas realizadas em datas comemorativas, como a Semana da Independência do Brasil, tendo como foco a mocidade estudantil. Tal interesse pelo Estado, aliado ao movimento pós-Segunda Guerra, provocou o deslocamento da Educação Física para sua esportivização, culminando no aumento de organizações de competições esportivas escolares com finalidades de rendimento e performance, incluindo as escolares.

Nesse sentido, salientamos que as Olimpíadas Escolares foram organizadas no governo de Ubaldo Ramalhete Maia, pela Secretaria de Educação e Cultura, e idealizada pelo Serviço de Educação Física, os quais entenderam que um novo modelo esportivo escolar devia fazer parte de seu projeto educacional. Em um segundo momento, apreendemos que suas ações estiveram voltadas para além do campo esportivo, com projetos pedagógicos que incluíam outras instituições, como os clubes esportivos e as ligas, que possivelmente causaram o declínio dos grêmios estudantis no meio escolar.

As Olimpíadas Escolares foram realizadas em cinco edições bianuais, normalmente na Semana da Pátria, e incluíam em sua programação ações cívicas desportivas. Sua organização geral ficava por conta do Conselho Desportivo Escolar (CDE), o qual era constituído por diretores escolares e professores do Serviço de Educação Física. Essa nova proposta esportiva estudantil demonstrou diferentes manifestações culturais incluindo sua forma espetacularizada, que incutia nos envolvidos princípios civilizatórios e o controle das pulsões.

Observamos que a escolha das cidades-sede para a realização das Olimpíadas Escolares era feita por meio de um cerimonial, no qual as candidatas apresentavam suas qualidades por meio de critérios preestabelecidos. Entretanto, possivelmente ações políticas e o poder financeiro dos representantes também

interferiam na escolha mediada pelo Conselho Desportivo Escolar que as deslocaram tanto para Muqui, no ano de 1950, quanto para Colatina, no ano de 1954.

Ressaltamos que o novo exemplo esportivo proposto pelo Estado obteve apoio da imprensa capixaba, ajudando na circulação do esporte e elevando as Olimpíadas Escolares como parte integrante da cultura esportiva capixaba.

Notamos que o processo de escolarização da Educação Física no Espírito Santo, na periodização proposta, foi em parte influenciado pelo Serviço de Educação Física, órgão do governo criado para controlar e dirigir as ações referentes à Educação Física nas escolas secundárias do Estado, que capacitavam e formavam para o mercado de trabalho professores e monitores da área. Acreditamos que esse setor aumentou sua abrangência e eficácia quando, no ano de 1946, oficializa as Olimpíadas Escolares que contribuiu tanto no processo de desenvolvimento da Educação Física, quanto também para a esportivização das aulas dessa disciplina.

Consideramos ainda que o esporte, com suas características heterogêneas ,materializadas nas Olimpíadas Escolares, tenha contribuído de forma eficaz dentro do período, colocando o Estado do Espírito Santo nos trilhos da modernidade, ao realizar competições escolares nos moldes das Olimpíadas da Era Moderna e ao acompanhar as demandas do setor educacional e fabril.

2 CULTURA ESPORTIVA CAPIXABA E SUA RELAÇÃO COM A OLIMPÍADA ESCOLAR VEICULADA NA GRANDE IMPRENSA (1946-1954)

Resumo: Busca discutir as práticas culturais esportivas que configuraram o campo esportivo capixaba e que circularam na sociedade, no período entre 1946 e 1954. Como *corpus* documental, utiliza dois jornais da Capital veiculados no período, em suas seções esportivas, e o arquivo pessoal do professor Aloyr Queiroz de Araújo. No percurso metodológico, utiliza proposições de Roberto Da Matta (1994) e Norbert Elias (1992), para pensar o objeto em suas diferentes formas e sentidos, enfatizando o que se convencionou chamar de princípio civilizador, que busca ser um controlador de pulsões, de desejos e da individualidade. Apóia-se conceitualmente na *circularidade cultural* (1990) e no *paradigma indiciário* de Ginzburg (1989) que, por meio das diferentes manifestações culturais produzidas e dos indícios e pistas deixados nos documentos, nos levem a compreender as continuidades das Olimpíadas Escolares no Espírito Santo. Consideramos que as Olimpíadas Escolares fizeram parte da cultura esportiva capixaba, sendo veiculadas pela grande imprensa do período, dando continuidade a um novo padrão esportivo estudantil que utilizou o esporte em suas diferentes formas e sentidos.

Palavras-chave: Cultura esportiva. Esporte. Olimpíadas Escolares.

2.1 Introdução

Após discussão realizada, ressaltamos que as Olimpíadas Escolares foram instituídas pelo Serviço de Educação Física (SEF), órgão da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Espírito Santo, na semana de comemoração do Dia da Independência. Um ponto que nos chamou a atenção foi apreender sobre a descontinuidade da forma de organização de competições escolares, que, antes da periodização, eram realizadas pelos grêmios esportivos por meio de intercâmbios e torneios escolares com finalidades integrativas e educacionais. A partir de 1946, as competições escolares passaram a ser organizadas pelo Estado, sistematizando o que consideramos como um novo modelo esportivo pautado por códigos e rituais

que iam ao encontro de seu projeto civilizador. Compreender a continuidade dessa nova organização de competições escolares pelo Estado, aliado agora aos diferentes sentidos e formas do esporte, acreditamos que possa nos fornecer pistas importantes para a discussão da temática.

A organização e instituição das Olimpíadas Escolares no Espírito Santo estiveram permeadas por algumas manifestações culturais no período que circularam em diferentes segmentos da sociedade. Tais manifestações culturais ocorriam antecipadamente nas cidade- sedes, podendo ser percebidas no comércio por meio das campanhas populares; nas casas de voluntários que iriam receber os atletas na semana do evento estudantil; por meio de doações e vendas de produtos com a logomarca das Olimpíadas Escolares que ajudavam custear o evento; e pela própria mídia que antecipava as notícias sobre as Olimpíadas. Na escola, essa manifestação cultural foi sendo demonstrada pela apropriação de um novo projeto para as competições esportivas escolares, voltado para a formação de equipes competitivas, esportivizando, assim, as aulas de Educação Física. Tais mudanças culturais ainda puderam ser sentidas nas possíveis ações políticas voltadas para o esporte, e pela própria imprensa capixaba que divulgava a circulação do esporte. Enxergava-se grêmios escolares formas de inculcar seus princípios civilizatórios por meio do esporte tanto para espectadores quanto para os participantes que presenciavam as Olimpíadas Escolares.

Procuramos um caminho que nos possibilite desvelar quais modalidades esportivas contribuíram para a formação da Cultura Esportiva capixaba, traçando, concomitantemente, uma relação com as Olimpíadas Escolares. Ao pensarmos o objeto na periodização, pensamos na construção intencional de uma narrativa de eventos, buscando entender, conforme Bloch (1998, p.54), que “[...] por trás dos grandes vestígios sensíveis de grandes paisagens os artefatos ou as máquinas, por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar”.

A periodização nos mostra, em sua primeira data, no ano de 1946, o período de instituição de um novo projeto esportivo estudantil idealizado pelo Estado nos moldes das Olimpíadas da Era Moderna; e na segunda data, no ano de 1954, a

descontinuidade dessa proposta após cinco edições realizadas bianualmente, sendo três na Capital e duas no interior do Estado.

No percurso apresentado, utilizamos as proposições de Roberto Da Matta (1994) e Norbert Elias (1992) para pensar o objeto em seus diferentes sentidos e formas, enfatizando seu princípio civilizador, que busca ser um controlador de pulsões, de desejos e da individualidade. Também nos apoiamos na noção de *circularidade cultural* (1990) e na proposta metodológica do *paradigma indiciário* de Ginzburg (1989). Utilizamos, como fontes para o estudo, a imprensa capixaba representada pelo jornal A Gazeta e A Tribuna, utilizados por serem os periódicos que buscavam noticiar os acontecimentos esportivos da região, que faziam circular representações sobre o sentido do esporte em suas diferentes possibilidades. Esses impressos eram aqueles que apresentavam a maior tiragem no período. Suas reportagens sobre o esporte compõem o arquivo “Coleções Especiais” professor Aloyr Queiroz de Araújo, que também será utilizado como uma das fontes para o estudo.

Elias (1992) projeta uma teoria da busca da excitação e o controle das pulsões como pontos centrais no contexto esportivo. Para o autor, o desporto é, de fato, uma das maiores invenções sociais que os seres humanos realizaram, oferecendo às pessoas a excitação libertadora de uma disputa que envolve esforço físico e destreza, enquanto reduz ao mínimo a ocasião de alguém ficar seriamente ferido. A característica principal dessa representação, que nasce nos círculos aristocráticos, é a capacidade de estimular formas de tensão-excitação de um combate simulado que “[...] envolve o esforço físico e o divertimento, tanto como participantes, ou quanto espectadores que em um equilíbrio de forças e em tensão, pode fazer aflorar genuínos momentos de autocontrole, de catarse³⁶ e da liberação das pulsões e das energias contidas” que, em certo momento, produz a liberação da tensão (ELIAS, 1992, p. 247).

³⁶ A catarse é um processo de envolvimento coletivo dentro do teatro grego, onde os indivíduos exteriorizariam seus desejos, suas emoções e euforias. Aristóteles afirmava que a arte imita a vida e por isso, nas expressões artísticas, as pessoas conseguiam um momento de envolvimento com a peça. Nesse envolvimento, ocorreria a incorporação das regras morais, já que as tragédias gregas têm como característica principal o cunho moralista e ético da sua sociedade.

Para Elias (1992), o estabelecimento gradual do regime parlamentar inglês³⁷ representava um avanço pacificador muito parecido com o processo de esportivização, pois os próprios confrontos parlamentares não eram inteiramente desprovidos das características de um desporto; nem essas disputas parlamentares, em grande medida verbais e não violentas, isentavam os participantes da tensão-excitação agradável, existindo afinidades óbvias entre o desenvolvimento e a estrutura do regime político inglês e a esportivização no mesmo período.

Elias (1992) afirma que os momentos de lazer, ou de explosões de pulsões, não podem abalar o processo civilizador das sociedades complexas, porque o próprio momento de exteriorização das repressões é uma construção desse processo, partindo de uma ideia geral, de que a busca da excitação é uma necessidade social e faz parte da formação das sociedades complexas. Assim, o esporte materializado também nas Olimpíadas Escolares se torna um facilitador para a incorporação das normas, porque, teoricamente, se não houvesse o alívio das repressões, ocorreria uma implosão interna, uma neurose mimética coletiva que levaria a uma instabilidade social muito mais ampla, por isso a necessidade do esporte, do lazer etc.

Segundo Gebara (2002), a história do esporte e do lazer é a história do processo de construção do comportamento e das instituições, tanto quanto das suas contradições, afinal, é bom não esquecer que os retornos à violência, tanto no esporte com as torcidas organizadas, quanto na política em relação ao nazismo, são processos descivilizadores. Em todos os casos, é fundamental nunca perder de vista uma perspectiva de longa duração, em que tais processos não são marcados por rupturas, mas por maior continuidade ou descontinuidade e, em qualquer estudo dessa natureza, a pluralidade das relações entre seres humanos é o universo privilegiado de análise para se entender a circularidade da cultura.

De acordo com Ginzburg (1990, p. 79), o termo *circularidade cultural* é “[...] um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se move de baixo para cima, bem como de cima para baixo, sendo exatamente o oposto de uma

³⁷ O acordo de não lutar por meio da violência por cargos governamentais e pelos seus poderosos recursos, mas apenas conforme regras estabelecidas por mútuo consentimento, por meio de palavras, votos e dinheiro, começou a merecer cada vez mais apoio. “Vale a pena sublinhar que esta concordância integrava, também, um equilíbrio de tensão moderadamente instável entre vários grupos” (ELIAS, 1992, p. 250).

autonomia e continuidade da cultura”. Ao utilizarmos esse conceito, pensamos nas relações de apropriação entremeadas entre o esporte, a cidade, o Estado, a escola, e as Olimpíadas Escolares. E, em seu *paradigma indicário* (1989), buscamos nos documentos perceber seus indícios e sinais, uma vez que nada do que aconteceu deve ser perdido para a história, ajudando-nos na construção da narrativa histórica.

Para Pires (2000), os conceitos de cultura são múltiplos e, às vezes contraditórios. Dentro de algumas teorias chamadas evolucionistas, cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente e é, também, todo comportamento aprendido de modo independente da questão biológica. Outro dado a considerar é que as culturas estão sempre em interação, pois nenhuma cultura é isolada; há trocas culturais e influências mútuas em todas as sociedades e, nesse sentido, se todas as culturas são dinâmicas e mudam ao longo do tempo, todas as sociedades são também históricas, independentemente de serem tribos ou grandes Estados.

Em relação a essas diferentes manifestações culturais, Pires (2000, p.15), define Cultura Esportiva como “[...] o conjunto de ações, valores e compreensões que representam o modo predominante de ser/estar na sociedade globalizada, em relação ao seu âmbito esportivo, cujos significados são simbolicamente incorporados através, principalmente, da mediação feita pela indústria da comunicação de massa”. Dessa forma, se quisermos compreender as manifestações de uma dada cultura esportiva, como as Olimpíadas Escolares, é preciso voltar a atenção para a imprensa do período, analisando as práticas esportivas que nela circularam e seu local de produção.

Então, para o estabelecimento de uma analogia entre a cultura esportiva capixaba e a Olimpíada Escolar, pontuamos fatores considerados primordiais que, ao serem explicitados em contato com o *corpus documental*, podem contribuir para o entendimento da problemática em questão que busca compreender como as Olimpíadas Escolares foram relacionadas com a configuração da cultura esportiva capixaba no período entre 1946 e 1954, tendo como foco os novos padrões esportivos estabelecidos pelo Estado para o desporto escolar no meio educacional.

2.2 Esporte moderno: diferentes sentidos e formas

Segundo Pacheco (2012), ao longo do século XX, o termo modernização encampou ideias, práticas, representações e projetos de modernidade, apropriados de maneira ideológica e aplicados, pragmaticamente, na tentativa de equiparar povos e nações que, em contextos históricos específicos, eram tomados como modelares do que seja a modernidade, em termos econômicos, políticos e/ou sociais. Ao consideramos os estudos de Hees e Franco (2003), verificamos que o Estado do Espírito Santo, dentro da periodização estabelecida, buscava ações modernas para superar um modelo ainda predominantemente agrário enraizado pela monocultura do café.

Para Da Matta (1994, p. 13), a função do esporte no mundo moderno tem uma ligação íntima com dois aspectos fundamentais, “[...] a disciplina das massas que o esporte ensina e reafirma, e a sua ligação íntima com o *fair play*, pois o esporte trivializa a vitória e a derrota”. Em outro sentido, discorrer sobre a pluralidade do esporte nos ajuda a perceber a circularidade entre o esporte e a Olimpíada Escolar capixaba sob diferentes aspectos abordados. Ao se aproximar das características intrínsecas do esporte, assumimos que as Olimpíadas cumpre uma função mais esportivizada e espetacularizada e, quando se afastam das características do esporte, como exemplo, quando entendida como fator de integração social, elas se aproximam de uma proposta mais educacional e pedagógica, e seus objetivos contribuem para a formação integral do indivíduo.

O esporte entendido como uma instituição moderna apresenta características heterogêneas e abrangentes. A compreensão desse fenômeno sob diferentes óticas, nos possibilita entender a sua "evolução", estruturação e pluralidade. A visão de distintos autores sobre as teorias, conceitos e funções do esporte perpassa pelos aspectos culturais, sociais, políticos, educacionais, econômicos e midiáticos, demonstrando que o termo se apresenta de diferentes formas e sentidos, expondo, inclusive, representações consideradas negativas para a sociedade, mediante sua prática sistematizada, porém:

É o esporte, promotor de configurações que permite o entrecchoque das diferenças, num ‘jogo’ que torna possível expressar a diversidade. Por isso, é no campo do alargamento das configurações, que podemos visualizar melhor o espaço de interação que práticas como o esporte vieram animar entre nós. [...] **o esporte como outros novos costumes, permitiu que relações se ampliassem e emoções diversas ganhassem o espaço da rua de uma maneira intensa.** Se por vezes, essa emoção explode em forma de violência, não será por que **temos ainda que buscar entender melhor o quanto há de tensão nas nossas relações, o quanto há de “controle” que carece de expressão, em ações significativas** para aquele que vive entre milhões? (LUCENA, 2001, p. 145, grifo nosso).

Segundo Tubino (1999), a diversidade do esporte, seus aspectos e tensões nas diferentes manifestações culturais contribuíram decisivamente para a conformação do chamado esporte moderno com características³⁸ que facilitaram a internacionalização das modalidades esportivas. O esporte como entidade multifuncional, que compreende tantas riquezas e aspectos da vida humana e da sociedade, tem evoluído conceitualmente no sentido de uma maior abrangência para o cumprimento de seu papel de bem cultural, pois, como patrimônio herdado, a sociedade deve dele servir-se e depois transmiti-lo acrescido das experiências desenvolvidas.

Para Priore e Melo (2009), o esporte é uma prática moderna, ainda que se possam encontrar fenômenos análogos em outros momentos históricos. Sistematizado mais claramente nas escolas públicas inglesas no século XIX, rapidamente se espalha por outros países, entre os quais pioneiramente a França e os Estados Unidos. Sua difusão apresenta estreita relação com as aberturas da Revolução Industrial, com a procura de novos mercados e o aumento dos relacionamentos econômicos internacionais.

Analisando o esporte sob a perspectiva cultural, para Priore e Melo (2009), foi mesmo no Pós-Segunda Guerra que emergiram com mais força as questões dessa natureza, sendo a cultura progressivamente considerada não só como um conjunto de manifestações, mas também de normas, comportamentos, hábitos que regem a vida em sociedade. Nesse processo, não só por imposição dos poderosos, como

³⁸ Características como “[...] a organização por unidades sociais específicas denominadas clubes, de regulamentações, codificações e a exaltação da conduta esportiva sintetizada na expressão ‘fair play’, a qual compreende o cavalheirismo, o respeito ao adversário”, a aceitação da derrota, a colaboração em equipe e muitas outras virtudes (TUBINO, 1989, p. 23).

também por uma postura ativa dos populares, o esporte foi uma das manifestações que mais ganhou popularidade. Ele se constituiu em uma poderosa representação de valores, sensibilidades, desejos que permearam o ideário e imaginário do século XX, voltado para a superação de limites, o extremo de determinadas situações de tensão e violência, a valorização da tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada e o exaltar de certos conceitos de beleza. Consideramos neste ponto, estabelecendo uma relação do esporte com a Olimpíada Escolar que ao ser instituída pelo Estado, a Olimpíada assume códigos civilizatórios e normas regulamentares, valorizados e inculcados na população em geral.

Outra analogia, que talvez tenha provocado tensões entre o esporte e as Olimpíadas Escolares, foi a configuração do esporte clubístico e o escolar com sua adequação aos códigos e regulamentos na constituição de uma cultura esportiva no Espírito Santo, a qual pode ser percebida em matéria veiculada pela imprensa:

Profissionalismo no Futebol Capixaba por Carmine D'Achile

[...] vem com isso afirmar a necessidade do Estado do Espírito Santo ceder ao profissionalismo e acompanhar o franco progresso mundial que surge como um verdadeiro furacão, invadindo os corações e as mentes dos homens de boa vontade (A TRIBUNA, 16 de novembro de 1952, p. 3).

A reportagem refere-se à manifestação em torno da discussão do profissionalismo do futebol capixaba, tema recorrente na imprensa capixaba em suas seções esportivas no período, e, de acordo com o autor da chamada no periódico Carmine D'Achille, abordava sobre a necessidade de o Estado do Espírito Santo ceder ao profissionalismo, pois já se encontrava em estágio avançado em outros países. Então, ao propormos uma analogia com o contexto das Olimpíadas Escolares, notamos também uma preocupação com os atletas estudantis federados, portanto, vinculados a clubes esportivos que ficavam impedidos de participar das competições escolares, problema que talvez pudesse ser resolvido com divisões de faixas etárias entre as categorias, equilibrando as disputas.

Em relação às resoluções emitidas pelo Conselho Desportivo Escolar, órgão inserido no SEF, aos educandários filiados, notamos que:

Resoluções: Serviço de Educação Física / Conselho Desportivo Escolar

46.11. O Diretor do Serviço de Educação Física, tendo em vista a deliberação tomada pelo Órgão Superior do Conselho Desportivo Escolar em sua reunião de 9 do corrente, resolve:

a) Prorrogar até o dia 12 do mês, às 11 horas, o prazo para inscrição suplementar de oito atletas de cada sexo por Associação (ou estabelecimento), na Olimpíada Escolar de 1946;

b) Deverão os mesmos atletas satisfazer as exigências que vigorarem nas inscrições regulamentadoras

Vitória, 10 de agosto de 1946

(ARAÚJO, 1947, p.19).

A resolução emitida pelo Conselho Desportivo Escolar demonstra as formas de imposições criadas na sociedade moderna para determinar, resolver e regulamentar determinadas práticas esportivas, nesse caso, as Olimpíadas Escolares, causando punições e restrições àqueles que não cumprissem tal regulamentação. Outro exemplo, segundo Araújo (1949), para a participação da competição estudantil era que o atleta deveria satisfazer determinadas exigências, como estar apto física e mentalmente, ter um quantitativo de faltas escolares menor que 25% e idade cronológica menor que 21 anos.

Conforme Priore e Melo (2009), o esporte compreendido pela vertente do setor econômico nos mostra que as ligas, federações e associações esportivas se tornaram responsáveis pela administração do esporte,³⁹ determinando o número de clubes a serem admitidos e as partidas a serem disputadas. Como um clube ou um atleta sozinho não conseguem atender à demanda do mercado, faz-se necessário outros congêneres para a organização de disputas regulares em competições esportivas. Sob esse aspecto, podemos considerar uma semelhança com as Olimpíadas Escolares na medida em que o Conselho Desportivo Escolar foi um órgão criado especificamente com a função organizacional, aprovando o regulamento, cuidando da arbitragem do evento, da solenidade de abertura, da premiação, do transporte, alimentação e estada dos atletas, entre outras funções, como vemos em matéria veiculada pela imprensa capixaba:

³⁹ Criados na transição do século XIX para o século XX, o Comitê Olímpico Internacional (COI) e a Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa), para Melo (1999), propuseram-se a organizar os esportes em nível mundial. Geridas por elementos da elite, aceitaram apenas uma federação por país, a ser aprovada pelo governo nacional. Então, dentro dessa lógica, como a maioria das nações tem estruturas baseadas em clubes e ligas, e como o movimento de internacionalização interessava aos Estados-Nação em consolidação, o processo de legitimação dessas entidades tornou-se relativamente fácil, organizando-se, assim, uma rede global de controle das práticas esportivas de alta competição, nas quais cada agremiação buscava ser a representante de determinada região, monopolizando a atenção das pessoas na localidade e as ligas, buscando monopolizar um determinado mercado regional, nacional ou mundial.

Desportos Estudantis: reunião do Conselho Desportivo Escolar

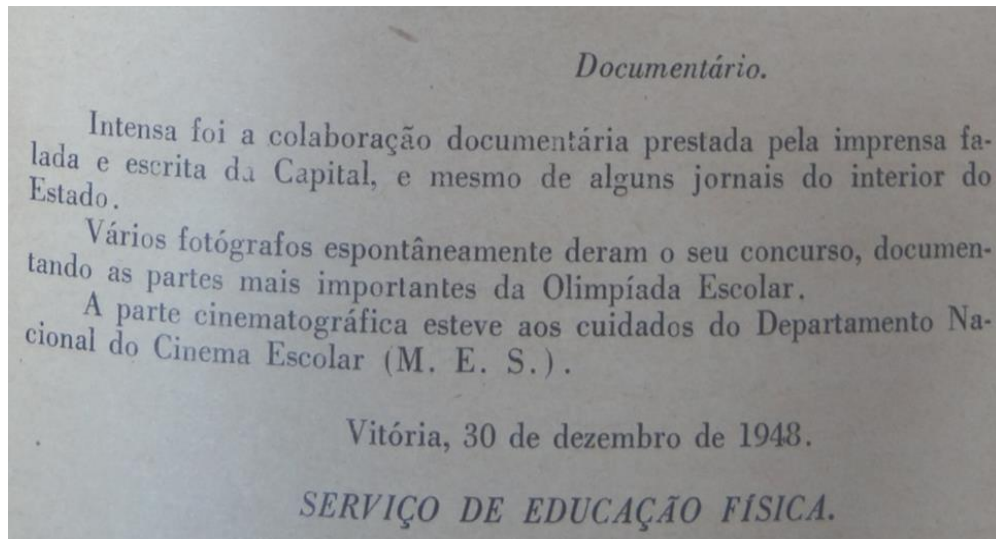
Em aviso publicado no Diário Oficial, o diretor do SEF está convidando os diretores dos colégios da capital filiados ao Conselho para uma reunião que se realizará em 02 de abril vindouro, às 14 30 hs no Governador Bley. [...] Estão sendo convidados para renovar registro no Conselho Desportivo Escolar, conforme exigência estatutária (A TRIBUNA, 06 de maio de 1952).

A reportagem nos aponta a função do Conselho Desportivo Escolar (CDE), convocando, por meio da imprensa, os diretores de educandários da Capital para renovar seus registros, utilizando a imprensa como comunicadora das prescrições normativas propostas pelo Estado. Com a função de liga/federação estudantil, o CDE foi responsável pelas ações técnicas que se relacionavam com as Olimpíadas Escolares, porém focava grande parte de sua atenção nas reuniões com os grêmios estudantis concorrentes, para que eles se adequassem às normas prescritas, com a ideia “central” de minimizar os possíveis erros durante o evento.

Para Priore e Melo (2009), outro fator para a difusão do esporte moderno está vinculado diretamente aos meios de comunicação, atingindo não apenas o público, mas também os atletas e demais profissionais envolvidos. É possível afirmar que muito do que sabemos hoje e compreendemos sobre o esporte é modelado pela mídia, pois a cobertura de eventos⁴⁰ e competições é fundamental para a divulgação da prática, para despertar o interesse pelas modalidades. Para os autores, o fato de a mídia esportiva frequentemente estar ligada ou integrada a grandes grupos de comunicação ajuda a entender que usualmente a cobertura enfatize alguns aspectos do esporte, como emoção e entretenimento, e evite ou silencie outros, por exemplo, os danos gerados pela corrupção em entidades que regem o âmbito competitivo em escala local, nacional e mundial. Nesse sentido, ao relacionarmos a mídia com a Olimpíada Escolar, intuímos que a imprensa capixaba não poupou esforços em relação à divulgação de seus eventos. Essa relação pode ser percebida na Figura 10 a seguir:

⁴⁰ Um desses eventos cobertos pela mídia foi os Jogos Olímpicos. É fato que a maioria das modalidades esportivas não faz parte dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, porém é impossível deixar de reconhecer que, apesar de tudo, os Jogos Olímpicos, realizados a cada quatro anos, continuam a merecer o *status* de maior celebração do esporte, despertando o interesse da população mundial. Embora envolvam somente provas de alta competição, eles exercem grande influência no esporte popular e no esporte escolar, por meio do chamado efeito imitação. Em geral, depois de uma Olimpíada, tal fato social desperta o interesse, aumentando o número de praticantes das modalidades esportivas que obtiveram maior sucesso e foram mais divulgadas pela mídia (TUBINO, 1999).

Figura 10 – Imprensa nas Olimpíadas Escolares



Fonte: Araújo, 1949, p.16.

Ao analisar a Figura 10, ressaltamos a participação e a contratação da imprensa local para a cobertura das edições das Olimpíadas Escolares, incluindo até reportagens cinematográficas que possivelmente estiveram aos cuidados do Departamento Nacional do Cinema Escolar (MES). Em relação aos documentários, buscamos informações na Cinemateca Brasileira e identificamos, com o descritor “Olimpíada Escolar”, um material filmográfico intitulado *Olimpíadas em Vitória*. Catalogado no gênero documentário, esse material foi produzido pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo (Ince), com a autoria do texto de Aloyr Queiroz de Araújo, fotografia e roteiro de Ruy Guedes de Mello. Entretanto, tentativas foram feitas no sentido de resgatar esse material, mas sem sucesso, com a alegação de que ele não se encontrava no acervo local, localizado no Instituto Nacional de Cinema Educativo, órgão ainda ativo com sede na cidade do Rio de Janeiro.

Portanto, o diálogo com diversos setores nos permite observar os diferentes sentidos e formas do esporte, que o torna elemento da cultura nacional e, conseqüentemente, estadual, levando-nos a considerar também as Olimpíadas Escolares como parte ativa desse contexto, sob uma visão mais esportivizada proposta pelo Estado, mas sem esquecer que:

É indispensável que o passado, considerado como real e decisivo, seja estudado seriamente: na medida em que os tempos passados são considerados dignos de atenção e lhes é atribuída uma estrutura, em que lhes são dados traços atuais, todo o discurso significativo do passado deve poder estabelecer claramente por que razão – em função de quais documentos e testemunhos – ele dá, de uma dada sucessão de acontecimentos, uma versão e não outra (LE GOFF, 1990 p. 215).

Na sucessão de acontecimentos de um passado que buscamos compreender, Feio (1980) nos chama a atenção para o universo do esporte que é composto pelas disputas políticas e de poder, caracterizado por diferentes níveis de atuação, abrangendo todo o universo cultural. O autor sinaliza que, nas disputas ideológicas-políticas com o uso do esporte, foram usadas as práticas esportivas para a formação da juventude num primeiro ensaio do uso do esporte como mecanismo de controle de massas. Nesses aspectos, podemos pensar que o Estado passou a potencializar o uso do esporte como meio para tentar incutir nos anseios da mocidade escolar o que pode ser considerado como dispositivo civilizatório, respeito as regras, autocontrole para o *fair play* a liberação autocontrolada das pulsões para o esporte.

Na imagem a seguir, identificamos uma das formas pelas quais o esporte passa a ser usado pelos políticos do Estado. Nesse caso tendo como pano de fundo as Olimpíadas Escolares como projeto de modernidade, passando, no decorrer de seu desenvolvimento, a ser preterida por vários municípios capixabas.

Figura 11 – Políticos envolvidos nas Olimpíadas Escolares de 1954



Fonte: Araújo, 1956, p.38.

A figura 11 busca ratificar a ação de políticos capixabas em uma das solenidades que marcaram a realização do evento cívico desportivo das Olimpíadas Escolares, do ano de 1954, na cidade de Colatina. Mostra-nos, ainda, que esforços foram realizados para a aprovação de reformas gerais e verbas específicas, aproximando, assim, as Olimpíadas Escolares das tessituras do campo político.

Para Melo et al. (2013), não poucas vezes o prestígio obtido no campo esportivo foi representado como um êxito coletivo, como uma expressão das realizações governamentais, muitas vezes convertidas em capital político, por meio de uma eficaz propaganda. A realização de eventos esportivos remete ao contexto político, pois, comumente, vem acompanhada de uma intensificação de sentimentos de identificação nacional, situação privilegiada para mobilizar símbolos, exaltando sentimentos patrióticos no sentido de fortalecer a comunidade imaginada.

Na Figura 12, podemos ver a organização de uma solenidade de abertura, na qual se percebe um momento de catarse coletiva, euforia que toma conta dos participantes, tanto daqueles que tomarão parte das competições esportivas, quanto daqueles que participarão como observadores dos rituais e das disputas entre os grêmios.

Figura 12 – Evento esportivo escolar no estádio Governador Bley



Fonte: A Tribuna, 10 de outubro de 1946, p.5.

A imagem nos mostra o Estádio Governador Bley completamente tomado pelo público que compartilhava as emoções do esporte em sua forma escolarizada, materializada com a presença dos atletas dos grêmios concorrentes das Olimpíadas Escolares de 1946. Ao ser instituída com finalidades cívico-patrióticas, as Olimpíadas Escolares assumem as características de um novo projeto esportivo que talvez fizesse parte de um plano ideológico civilizador maior proposto pelo Estado.

2.3 Constituição do campo esportivo

Discutir a constituição do campo esportivo nacional pode nos orientar na compreensão do esporte, assumido como fruto direto da modernidade, com suas características heterogêneas e seus diferentes sentidos e formas. Pensamos ainda que, mesmo antecipando um pouco a periodização estabelecida, conhecer a dinâmica de determinadas modalidades, como o remo e o futebol, praticadas na cidade nos revele em que contexto o esporte se apropria e é apropriado pela escola e também nos forneça informações mais precisas sobre a relação do esporte com as Olimpíadas Escolares.

Para Lucena (2001), o esporte se configura entre nós como um componente individualizado e diferenciador que marca uma nova forma de se relacionar com os outros, em que a:

[...] emergência de práticas também reafirma um tipo de ação esperada em sociedades cada vez mais diversificadas e reguladas no sentido do controle social das emoções, e, ainda, de um autocontrole emocional que se reflete em nível das ações motoras. O que se controla não são os sentimentos, mas o movimento, a parte atuante de um estado de agitação de todo o organismo (LUCENA, 2001, p. 49).

É sempre importante ter em mente que a teoria dos processos civilizatórios busca tornar compreensível a ideia geral de mudanças comportamentais e, por meio da comparação com as estruturas de uma fase anterior, projetar nova luz sobre o que é problemático na fase atual. Desse modo, planejamos as Olimpíadas Escolares como uma atividade que considera as inter-relações e a diversidade de usos como instrumento de novas práticas educativas.

A compreensão ao redor do que significava e deveria significar a prática esportiva, segundo Lucena (2001), modificou-se, em consequência, a partir do desenvolvimento do remo. Tratava-se de um novo estilo de vida. O remo ganhou espaço e prestígio na cidade, sendo adequado às modificações que se estabeleciam em sua ordem sociocultural, ligado mais diretamente a um setor das elites com características urbanas. Então, o remo, associado aos desejos das elites de recriar um mundo europeu no Brasil, atendia plenamente às imagens do progresso e de modernidade que se procurava consolidar. A popularidade do remo só veio a ser abalada quando uma nova prática esportiva surgiu, o futebol, modificando mais uma vez a forma de compreender o esporte. Sua popularidade crescia rapidamente na cidade e no País, até mesmo porque provavelmente se ampliaram as possibilidades de participação direta, apreensão e intervenção da população.⁴¹

Ao buscarmos uma aproximação do entendimento do esporte praticado no meio estudantil, Linhales (2009) aponta que o esporte modificou culturalmente a sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX, evidenciando códigos comportamentais nas relações do indivíduo consigo e com os outros. O poder disciplinador do esporte e a própria lógica inserida em suas práticas, como a eficiência e a individualidade para o alcance de um objetivo comum, foram utilizados como mecanismo para a transformação da pátria por meio da educação, ou seja, refletido na esportivização da Educação Física, tendo possivelmente nas Olimpíadas Escolares significativos meios de sua difusão.

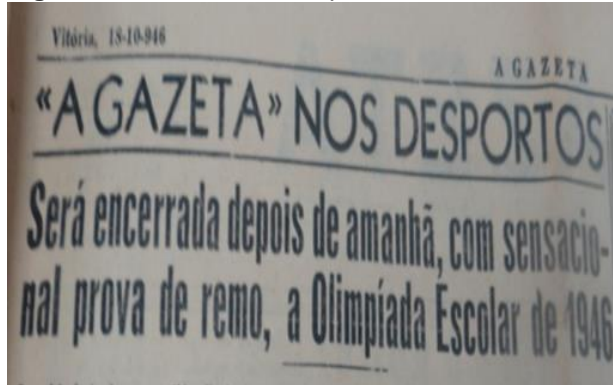
Além das modalidades que se destacaram dentro do processo de constituição do campo esportivo nacional, observamos, nos estudos de Assunção (2012), que outra contribuição foi a participação da Associação Cristã de Moços (ACM),⁴² ao

⁴¹ Numa sociedade ainda muito marcada pelo senso de hierarquia e pelo ranço escravocrata, a entrada em campo de pobres, negros e trabalhadores braçais significava a vulgarização, em seu sentido pejorativo, dos nobres ideais que o esporte trazia em si e que deveriam ser preservados (PRIORE; MELO, 2009, p. 61).

⁴² Para maiores aprofundamentos a respeito da constituição, da ação das Associações Cristãs de Moços e sua participação na divulgação do esporte no Brasil, ver os estudos de Assunção (2012), que diz que a ACM teve sua origem na Inglaterra, no início do século XIX durante a Revolução Industrial. Preocupado com o bem-estar da sociedade, devido às precárias condições de vida, quando não havia lazer, uma vez que as jornadas de trabalho nas novas indústrias chegavam a 16 horas diárias, tanto para homens quanto para mulheres e crianças, indistintamente, George Williams funda, em 6 de junho de 1844, a *Young Men's Christian Association* ou *Y.M.C.A.*, sigla que se torna bastante usada para mencionar a instituição. O trabalho teve início com a leitura de textos bíblicos, a fim de levar uma mensagem de caráter moral elevado à juventude que se aglomerava na cidade em busca de trabalho, além de proporcionar a integração e confraternização dos jovens. Em 1851, quando a A.C.M. chegou

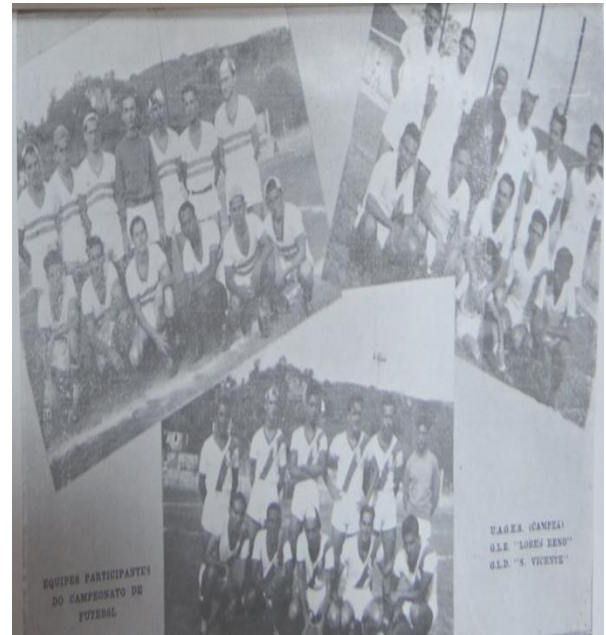
criar, nos Estados Unidos o basquete e o vôlei, posteriormente difundindo-se para outras partes do mundo, incluindo o Brasil, com possíveis inserções de suas práticas esportivas no meio estudantil, como podemos perceber nas Imagens 13 e 14, a seguir:

Figura 13 – Remo na Olimpíada de 1946.



Fonte: A Gazeta, 18 de outubro de 1946, p. 2.

Figura 14 – Campeonato de Futebol, Olimpíada de 1946.



Fonte: Araújo, 1947, p. 26.

As Figuras 13 e 14 indicam para os leitores as modalidades de remo e futebol praticadas pelos alunos para competir nas Olimpíadas Escolares. No estudo, vimos que o remo não apresentou uma sequência nas edições do evento, assim como a natação, o tênis de mesa e o ciclismo, o que não ocorreu com as modalidades de futebol, basquetebol, voleibol e atletismo, que estiveram presentes em todas as edições das Olimpíadas Escolares.

No estudo, observamos que o esporte, materializado nas Olimpíadas Escolares, pode ter encarnado a representação de uma novidade moderna que, por

aos Estados Unidos, os jovens ganharam um incentivo ainda maior, já que, em solo americano, a instituição uniu os benefícios da prática esportiva ao desenvolvimento de valores do caráter e do espírito. No Brasil, o fundador da ACM foi Myron August Clark, vindo dos Estados Unidos, que tomou para si a missão de disseminar a Associação na América Latina, iniciando seu trabalho de implantação das ACMs no Rio de Janeiro, em 1893. Em 1901 surge a ACM do Rio Grande do Sul e um ano mais tarde, a ACM de São Paulo. Fundada em 1900, a ACM de Montevidéu, no Uruguai, desempenhou importante papel, contribuindo para o desenvolvimento da Educação Física no Brasil, pois muitos técnicos esportivos e instrutores de Educação Física brasileiros fizeram cursos de formação técnica nesse núcleo da ACM.

intermédio de suas características competitivas, esteve em busca das individualidades daqueles praticantes que superaram as adversidades e conseguiram atingir, e até ultrapassar, seu potencial humano em determinada modalidade esportiva por meio do treinamento físico. Esse espetáculo proposto pelas competições esportivas fascina, emociona, causa furor, desejo e respeito pelos atletas, elevados a categoria de super-homens que pairam sobre os outros mortais medíocres e incapazes de feitos grandiosos com o próprio corpo.

2.4 Cultura Esportiva Capixaba

Na análise do *corpus documental*, procuramos compreender as manifestações culturais esportivas conformadoras e atuantes naquilo que podemos denominar de Cultura Esportiva capixaba. No primeiro momento, esperamos compreender sobre a presença da Olimpíada Escolar veiculada na imprensa capixaba e, em seguida, evidenciar as modalidades esportivas que tiveram maior visibilidade naquele momento pela imprensa local, estabelecendo um caminho que segundo Gebara (2002, p. 27),

Se for verdade que o caminho do historiador é demarcado pela existência e produção do documento, pelo diálogo com as fontes, é também verdade que a confiança ilimitada no documento nos conduz a uma posição enganosa. Afinal, quem sabe qual é o melhor documento? Estão os fatos mais importantes mais bem documentados? Qual o volume e a qualidade dos documentos que exigimos para estabelecer nosso argumento?

Assim, nesse primeiro momento em diálogo com as fontes, tendo como referência as competições escolares, ressaltamos que, em ambos os jornais, as Olimpíadas Escolares foram veiculadas, confirmando a projeção desse evento cívico-esportivo como parte integrante da cultura esportiva capixaba. Ao quantificarmos as imagens ou reportagens para uma prévia seleção, percebemos que, entre os dois periódicos escolhidos como fonte do estudo, o jornal A Gazeta veiculou um número maior de matérias relacionadas com a Olimpíada Escolar, comparado com o segundo, o jornal A Tribuna, perfazendo um valor estimativo de

60% para o jornal A Gazeta e 40% para o jornal A Tribuna. Aachamos que esse resultado pode ter sido influenciado pelo fato de o idealizador das Olimpíadas Escolares, professor Aloyr Queiroz de Araújo, além de suas atribuições acadêmicas, possuir, ainda, a função de porta-voz das ações esportivas estudantis e do Serviço de Educação Física junto ao jornal A Gazeta (BARROS, 1997), fazendo circular suas intencionalidades no que dizia respeito à Educação Física e ao esporte no Estado do Espírito Santo durante a periodização.

Em relação às matérias veiculadas no jornal A Gazeta, as edições que mais se destacaram tendo como critério o número de reportagens veiculadas, foram as de 1950 e 1952, e, dentre as matérias veiculadas pelo jornal A Tribuna, as edições de 1946 e 1948 foram as que obtiveram, por parte de seu corpo editorial, um maior destaque, definindo, assim, nossa forma de exposição das imagens e reportagens posteriormente. Em se tratando das datas de veiculação das matérias, tendo como referência a realização das Olimpíadas Escolares no mês de comemoração do Dia da Independência, portanto, os meses de setembro, vimos que, no jornal A Tribuna, as reportagens foram veiculadas entre os meses de agosto e dezembro e, no jornal A Gazeta, as reportagens foram publicadas de forma mais antecipada, entre os meses de março e outubro.

Para Davis (1990, p. 21), “[...] o impresso não deve ser compreendido apenas como uma fonte de informações, de ideias, de imagens, mas acima de tudo como um mensageiro de relações, o qual possui como característica marcante o papel de formador de opinião”. Nesse caso, as opiniões emitidas pelos jornais buscavam atrair o público para as atividades que eram programadas para acontecer no evento. Leva-se a entender que, as provas das Olimpíadas Escolares tornaram-se atrativos que movimentavam a sociedade, com a presença de gente do alto escalão da cultura e formadores de opinião, como se observa na reportagem, a seguir:

Olimpíadas Escolas de 1946: Ficou definitivamente transferida ao que soubemos a solenidade do início das Olimpíadas Escolares de 1946, para o próximo sábado, dia 30 de agosto. O que motivou seu adiamento foi o mau tempo que prejudicou o bom estado das canchas. A Tribuna agradece ao Dr. Aloyr Queiroz de Araújo a gentileza do convite que lhe dirigiu, bem assim **a escolha de seu Diretor Superintendente para patrono da prova de salto em extensão para moças** (A TRIBUNA, 27 de agosto de 1946, p. 4, grifo nosso).

A matéria nos informa que a primeira edição das Olimpíadas Escolares, depois de adiada por motivos climáticos, foi realizada num sábado, no dia 30 de agosto de 1946. Apesar de o idealizador das Olimpíadas Escolares, professor Aloyr Queiroz de Araújo, ter uma participação efetiva no jornal a Gazeta, a matéria nos mostra ser ele um astuto articulador político, ao convidar um diretor do jornal rival para ser patrono de uma das provas realizadas nas Olimpíadas Escolares de 1946.

Em seguida, ainda em referência ao jornal A Tribuna, encontramos outra reportagem que procura advertir os interessados em participar do evento que deveriam observar algumas regras para que a competição transcorresse dentro da normalidade. Dessa forma, o impresso busca ser um dispositivo educativo para o público interessado em assistir as competições. Na reportagem, lembramos as advertências que foram impressas no jornal:

Serviço da Educação Física: Olimpíada Escolar de 1946 e as Instruções para o público no Torneio de Futebol. a) Na Tribuna Oficial ou nos locais reservados na arquibancada central, serão exclusivamente destinados às autoridades federais, estaduais, municipais, desportivas e jornalistas; b) As cadeiras localizadas na arquibancada central serão reservadas às famílias, especialmente às senhoras e senhoritas; c) Outras pessoas que comparecerem ao Estádio, terão entrada pelo portão central, localizando-se nas arquibancadas laterais; d) E para facilitar o ingresso dos alunos no Estádio, os alunos dos estabelecimentos deverão comparecer com uniforme escolar ou esportivo, tendo entrada pelo portão 5 (A TRIBUNA, 24 de agosto de 1946, p. 5).

A nota explicativa que é feita circular demonstra organicidade e precauções tomadas durante o torneio de futebol das Olimpíadas Escolares em relação às ações que deveriam ser seguidas por parte do público ao chegar no estádio. Confirma que o Estado mantinha um controle abrangente do evento, interferindo até na forma com o público presente deveria se posicionar, definindo setores, categorizando e posicionando as pessoas de acordo com seus critérios. Essa advertência sobre a ocupação dos espaços demonstra que havia diferentes tratamentos para os envolvidos, os considerados mais distintos e aqueles que deveriam ocupar os espaços menos propícios a ter visibilidade. O evento contava ainda com a presença de um júri de honra.⁴³ Os alunos espectadores que fossem ao estádio deveriam

⁴³ Conforme Araújo (1948), os juízes honorários nas Olimpíadas Escolares de 1948 foram: Dr. Messias Chaves, secretário do Interior e Justiça; tenente-coronel Edgard Buxbaum, comandante da Guarnição Militar; Dr. Nelson Goulart Monteiro, secretário da Fazenda; Dr. Napoleão Fontenelle,

estar uniformizados ou com traje esportivo, demonstrando ordem e civilidade, e sua entrada era pelo portão lateral.

Em relação ao ano de 1948, localizamos uma imagem que nos remonta às solenidades de abertura do evento tendo a presença feminina como destaque:

Figura 15 – Acendimento da Pira Olímpica, 1948



Fonte: A Tribuna, 26 de setembro de 1948, p. 4.

A Figura 15 ilustra uma das atrações da solenidade de abertura chamada de acendimento da Pira Olímpica, tendo iniciado seus procedimentos no exato momento em que a Tocha Olímpica chegava ao Estádio, após pernoitar sob a vigília de escoteiros, que também tomavam parte na solenidade, introduzindo o novo exemplo esportivo, marcado por rituais de ordem e civismo. A imagem ainda demonstra, em destaque, uma das concorrentes à rainha das Olimpíadas Escolares de 1948, Nina Pivovarov, do município de Cachoeiro de Itapemirim, que chama a

secretário de Agricultura, Viação e Obras Públicas; tenente-coronel Darcy Pacheco Queiroz, comandante da Força Policial do Estado; Sr. Domício Mendes, prefeito do município do Espírito Santo; Dr. Jair Etienne Dessaune, presidente do Conselho Regional de Desportos; Dr. Ithobal Campos, presidente da Câmara Municipal de Vitória; e Luiz Gabeira, presidente da Federação Desportiva Espírito-Santense.

atenção para a participação, naquele momento, das mulheres nos rituais esportivos que antecediam as competições.

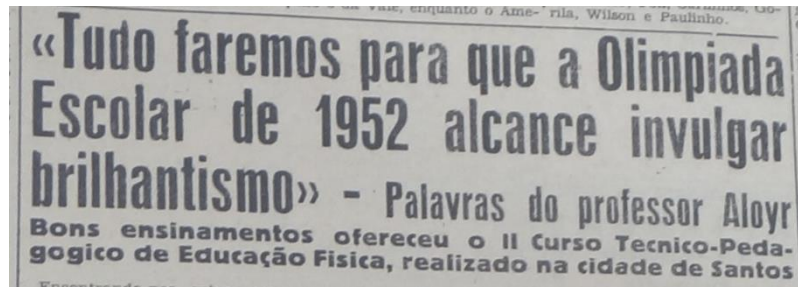
Em relação à Olimpíada Escolar de 1950, realizada na cidade de Muqui, localizada na região sul do Estado, o jornal A Gazeta assim informou sobre o evento:

Olimpíada Escolar de 1950. Continuam em seu ritmo normal os preparativos para a sensacional Olimpíada Escolar do corrente ano a realizar-se na cidade de Muqui. [...]. Educacionalmente este magnífico certame instituído pelo SEF vem preenchendo totalmente sua finalidade como elo de aproximação e intercâmbio entre nossos estudantes. [...] oferece aos moços a oportunidade de sentirem o progresso de sua terra natal, através das excursões e passeios que proporcionavam iniciativas daquele gênero. [...]. Futuramente, Vitória, Cachoeiro, Colatina, Alegre, etc poderão ser escolhidas para sede das outras Olimpíadas revivendo assim, de dois em dois anos, este esplêndido movimento educativo, hoje vitorioso e aplaudido pelo povo. [...]. A população do Estado representada por suas diversas classes sociais deve hipotecar franco apoio à Olimpíada Escolar de 1950. **Qualquer que seja a modalidade de colaboração será valiosa e útil ao empreendimento** (A GAZETA, 20 de maio de 1950, p. 2, grifo nosso).

A reportagem nos mostra um discurso veiculado na imprensa capixaba de forma a elevar as competições escolares instituídas a partir de 1946, pautado na sua forma educativa e de pertinente integração entre os jovens do Estado do Espírito Santo, assim como as realizadas pelos grêmios estudantis. Porém, podemos inferir que, de acordo com a forma de disputa das Olimpíadas Escolares, regulamentos específicos, códigos de punições, a rivalidade entre os grêmios aumentava gerando uma busca incessante pela vitória nas partidas disputadas, o que contribuiu talvez com a esportivização da Educação Física, em que a qualidade dos professores passou a ser medida pelas quantidades de vitórias conquistadas nos eventos. Em destaque, denunciemos que as Olimpíadas Escolares dependiam de dotações orçamentárias extras, além das verbas específicas do Estado e dos municípios para cobrir suas despesas, o que nos faz crer numa possível fragilidade financeira anunciada pelas Olimpíadas Escolares proposta pelo Estado, que poderia comprometer sua continuidade.

Na sequência, selecionamos imagens veiculadas no jornal A Gazeta referentes à organização das Olimpíadas de 1952, que nos revelaram as expectativas para a realização de uma nova edição do evento em terras capixabas:

Figura 16 – Expectativa para as Olimpíadas Escolares de 1952



Fonte: A Gazeta, 18 de junho de 1952, p.3.

A Figura 16 nos indica que, para a realização das Olimpíadas Escolares em 1952, na cidade de Vitória, era intenção de seu idealizador, professor Aloyr Queiroz de Araújo, fazer melhor ou repetir o feito realizado na cidade de Muqui no ano de 1950, onde o somatório de diversas manifestações culturais que envolveram o esporte produziu resultados positivos dentro do plano de governo de fazer circular sua proposta inovadora de organização de competições escolares pelo interior.

Em outra reportagem, notamos que a imprensa esteve cumprindo o papel de difusora das ações relacionadas com as Olimpíadas Escolares e com a própria circulação do esporte que, em diferentes momentos, eram divulgadas para os leitores.

Figura 17 – Presença esportiva americana no Espírito Santo em 1952



Fonte: A Gazeta, 04 de maio de 1952, p. 9.

Na Figura 17, relatamos a busca da espetacularização do evento, usando como ferramenta um grupo de jogadores americanos conhecidos como exímios praticantes do basquetebol, o Harlem Globetrotters, que se apresentariam na

abertura da edição das Olimpíadas Escolares no ano de 1952. Esse fato demonstra-nos que o Estado estava empenhado em incentivar a prática dos esportes, mesmo que fosse pela importação de apresentações performáticas, que nada tinham do ideário competitivo presente nos jogos que faziam parte do evento.

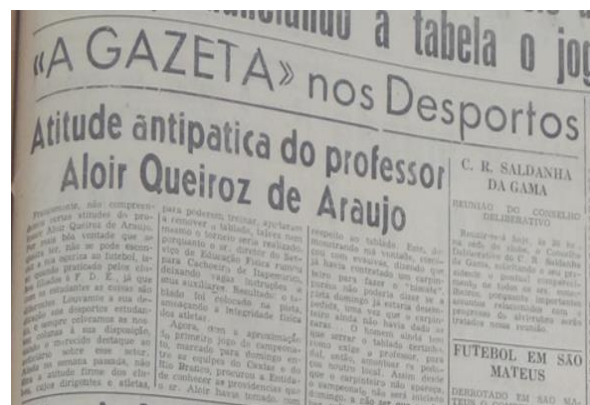
Ao procurarmos informações que diziam respeito à organicidade das Olimpíadas de 1954 realizadas no município de Colatina, vimos que, nesse processo, também houve tensões:

Figura 18 – Olimpíadas Escolares de 1954.



Fonte: A Gazeta, 01 de setembro de 1954, p. 3.

Figura 19 – Críticas à Aloyr Queiroz de Araújo.



Fonte: A Gazeta, 01 de setembro de 1954, p. 5.

A Figura 18 denota o grande entusiasmo aguardado no norte do Estado com a organização das Olimpíadas Escolares e suas diferentes manifestações culturais advindas do contexto que envolvia a semana dos jogos escolares, circulando o esporte como fruto da modernidade. Porém, vimos, também, críticas diretas direcionadas ao idealizador das Olimpíadas Escolares e ao diretor do Serviço de Educação Física, professor Aloyr Queiroz de Araújo, que era o responsável direto pelo estádio Governador Bley. A nota, Figura 19, referia-se a um descontentamento dos dirigentes dos clubes federados que enfatizaram sobre sua “[...] ojeriza a respeito do futebol praticado na cidade, mas não o praticado pelos estudantes” e afirmaram que o futebol estaria dificultando a retirada do material interno do estádio, atrapalhando a rodada do campeonato da cidade, organizado pela Federação Desportiva Espírito-Santense (FDE).

Segundo Darnton (1997), a imprensa deve ser compreendida como uma força ativa na história, ajudando a dar forma aos eventos que ela registra como um dos

principais ingredientes de construção de novas culturas. Na sequência da discussão sobre a temática, procuramos explicar quais modalidades esportivas ganharam maior visibilidade pela imprensa capixaba local, ajudando-nos na possível reconstituição da Cultura Esportiva capixaba do período.

No *corpus documental*, utilizando como critério as reportagens consideradas principais nas seções esportivas, ou seja, aquelas que se apresentavam destacadas na parte superior do impresso, observamos que a modalidade futebol de campo, materializada pelos clubes esportivos, foi a mais veiculada em ambos os periódicos e perfazia aproximadamente 70%. Entretanto, a circulação do futebol, ao longo da periodização, dividia-se nos campeonatos suburbanos, nos campeonatos da cidade, nos campeonatos estaduais, nas participações em campeonatos nacionais de seleções, torneios, jogos amistosos e intercâmbios interestaduais. Outras modalidades praticadas nos clubes e associações esportivas locais surgiam com menor ênfase na parte superior das seções esportivas de ambos os jornais, como basquete, remo, atletismo, voleibol, perfazendo um percentual de 30%.

Em seguida, visualizamos desavenças nada civilizadas entre os clubes, que destoavam do caráter educativo e autocontrolado que os esportes nas representações dos editores do jornal deveriam ter:

Ou a entidade acaba com a indisciplina em nossos gramados ou a indisciplina acabará com o futebol capixaba: Um motivo que tem feito a assistência cada vez mais escassear, no estádio, é, sem dúvida, **a falta de disciplina dos atletas e também o péssimo comportamento de alguns elementos que acham que podem dar vasão à sua falta de educação, simplesmente porque deixaram alguns cruzeiros nas bilheterias.** Sábado e domingo novamente foram registradas cenas degradantes, desta feita por culpa exclusiva de atletas mal educados, os quais, ao invés de encontrarem no futebol um motivo de recreação e desenvolvimento do físico, passaram a se agredir como animais selvagens, e terminando por se engalfinharem (A GAZETA, 16 de novembro de 1952, p. 5, grifo nosso).

A matéria veiculada nos mostra que, a falta de princípios civilizatórios (controle das pulsões) em alguns momentos provocou insatisfações refletidas pela imprensa, os quais já sinalizavam uma interferência no andamento das organizações de campeonatos na cidade de Vitória. Para compreender certas formas de configurações socioculturais, Elias (1992) nos adverte que o controle da violência, no molde da sociedade inglesa, conduz ao estabelecimento de uma analogia entre a

emergência e a difusão do futebol e um sistema político em que se enraízam os hábitos parlamentares, nos quais as regras estabelecidas na inter-relação dos grupos em conflito passam a constituir um padrão de civilização horizontal. Esse molde contrapõe-se ao da sociedade francesa, em que a corte impõe do alto regras e comportamentos, definindo um processo de civilização vertical, semelhante ao proposto pelas Olimpíadas Escolares, se levarmos em consideração que as prescrições eram previamente estabelecidas de cima para baixo pelo CDE .

Ao tecermos aproximações e distanciamentos entre as Olimpíadas Escolares por meio do Conselho Desportivo e pelos desportos populares, organizados pelas ligas esportivas e federações, apresentamos uma situação que nos chamou a atenção na imprensa que demonstra uma maior preocupação organizacional dos eventos escolares, quando comparados com o da cidade:

No sentido de bem orientar o público sobre a organização da sensacional Olimpíada Escolar deste ano, a realizar-se na pitoresca cidade de Muqui, procuramos entrar em contato com o Serviço de Educação Física, no que fomos bem sucedidos, lá encontrando desde o diretor ao funcionário menos graduado, todos em plena atividade. De conversa mantida, nos foi possível tomar conhecimento de todas as providências que estão sendo tomadas aqui e em Muqui, com o objetivo de proporcionar à Olimpíada Escolar de 1950, o maior êxito e brilhantismo possíveis [...]. Os menores detalhes não tem sido postos de lado, visto que o menor senão, às vezes considerados insignificantes, poderá trazer prejuízos ao fiel cumprimento do programa traçado pela comissão organizadora [...]. **O critério adotado foi o mesmo do certame de 1948, isto é, todos os grêmios estudantis foram visitados no mês de junho, sendo realizada em cada colégio uma palestra sobre a finalidade da Olimpíada, sua organização, sentido educativo e social** (A GAZETA, 15 de julho de 1950, p. 5, grifo nosso).

Essa informação nos mostra o ânimo do Estado em reforçar sua proposta esportiva no meio escolar, impondo, sobre os diretores dos grêmios estudantis e demais instituições escolares, condições específicas de participação, denotando seus processos normativos e prescritivos. Entretanto, somos levados a pensar que a estratégia organizacional das Olimpíadas Escolares pelo Estado, incluindo o CDE com suas reuniões prévias nos estabelecimentos de ensino que iriam participar das Olimpíadas Escolares e a própria imprensa, foi talvez a causadora direta do enfraquecimento e da perda de autonomia dos grêmios estudantis escolares.

Conhecer a configuração da Cultura Esportiva no período e perceber que a continuidade das Olimpíadas Escolares teve participação direta nesse processo

ajuda-nos a entender um pouco mais sobre a importância do evento no período, não só para o meio escolar como também para a Educação Física do Estado do Espírito Santo que gozava de certo prestígio nacional naquele momento.

2.5 Considerações Parciais

Consideramos a imprensa, em suas seções esportivas, difusora de uma Cultura Esportiva que se pretendia fixar no Espírito Santo, em que estavam presentes os desportos populares, o futebol nos seus diferentes arranjos, seguidos por outras modalidades, como o atletismo, o remo, o basquetebol e o voleibol. Vimos ainda que, em todas as edições, entre os anos de 1946 e 1954, as Olimpíadas Escolares procuraram difundir o que era considerado como um novo modelo cívico e desportivo para as práticas corporais, tanto por meio dos eventos que eram realizados, quanto pelas informações que eram veiculadas pelos impressos.

Notamos que as edições das Olimpíadas Escolares constituíram naquele momento parte integrante da Cultura Esportiva capixaba, atendendo aos interesses dos políticos que poderiam capitalizar esse entusiasmo em suas campanhas. Constituiu também uma forma de lazer para os espectadores ávidos por entretenimentos e um modo especialmente interessante para fazer circular outra forma de esporte, menos propício à violência, regado por códigos de cortesia e civilidade associado à escola, aos seus grêmios esportivos e literários, formados por filhos da elite intelectual e econômica do Estado, prontos para seguir suas carreiras superiores levando sobre seus ombros as marcas da civilização capixaba, autocontrolados, disciplinados, patrióticos e prontos para promover o engrandecimento da nação.

Verificamos que o Estado, ao tomar para si o modelo esportivo estudantil criando novos códigos e condutas, torna-se excludente na medida em que deixa de fora dos eventos aqueles que não se adequassem aos regulamentos estabelecidos pelo SEF. Essa forma proposta, que retirava a autonomia dos grêmios estudantis e substituíria por outras impostas pelo Estado, talvez tenha contribuído para o enfraquecimento desses espaços de formação escolar.

Em relação aos seus diferentes sentidos e formas, ressaltamos que o esporte se apropriou das Olimpíadas Escolares ao inculcar nela suas características intrínsecas que perpassavam pelo campo econômico, social e político, representado pelo Conselho Desportivo Escolar. Por outro lado, vimos que as Olimpíadas Escolares se apropriaram do esporte, elevando o *status* do esporte estudantil e das instituições escolares, tornando o esporte escolar evidente no cenário da cultura esportiva capixaba naquele período.

Por encenar culturalmente um conjunto de ações e valores, as Olimpíadas Escolares buscavam ser modernas ao contribuir para a produção de heróis esportivos que representariam o Estado e o País no campo das lutas simbólicas do esporte.

3 RELATOS, MEMÓRIAS E ATORES: AS OLIMPÍADAS ESCOLARES NO ESPÍRITO SANTO (1946-1954)

Resumo: Objetiva analisar como as Olimpíadas Escolares foram representadas pelos atores participantes das competições estudantis e como uma revista de variedades da vida social e política capixaba veiculou informações sobre o evento esportivo estudantil, tendo como foco, também, compreender os possíveis fatores que contribuíram para a descontinuidade das Olimpíadas Escolares no Estado do Espírito Santo, a partir de 1954. Utiliza como referencial teórico Norbert Elias (1992) e Roberto Da Matta (1994), observando o esporte como propagador de civilidades e de controle das pulsões, e o retrata sob suas diferentes formas e sentidos, apoiado, ainda, na *circularidade cultural* e no *modelo indiciário* de Ginzburg (1990,1989), nas análises das fontes e na construção da narrativa histórica. As fontes utilizadas se materializaram na revista *Vida Capixaba* e nas entrevistas dos participantes diretos e indiretos das Olimpíadas Escolares no período proposto. Conclui que a imprensa capixaba materializada no periódico apontado teve papel crucial na veiculação do esporte como provável fruto direto da modernidade e também das Olimpíadas Escolares que, em todas as cinco edições foram lembradas por esse periódico. Em relação aos atores envolvidos, observa que, unanimemente, eles confirmaram as Olimpíadas Escolares como um evento promotor de integração social. Em relação à descontinuidade das Olimpíadas Escolares no ano de 1954, indicia que problemas financeiros e políticos no Estado foram fatores determinantes para sua interrupção.

Palavras-chave: Olimpíadas Escolares. História oral. Iconografia.

3.1 Introdução

Para ampliar o campo de discussão e análise sobre uma nova proposta para as competições escolares realizadas no Estado do Espírito Santo entre os anos de 1946 e 1954, denominadas Olimpíadas Escolares, procuramos abordar e compreender como suas manifestações culturais esportivas foram veiculadas por um periódico voltado mais para a elite capixaba e como o evento foi representado por

atores envolvidos direta e indiretamente por meio da história oral,⁴⁴ tendo como foco os prováveis fatores determinantes para sua descontinuidade. A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Para Bloch (2001, p. 79) “[...]. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”, mas é necessário precaver-se, pois documentos podem ser fabricados, assim como as memórias.

Para Bloch (2001, p. 55), os fatos humanos são, por essência, “[...] fenômenos muito delicados, entre os quais muitos escapam à medida matemática e para bem traduzi-los e penetrá-los uma grande finesse de linguagem são necessárias. Onde calcular é impossível, impõe-se sugerir”. As fontes utilizadas foram materializadas nas imagens veiculadas nas seções esportivas da revista *Vida Capichaba* no período proposto e o testemunho oral por meio das entrevistas de oito atores que participaram direta e indiretamente das diferentes edições das Olimpíadas Escolares.

Para o processo de análise das fontes, Ginzburg (1989, p. 63) nos orienta que “[...] quando os documentos existem, as imagens são lidas em registro psicologizante e biográfico; quando faltam ou não são suficientemente eloquentes, curva-se sobre um tipo de leitura mais descritiva e menos interpretativa”. Assim, como utilizaremos tanto as imagens quanto as narrativas para a interpretação do acontecido, buscamos tais orientações como referência. Para Pacheco (2012), a própria ampliação da noção de documento fez com que as suspeitas e preconceitos sobre o uso de jornais e revistas fossem reconsiderados.

Após sua fase inicial, a revista *Vida Capichaba*, fundada por Manoel Lopes Pimenta e Elpídio Pimentel, editada entre os anos de 1923 e 1959 como um impresso de variedades que veiculava informações sobre a vida social e política do Espírito Santo, tornou-se a mais expressiva publicação do Estado. Circulava, quinzenalmente, na Capital e no interior, tendo representantes em todo o Estado.

⁴⁴A história oral, segundo Ferreira (2006), busca registrar e, portanto, perpetuar impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e, dessa forma, permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outro modo, não conheceríamos. Ela se torna relevante para a pesquisa na medida em que contribui, juntamente com as demais fontes eleitas, para a compreensão do que possivelmente foi esse evento esportivo estudantil, Olimpíadas Escolares, instituído a partir de 1946 no Estado do Espírito Santo.

Entre contos, crônicas e poemas, coluna social e fotos da alta sociedade e de membros do governo, a revista possuía uma seção que buscava informar/vulgarizar para a alta sociedade capixaba os acontecimentos esportivos.⁴⁵

Em paralelo à busca de indícios sobre a realização das edições das Olimpíadas Escolares no Espírito Santo, procuramos também utilizar a história oral para ter acesso a informações que não estão presentes nas fontes escritas e imagéticas. De acordo com Alberti (2005), a história oral é um método de pesquisa que privilegia o acesso a informações diretamente das fontes testemunhais. Esse método produz documentos, que são os depoimentos, as narrativas, as quais são colhidas por meio de técnicas de entrevista.

A principal censura em relação à utilização da metodologia da história oral, conforme os seus críticos, era por ela considerar a memória como fonte histórica confiável. Porém, novos princípios⁴⁶ forneceram indicadores úteis para interpretar as memórias e combiná-las com outras fontes históricas, a fim de compreender o passado (ALBERTI, 2005). Ao utilizarmos esse método, procuramos, juntamente com os demais recursos, ampliar as possibilidades de informações sobre as Olimpíadas Escolares.

Também como forma de fornecer maiores possibilidades de acesso ao passado, utilizamos a imagem como fonte. De acordo com Ferreira e Amado (2006), a imagem é um recurso de documentação visual que contribui para formar uma opinião sobre determinado acontecimento e, mais que isso, como fonte mnemônica, ao ajudar a memória. É necessário salientar que, para que exista uma determinada imagem, deve haver necessariamente o assunto, o autor e a técnica.

No percurso do estudo, apoiamos-nos em Norbert Elias (1992) e em suas discussões sobre o processo civilizador na busca da excitação do esporte, e em Roberto Da Matta (1994), ao utilizar os diferentes sentidos e formas para o esporte materializado nas Olimpíadas Escolares. Como norteadores, a metodologia da

⁴⁵ A revista também recebia artigos avulsos produzidos por colaboradores e geralmente era impressa com 36 páginas.

⁴⁶ Os princípios estão baseados na Psicologia Social e na Antropologia, que mostraram como determinar a tendenciosidade e fabulação da memória, a importância da retrospectiva e a influência do entrevistador sobre as recordações. Da Sociologia adotaram os métodos da amostragem representativa e, na história documental, foram buscar regras para checar a confiabilidade e a coerência interna de suas fontes.

história oral e o paradigma indiciário e circularidade cultural de Ginzburg (1989,1990), procurando indícios deixados nos relatos e imagens iconográficas e, também, ajudando-nos demonstrar a circularidade conceitual entre diferentes formas de cultura esportiva.

Segundo Elias (1993), o processo civilizador no Ocidente se constituiu e emergiu assentado em uma nova sensibilidade, cuja característica principal pode ser assentada no processo de internalização da vergonha, visto como um dos conceitos-chave para a análise das emoções e das relações entre indivíduos e sociedade. Processo este que tornou possível um crescente e expandido controle dos impulsos e conduziu à racionalização.

Para Da Matta (1994), a função do esporte no mundo moderno tem uma ligação íntima com dois aspectos fundamentais. o primeiro é a disciplina das massas que o esporte ensina e reafirma, quando exige que todos cheguem aos estádios em horas certas, pagando corretamente as entradas; e o segundo é a sua ligação íntima com a ideia de fair-play, pois o esporte trivializa a vitória e a derrota, permitindo o entendimento “[...] que todos são mesmo jogadores com iguais oportunidades” (DA MATTA, 1994, p. 34). Assim, podemos perceber que o fenômeno esportivo se constitui como um dos elementos que permitem a materialização da modernidade em seus diferentes aspectos sociais.

A primeira data da periodização, o ano de 1946, foi utilizada por ser o início da implantação da Olimpíada Escolar capixaba, coordenada pelo órgão estatal denominado SEF, que organizava o evento para ocorrer bianualmente, na Semana da Pátria, com a participação de grêmios estudantis, tanto da Capital, como do interior, com finalidades cívico desportivas (ARAÚJO, 1946). A segunda data, o ano de 1954, foi utilizada por ser o momento em que o evento apresenta sua descontinuidade. As Olimpíadas Escolares foram realizadas pelo governo do Espírito Santo em cinco edições, três delas na cidade de Vitória (1946,1948 e 1952) e as outras nas cidades de Muqui (1950) e Colatina (1954), contando com o apoio da imprensa capixaba na veiculação de seus ideais e da circulação do esporte na região.

O foco na circularidade do esporte por meio das Olimpíadas Escolares, em referência ao contexto sociopolítico do Espírito Santo, mostra-nos que dentro da

periodização proposta, o Estado e a Nação passavam por um momento de redemocratização nacional.⁴⁷ Para Heess e Franco (2003), apesar de o Estado do Espírito Santo ser considerado predominantemente agrário no período, o governo⁴⁸ tentava colocá-lo no mesmo compasso do projeto econômico que estava sendo viabilizado no resto do País, o da industrialização, utilizando um discurso considerado moderno. Em adição, elencamos, no rol desses acontecimentos e projetos, o esporte como um fator de modernidade por atender às demandas sociais do período com características como individualização dos papéis, cientifização, maior rendimento em menor tempo e gasto e parcialização do movimento (ELIAS, 1992).

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas oito entrevistas: três com mulheres que participaram do evento e cinco entrevistas com homens que estiveram envolvidos direta ou indiretamente com o evento escolar. A escolha dos entrevistados se deu após o contato com uma lista de participantes das Olimpíadas Escolares encontradas no arquivo pessoal “Coleções Especiais” professor Aloyr Queiroz de Araújo. Em relação à revista *Vida Capichaba*, procuramos em suas seções esportivas encontrar imagens e reportagens que porventura, tivessem sido veiculadas sobre as Olimpíadas Escolares dentro do período proposto.

Sendo assim, além de procurar compreender como os envolvidos, diretos e indiretos, relataram as Olimpíadas Escolares no período entre 1946 e 1954 e nas imagens veiculadas pela revista *Vida Capichaba*, buscamos, ainda, indiciar como ocorreu a descontinuidade do modelo esportivo sistematizado no meio estudantil com apelo cívico patriótico.

⁴⁷ De acordo com Cotrim (1999), no ano de 1946, o País inicia seu processo de redemocratização sob o comando do general Eurico Gaspar Dutra. Algumas medidas adotadas foram: o rompimento com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e o alinhamento com os Estados Unidos; criação de incentivos fiscais favorecendo a instalação de grandes empresas estrangeiras; criação do plano SALTE, tentando, sem muito êxito, enfatizar a saúde, o lazer, o transporte e a educação em seu governo. Ao elaborar a Constituição de 1946, o governo contribuiu para que se restabelecessem os direitos individuais, fazendo revigorar a independência dos três Poderes suprimida pela ditadura anterior, e passou novamente a eleger os governadores e o presidente da República. O período de 1951 até 1954, então, marca o retorno de Getúlio Vargas como presidente eleito da República. Teve uma administração polêmica com denúncias de corrupção que atingiram seu governo.

⁴⁸ Para Hess e Franco (2003), foi a administração de dois governantes que deu ao Estado a infraestrutura necessária ao desenvolvimento econômico: Carlos Monteiro Lindenberg e Jones dos Santos Neves. Problemas crônicos, como necessidade de estradas, energia elétrica, telefonia, educação primária e superior e saúde, tiveram soluções radicais nesse período, principalmente no interior, quando foram criadas no Estado a Espírito Santo Centrais Elétricas (Escelsa) e a usina hidrelétrica de Rio Bonito. Também foram registrados avanços na indústria siderúrgica e, ainda, a criação de indústria de cimento.

3.2 Representações e memórias das Olimpíadas Escolares

Para iniciar esta análise, de posse da relação dos atletas concorrentes (ARAÚJO, 1956), buscamos, por meio da lista telefônica e visitas às cidades de Vitória, Muqui, Castelo e Colatina, encontrar os participantes e organizadores das Olimpíadas Escolares. Entrevistamos oito atores participantes, dois deles envolvidos diretamente na organização dos eventos estudantis e seis atores que participaram diretamente da Olimpíada como atletas, entre estes, duas mulheres. Ao entrevistá-los, por meio de questionário,⁴⁹ buscamos compreender os sentidos/significados que eles ainda conseguiam expressar em relação às Olimpíadas Escolares, evento realizado há mais de 60 anos.

Entre os participantes das Olimpíadas Escolares localizados, contamos com a participação do Sr. Carlyle Netto, residente em Vitória, representando a parte organizacional do evento. Ele foi entrevistado porque esteve envolvido diretamente na organização da edição de 1954, na cidade de Colatina, assim como o Sr. Eliseu Ribeiro Monte, residente hoje em Serra, que, no período, era aluno e não participava das competições, mas se envolvia na sua administração. Outros entrevistados foram o Sr. Olinto Berili e a senhora Terezinha Rambalducer, residentes em Muqui, entrevistados porque foram atletas da modalidade de futebol e voleibol do Grêmio Euclides da Cunha, na edição de 1950, e também a senhora Neir Rambalducer, como participante indireta da Olimpíada Escolar na cidade de Muqui; o Sr. Maury Garcia e o Sr. Itayci Rosa, residentes em Castelo, entrevistados porque participaram como atletas nas modalidades de futebol e atletismo, representando o Centro Cívico Coelho Neto, nas edições de 1948 e 1954; e a senhora Teresa Ieda Vitaly, residente em Colatina, entrevistada porque foi atleta da modalidade de atletismo e voleibol da União Atlética Colatinense Estudantil, na edição de 1954.

Em um primeiro momento, para localizar os entrevistados, utilizamos como recurso a lista telefônica, redes sociais, visitas a associações e clubes nas cidades

⁴⁹ Em relação ao questionário, Ferreira e Amado (2006) nos advertem que, quando o interesse do pesquisador se concentra apenas em um aspecto concreto ou numa época da vida da testemunha, não é supérfluo conhecer as origens familiares, a formação, os gostos, o ambiente, as vivências cotidianas, visando à elaboração de um relato de vida, fonte de vestígios e sinais de valiosas informações para o estudo.

que fizeram parte das edições da Olimpíada Escolar com menores contingentes populacionais, como Castelo, Muqui e Colatina. Ao levarmos em consideração a idade dos possíveis entrevistados, que fica entre 61 e 69 anos, as principais dificuldades em encontrá-los estiveram relacionadas principalmente com falecimentos, doenças degenerativas, mudanças de endereço, mudanças de Estado e o próprio desinteresse em participar da pesquisa.

Inicialmente, tivemos contato com um dos organizadores do evento, que atuava concomitantemente como treinador de um dos grêmios estudantis concorrentes e como um dos integrantes da Comissão Desportiva na função de diretor-geral das Olimpíadas de 1954, realizada em Colatina, o Sr. Carlyle Netto.⁵⁰

Ao ser indagado sobre como era a organização do Conselho Desportivo Escolar (CDE) e suas ações, ele firmemente relatou:

Cada colégio tinha seu grêmio escolar para poder participar dos jogos. Era a organização política dos estudantes. Era o Conselho Desportivo que organizava o regulamento da competição e era constituído por diretores dos colégios, e eles aprovavam a realização e o regulamento. O negócio era organizado. Eles sabiam que, se deixassem para a última hora, ficariam de fora. Eu, na Olimpíada de 1946, participei como treinador dos meninos do grêmio Loren Reno, mas naquela época, eu era professor de outra disciplina na escola. Nesse ano também ajudei na organização do setor de atletismo (CARLYLE NETTO, 2013).

Nesse sentido, notamos que a força política dos grêmios teve que se adaptar a um novo contexto de organização das práticas esportivas já escolarizadas antes de 1946. A partir do ano de 1946, o Estado passa a organizar os jogos escolares, talvez porque esse era o evento em que havia uma presença maior da mocidade que se tornaria referência política, intelectual e financeira do Estado. Como a mocidade fazia parte do estabelecimento e sequência do projeto nacional de formação de um novo homem, o Estado traz para si essa responsabilidade,

⁵⁰ Um fato marcante nessa entrevista deu-se logo na chegada à casa do Sr. Carlyle Netto no dia da entrevista. Ao explicarmos o objetivo do trabalho, ele ficou ansioso com a possibilidade de ser filmado e, então, insistiu em saber sobre o que lhe seria perguntado. Enquanto íamos lendo as perguntas do questionário, concomitantemente acertávamos o equipamento, o qual apresentou problemas no processo de gravação. Nesse mesmo instante o deixamos em casa e fomos até a loja mais próxima comprar um novo dispositivo. Ao retornarmos, para nossa surpresa e de seu filho, o qual nos acompanhava, estava o Sr. Carlyle escrevendo em uma folha de papel "A4" relatos de sua trajetória acadêmica, militar e profissional, anotando datas específicas de mudanças de cargos e funções nas respectivas áreas de atuação. A narrativa escrita alcançou seis páginas e, em seguida, o texto foi entregue a um de seus filhos.

impondo, nesse novo modelo esportivo, dispositivos civilizatórios (ELIAS, 1993), como regras e regulamentos, critérios para participação, códigos de condutas e até mesmo punições para os infratores. Podemos perceber, ainda, em sua fala, que alguns grêmios já tinham ficado de fora de competições escolares por não cumprirem o que prescrevia o regulamento, principalmente no que diz respeito às inscrições de seus grêmios no Conselho Desportivo Escolar ou, talvez, nem todos os grêmios escolares se filiassem ao Conselho Desportivo Escolar para participar da Olimpíada Escolar, discordando do regulamento ou não conseguindo cumprir suas exigências.

Em seguida, ao ser indagado sobre sua participação em algumas edições como organizador, o Sr. Carlyle respondeu:

Minha participação efetiva mesmo como diretor-geral foi na Olimpíada de 1954, em Colatina, onde fiquei com responsabilidade de assumir o lugar do professor Aloyr Queiroz de Araújo. Ele saiu do Estado para representar nossa Educação Física. Em relação ao evento, ele transcorreu normalmente com todos os setores desenvolvendo um bom trabalho. Foi uma bela festa para a mocidade (CARLYLE NETTO, 2013).

Na narrativa, além da participação direta do entrevistado na organização do evento, ele demonstra-nos também o tamanho da sua responsabilidade ao dividir as Olimpíadas Escolares em setores. Em contato com as fontes, verificamos que a divisão ficou assim: setor de atletismo, envolvendo a organização, arbitragem e marcação das provas de campo e pista; setor dos esportes coletivos, como futebol, basquetebol e voleibol, envolvendo organização e arbitragem; setor responsável pela organização da corrida do fogo simbólico; setor responsável pela solenidade de abertura e encerramento; e o setor financeiro, na utilização das campanhas populares do “Fundo Econômico”, ajudando nas despesas do evento. Todos os setores contavam com a participação não só de funcionários do Estado para cumprimento das tarefas, mas normalmente havia a participação de inúmeros voluntários para suprir as demandas do evento.

Em termos organizacionais sobre a Olimpíada Escolar capixaba, recebemos uma indicação para conversar com o Sr. Eliseu Ribeiro Monte, ex-professor de Educação Física especificamente ligado às questões de logística dos eventos esportivos, atuando com demarcações de pistas de atletismo em todo o Estado.

Mesmo não estando envolvido com o objeto de estudo em função de ser estudante no período proposto, ele contribuiu para a continuidade e organização das competições escolares no Espírito Santo. Ao ser indagado sobre os conteúdos programáticos da Educação Física no período, o mesmo relatou que:

Sempre trabalhei com jogos escolares, mas minha época foi outra. No tempo de Aloyr, eu era estudante e também passei um tempo como militar. Veja bem, os métodos de Educação Física que hoje ninguém ouve falar deles, era o Método Francês, Método Dinamarquês, Método Natural de Ginástica. Na época do 4º Centenário de Vitória, o Exército fez uma demonstração. Chamavam balalaica, mas eram exercícios de calistenia. Dali para cá, aquilo foi difundido, então as aulas eram basicamente calcadas em cima daquilo ali, porque eram aulas em que eram feitas demonstrações nos estádios e a calistenia eu acho que está presente até hoje (ELISEU RIBEIRO MONTE, 2013).

Vimos que mesmo o esporte tendo superado a questão da ginástica nos conteúdos das aulas de Educação Física dentro da periodização, ela ficou marcada na memória de muitos por sua representatividade como um modelo homogêneo, disciplinador e organizado. Suas práticas não foram totalmente abandonadas e, sim, ressignificadas na sua forma esportiva, materializadas nas apresentações coreografadas na abertura da Olimpíada Escolar, como modalidade esportiva a partir da edição do ano de 1952.

Dentro dessa lógica, ao indagarmos o Sr. Eliseu Ribeiro Monte sobre as possíveis burlas das regras do jogo, ele respondeu :

Isso sempre existiu e vai existir. Fica muito difícil de fazer um controle. Infelizmente, existem pessoas que entram numa competição dessa com um único intuito, ganhar. Muita reclamação de professor, reclamação. Sim sempre existiu e vai existir (ELISEU RIBEIRO MONTE, 2013).

Ao entrevistamos um ex-atleta da modalidade de futebol, representante do Centro Cívico da Juventude Coelho Neto, da cidade de Castelo,⁵¹ notamos que para ele foi significativo saber, por meio de seu diretor escolar, que, naquelas condições economicamente difíceis, as equipes do interior iriam participar das Olimpíadas

⁵¹ A escolha de entrevistas de atletas residentes na cidade de Castelo está relacionada com a facilidade de encontrar possíveis ex-atletas ainda vivos das Olimpíadas, por ser uma cidade com menor contingente populacional e, também, por se sagrarem campeões das Olimpíadas Escolares capixabas no ano de 1948, na modalidade de futebol. Por se tratar de um esporte de grande representatividade e prestígio em âmbito nacional, inferimos que esse feito tenha sido muito valorizado pelos envolvidos.

Escolares na Capital, sem qualquer ônus, pois o governo se encarregaria de todas as despesas. Os preparativos para a montagem das equipes iniciaram em horário alternado às aulas de Educação Física, que eram realizadas bem cedo, duas vezes por semana. Assim, os treinamentos específicos eram realizados no turno vespertino, momento em que os alunos tinham maior disponibilidade de tempo. Sobre as questões ligadas à Educação Física do período, o professor relatou:

A Educação Física era muito diferente da de hoje porque se, em Castelo, naquele tempo, tinha três times de futebol, agradeço ao professor de Educação Física do colégio que formava o campeonato interno do colégio e formava uns cinco ou seis times. Time branco, time azul, time vermelho etc (MAURY GARCIA, 2013).

Assim, nesse contexto, na relação entre a escola e os clubes esportivos, demonstrava-se que a escola era o local em que os alunos se encontravam e treinavam. Ao ganhar projeção no meio estudantil, os alunos/atletas que eram destaques das equipes escolares passavam a ser assediados pelos clubes locais, promovendo certa migração, passando a representá-los nas demais competições oferecidas pelas ligas regionais ou estaduais.

Outra questão abordada diz respeito às possíveis burlas sobre o regulamento da competição. Como a Olimpíada, em seu regulamento específico, não permitia a participação de atletas federados em competições oficiais, nosso questionamento foi saber se ele ou alguém da equipe descumpriu tal regulamentação. Sobre o assunto, assim se manifestou:

Na verdade, a gente era muito novo ainda pra jogar em times locais. A gente bem que queria e já treinávamos, mas não tínhamos condição física para aguentar. Vários alunos se tornaram atletas dos clubes locais e da região, tendo um deles se tornado goleiro profissional do Botafogo do Rio de Janeiro (MAURY GARCIA, 2013).

O regulamento do Conselho Desportivo Escolar prescrevia, em seu art. 4º, que só poderiam competir na Olimpíada Escolar os alunos que, na data do encerramento das inscrições, satisfizessem as exigências do regulamento, dentre outras, não se achar inscrito como atleta em entidade desportiva oficial ou oficializada, sob a pena de desclassificação da competição (ARAUJO, 1948). Isso já demonstra que os atletas competidores passavam a chamar a atenção de outras instituições, como os clubes e associações esportivas, na intenção de recrutar os

possíveis talentos. Talvez esse tenha sido um fator que gerou significativas tensões e que esteve presente na consolidação de várias modalidades esportivas no Espírito Santo,⁵² uma vez que os clubes, mesmo de outros Estados, poderiam fazer migrar os talentos esportivos regionais.

Outra indagação dirigida ao Sr. Maury Garcia se deu sobre a forma como se conduziram até a Capital para a participação do evento estudantil. Ele relatou:

[...] pra gente que fica aqui, no interior, vivendo essa vidinha pacata, qualquer atividade que tinha fora, a gente ficava muito entusiasmado em participar. Foi uma alegria total, tínhamos até um hino inventado por nós, mas o que lembro mesmo é que era uma grande confraternização (MAURY GARCIA, 2013).

Assim, observamos, nesse e em outros relatos, que, apesar de ser considerado um evento promovido pelo Governo Estadual com finalidade cívico-desportiva, para a maioria dos entrevistados, era um período em que acontecia uma grande confraternização e integração social entre os participantes.

Localizamos, também, na cidade de Castelo, outro ex-atleta que, além das informações sobre a Olimpíada Escolar de 1952, nos forneceu relatos sobre o sentido do esporte e da ginástica do período. Ao indagarmos sobre o evento, o ex-atleta confirmou sua participação nas modalidades de atletismo e basquetebol. Na entrevista concedida, pudemos perceber um pouco mais sobre a rivalidade dos colégios da Capital do Estado, pois o entrevistado também foi aluno do Colégio Americano de Vitória e afirmou :

Lá, em Vitória, sim, todos os anos tínhamos muita rivalidade entre as escolas participantes dos jogos escolares. Nosso maior adversário era o Colégio Estadual. Nas disputas na modalidade de basquete, sempre ganhávamos porque tínhamos dois gigantes no time que faziam a diferença, mas, nas demais modalidades eles tinham atletas muito bons que dificultavam bastante as coisas pra gente (ITAICY ROSA, 20104).

Os jogos escolares já faziam parte do calendário esportivo estudantil do município de Vitória, pois a Olimpíada Escolar acontecia bianualmente, e também porque os educandários da Capital estavam em constantes competições, o que,

⁵² Os estudos de Silva (1998, 1999, 2000), abordam sobre os esportes capixabas desde sua origem, entre eles, o remo, o basquetebol e o futebol, realizados nas comunidades. As obras retratam os atores que iniciaram essas modalidades, principalmente as dificuldades encontradas na trajetória dessas práticas esportivas.

possivelmente proporcionou a construção de uma rivalidade entre alguns grêmios esportivos.

Na entrevista com o Sr. Itacy Rosa, indagamos sobre a sua participação na Olimpíada de 1954. Ele respondeu:

Minha participação foi muito boa na modalidade de atletismo. Não venci a prova não, mas fiz minha melhor marca no evento. Eu não participava das modalidades coletivas, minha aptidão sempre foi para o atletismo, principalmente os saltos (ITAICY ROSA, 2014).

Confirmamos, com certa surpresa, que o atletismo foi a modalidade esportiva mais praticada, estando presente em todas as edições da Olimpíada Escolar, superando em número de grêmios participantes, a modalidade do futebol de campo. Os fatores que apontam possíveis respostas para tal confirmação podem estar relacionados com o fato de que: o atletismo não necessitava de jogos de camisa para as equipes como o futebol, lembrando que os recursos para o setor educacional eram escassos (HEES; FRANCO, 2003); o atletismo conseguia desenvolver seu trabalho em áreas adaptadas diferentemente do futebol; o atletismo possivelmente também tinha uma boa aceitação por parte dos professores de Educação Física, muito em função de ser a base da preparação física dos jovens.

Como forma de localizar mais fontes para o estudo, também fizemos uma visita ao município de Muqui em busca de vestígios que pudessem nos ajudar na compreensão do objeto de estudo. A cidade de Muqui foi palco da terceira edição da Olimpíada Escolar capixaba realizada, no ano de 1950 que, nessa época, tinha como prefeito municipal e diretor do Colégio de Muqui, o Sr. Dirceu Cardoso.

Em nossa visita, observamos que o colégio já havia mudado de endereço por três vezes. Ao visitarmos o local de origem do colégio, encontramos somente pequenos vestígios do que foi a instituição, como parte da escada de acesso aos internatos, um tipo de pia batismal e resquícios da antiga piscina. Sobre a antiga piscina, ergueram-se o Colégio Estadual Polivalente, posteriormente denominado “Avides Fraga”, e interditado pela Defesa Civil, no momento em que aguardavam a construção de outra edificação em diferente local. Em 1981, foi construída uma nova escola com a mesma denominação, agora no local dos dormitórios do antigo colégio, porém, em função de problemas estruturais, a obra foi novamente

interditada, alegando-se motivos de acomodação geológica da região. Os alunos foram novamente transferidos para outros locais e uma terceira escola foi construída em uma das entradas da cidade, atualmente intitulada Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Dirceu Cardoso.

Observamos que os documentos do arquivo haviam sido dispersados entre os ex-alunos do colégio,⁵³ mas fomos informados que, um dos ex-funcionários do Colégio de Muqui e da Prefeitura Municipal de Muqui, atualmente aposentado, poderia ter algum documento sobre o período.

Em contato com o Sr. Mário Schincalia, notamos que a sua participação no Colégio de Muqui constituiu-se em cumprir a função de disciplinador, segundo ele, “[...] como ajudante na manutenção da ordem geral do internato”. O internato abrigava mais de 300 alunos de ambos os sexos que vinham do Espírito Santo e também do Estado de Minas Gerais e Rio de Janeiro. O Colégio de Muqui representava o que de mais moderno havia em termos de instituições educacionais na região e também no Estado. Com o Sr. Mário, encontramos um acervo composto de imagens realizadas de eventos esportivos, cívicos e sociais do colégio, incluindo a Olimpíada Escolar de 1950, realizada nas dependências físicas do colégio.

Em contato com as imagens relacionadas com a Olimpíada Escolar de 1950, identificadas por nomes e datas, os ex-alunos que tiveram uma trajetória social destacada eram prontamente apontados por ele, demonstrando ser o colégio uma instituição formadora da elite capixaba. Na conversa, ele identificou o que considerava como os grandes médicos, juizes, advogados e demais celebridades capixabas que passaram pelo colégio. Em uma narrativa vibrante, ele enfatizava a valorização do colégio por receber alunos que posteriormente se projetaram como ilustres e atuantes atores da sociedade capixaba.

Por meio da entrevista, tivemos a indicação de pessoas que poderiam contribuir com o trabalho, incluindo os endereços de ex-atletas da competição. Uma delas foi a senhora Neir Rambalducer, ex-aluna do Colégio de Muqui, atualmente escritora, com temáticas voltadas para o turismo local, política, economia e também

⁵³ Verificamos que o Colégio de Muqui marcou muito a vida de seus alunos, pois todos os anos, a partir do ano 1967, eles se reúnem na cidade para uma confraternização com a finalidade de conagração.

comemorações esportivas do município. Nesse contato, obtivemos informações sobre o destino do arquivo do Colégio de Muqui, sobre uma confraternização anual dos ex-alunos da instituição e também descobrimos que ela participou indiretamente na organização da Olimpíada Escolar capixaba de 1950. Ao comentar sobre a temática, ela falou sobre a grandiosidade do evento e um dos fatos marcantes daquele contexto:

A Olimpíada foi um grande evento que necessitou da ajuda de toda a população. Nós tínhamos a função de abrigar em nossas casas atletas que vinham de outros municípios porque lá, no Colégio de Muqui não cabia todo mundo, então os atletas ficavam espalhados nas casas de voluntários. Na minha casa lembro que ficaram oito meninas de Vitória. Não me lembro de qual grêmio eram. Lembro que tinha uma delas que me marcou muito por sua arrogância. Ela me parece que era rainha de um dos colégios de Vitória e andava dentro da minha casa com o nariz empinado, sem dar a mínima atenção pra gente. Isso me marcou muito, sabe? Fiquei chateada com o acontecido (NEIR RAMBALDUCER, 2014).

Compreendemos que esforços voluntários foram realizados pela sociedade local, para que o projeto do governo, em relação às Olimpíadas Escolares, pudessem se desenvolver fora da capital. Uma dessas necessidades se deu em relação à acomodação dos atletas. Como não havia locais disponíveis e suficientes para abrigar o número de participantes envolvidos, uma das alternativas encontradas foi a utilização de casas voluntárias para acomodar os convidados, entretanto essa relação, como vimos, nem sempre era amistosa.

Outro contato na cidade de Muqui foi com o Sr. Olinto Berilli, ex-atleta da modalidade de futebol, da Olimpíada de 1950, do grêmio Euclides da Cunha. Observamos, em seus relatos, que as aulas de Educação Física eram realizadas no turno matutino a partir das seis horas, tendo a ginástica como conteúdo predominante. Os treinamentos para montagem das equipes eram realizados normalmente no final da tarde, já que os alunos internos tinham tempo livre e os demais estudantes da cidade podiam se locomover facilmente até o local para as práticas esportivas. Ao ser indagado sobre rivalidades esportivas, sobre as interferências na arbitragem, já que os árbitros eram da Capital, e sobre os demais fatos que denotassem qualquer burla no regulamento prescrito pelo Conselho Desportivos Escolar, o entrevistado tranquilamente respondeu:

Que nada, meu filho, era tudo muito organizado. A disciplina era muito cobrada. Ninguém fazia nada fora da ordem. Ainda mais a gente que estava

envolvido com o grêmio. Aí o Sr. Dirceu prestava mais atenção ainda. Havia uma disputa normal do jogo, mas não me lembro de ter ocorrido qualquer tipo de confusão, nem com torcida, nem com atletas. Foi uma festa muito bonita, muita integração das pessoas (OLINTO BERILLI, 2014).

A disciplina e a ordem estavam no centro do processo de ensino aprendizagem do Colégio de Muqui e em seu respectivo grêmio esportivo. Os demais entrevistados desse município eram unânimes em dizer sobre a eficiência do grêmio não só no campo esportivo, mas também nas programações culturais, que incluíam a organização de corais, festas comemorativas e leituras e até a criação de um banco particular para os internos do colégio. Nesse sentido, notamos que o Colégio de Muqui se configurava como uma extensão da comunidade.

A senhora Teresinha Rambalducer, ex-atleta da modalidade de voleibol na Olimpíada Escolar de 1950, representante do grêmio Euclides da Cunha, ao ser indagada sobre a relação entre a Educação Física e a Olimpíada Escolar, afirmou que uma das dificuldades, em termos da realização das aulas de Educação Física, era que:

Nos meses de inverno, como a ginástica era realizada muito cedo, era bem difícil levantar naquele frio, mas, mesmo assim, tínhamos que estar lá no horário. Sobre os jogos, eu lembro que vieram muitos atletas e ficavam nas casas das pessoas. Foi muito animado, torcida boa. Minha participação foi só no vôlei. Nem sabia jogar direito, participava para completar a equipe porque estavam precisando de mais gente. Só lembro que o nosso time não chegou a ser campeão nessa modalidade (TERESINHA RAMBALDUCER, 2013).

Ressaltamos que a Educação Física já apresentava um deslocamento no qual o esporte se configurava como conteúdo predominante nas aulas, voltado para o rendimento. Nessa região do Estado, a ginástica ainda era realizada preferencialmente antes do início das aulas, no turno matutino, ou seja, os métodos ginásticos permaneceram utilizados nas aulas de Educação Física pelos estabelecimentos de ensino das quais os alunos entrevistados fizeram parte, mesmo com a circularidade do fenômeno esportivo reconfigurando o ensino da Educação Física.

Outro município visitado foi Colatina. Ao nos debruçarmos sobre o arquivo pessoal “Coleções Especiais” do professor Aloyr Queiroz de Araújo, notamos que, no ano de 1954, paralelamente à realização da Olimpíada Escolar capixaba, foi

realizada a I Exposição Escolar de Educação Física, Artes, Cultura e Trabalhos Pedagógicos, organizada pelo Serviço de Educação Física, com o “[...] objetivo de apresentar uma orientação educativa mais ampla e fornecer à mocidade os meios necessários à sua formação moral, intelectual e física que constitui o objetivo comum da educação” (ARAÚJO, 1954, p.13). As associações desportivas escolares concorriam à Exposição Pedagógica com troféus, taças, álbuns, fotografias ou recortes, diplomas e flâmulas.

Os professores de Educação Física poderiam participar da exposição com documentação relacionada com a sua atividade profissional e trabalhos educacionais, como livros, teses e demais publicações. As instituições poderiam concorrer com fotografias e trabalhos que objetivassem uma demonstração retrospectiva desenvolvida para o avanço da Educação Física. A exposição era “[...] facultada, ainda, para federações, ligas e clubes desportivos apresentando documentação à livre escolha de seus organizadores” (ARAÚJO, 1954, p. 19). Havia também concurso intelectual que era materializado em trabalhos escritos por alunos de qualquer grau de ensino e concurso de cartazes pedagógicos para alunos das Escolas Normais ou Cursos de Formação de Professores, tendo como temática central questões relacionadas com a Olimpíada Escolar e a Semana da Pátria.

Ao analisar a proposta pedagógica da Olimpíada de 1954, inferimos um possível interesse do governo em expandir seu novo modelo esportivo, agora também com ênfase na promoção de atividades culturais, para outros setores do próprio meio estudantil e também de instituições, como clubes, federações e ligas.

Para localizar fontes sobre esse evento cultural deslocamo-nos até o município de Colatina. Visualizamos, inicialmente, um contexto bem diferente do encontrado na cidade de Muqui em relação ao arquivo e à própria escola, que sempre funcionou no mesmo local, desde o ano de 1939, data de sua fundação, pelo professor Aloísio de Barros. Ao chegarmos ao Colégio Conde de Linhares, fomos prontamente direcionado ao arquivo escolar perfeitamente organizado. Porém, devido a uma grande enchente que aconteceu no município em 1979, tivemos relatos de que vários documentos haviam sido perdidos. Mesmo assim, localizamos, referente ao período proposto, atas de reuniões, lista de professores e alunos, recibos financeiros, planos de cursos e demais ações pedagógicas, mas

nenhum indício sobre a exposição cultural e os trabalhos pedagógicos. Possivelmente os documentos foram atingidos pela grande enchente.

Buscamos na cidade os periódicos locais que circularam no período para averiguar alguma possibilidade de notícia da referida exposição pedagógica. Nesse sentido, chegamos ao periódico Folha do Norte, fundado por Oswaldo Zanello, que inicialmente veiculava informações de âmbito municipal, entretanto, durante sua circulação, o jornal resumiu-se em um veículo de informação interna de uma instituição de ensino superior⁵⁴ e, no ano de 2012, deixou definitivamente de circular. Em contato com um de seus colaboradores e editores diretos, fomos alertado de que as antigas edições foram “ensacoladas” e levadas para uma fazenda local, na esperança de preservação dos documentos.

Em virtude desse acontecimento, mudamos o foco para os atores envolvidos no evento. Nesse propósito, tivemos semelhante dificuldade. De posse de uma pequena lista de participantes, buscamos na Secretaria de Cultura e de Esporte do município, informações que nos levassem a alguns contatos. Depois da confirmação de que a maioria dos atletas listados havia falecido ou mudado para outro Estado, encontramos uma ex-atleta participante, a senhora Teresa Ieda Vitaly Janes. Durante a entrevista agendada, observamos que ela participou da modalidade de atletismo nas provas de salto em distância e corridas. Compreendemos que o Estádio Municipal Justiniano de Melo e Silva, palco inteiramente reformado para a realização da Olimpíada Escolar de 1954, foi uma doação de seu pai para o município. Na entrevista, ao indagarmos sobre as possíveis burlas nos regulamentos, deparamo-nos com um relato diferente dos demais:

Comigo aconteceu uma coisa muito desagradável. O evento era muito grande, de difícil organização. A coisa era meio bagunçada porque envolvia muita gente. Eles pediram a ajuda de voluntários para colaborar com as marcações e demais atividades. Na escola em que eu estudava, tinha um professor de Cachoeiro de Itapemirim que era muito ‘bairrista’. Acontece que, quando fui competir em salto em distância, esse professor estava ajudando na marcação dos saltos. No desenvolver da competição, acabei ficando na disputa final contra uma atleta de uma escola de Cachoeiro de Itapemirim/Es. Imagine o que aconteceu. No salto final da menina, percebi que a marcação da distância do salto iniciou pela ponta dos dedos dela e, quando fui saltar, a minha marcação foi realizada começando pelo meu calcanhar, que era o correto. Depois de reclamar com a organização, mesmo sabendo que não poderíamos, acabei ficando com o segundo lugar. Fiquei muito chateada com

⁵⁴ Unesc, campus de Colatina/ES.

o acontecido, mas, mesmo assim, foi um belo evento (TEREZA YEDA VITALY JANES, 2014).

Notamos que, mesmo com as reuniões prévias realizadas pelos professores do Serviço de Educação Física nos estabelecimentos educacionais participantes, com o intuito de minimizar os possíveis erros que poderiam acontecer durante as Olimpíadas Escolares, nesse relato específico, críticas diretas foram desferidas em relação à arbitragem e à organização do evento, demonstrando algumas lacunas no planejamento dos jogos escolares. Constatamos, ainda, o conhecimento e o respeito ao código de penalidades das Olimpíadas Escolares (ARAÚJO, 1948), pelo qual o atleta era proibido externalizar qualquer insatisfação contra árbitros em qualquer competição disputada, sob pena de ser afastado do evento escolar.

Na entrevista, indagamos sobre a constituição do grêmio estudantil e sua participação naquela instituição. Sobre esse tópico, ela argumentou:

O nosso grêmio era muito ativo, havia uma programação que contemplava atividades esportivas. Sempre fazíamos intercâmbios com colégios aqui mesmo da região e também havia uma intensa programação cultural, envolvendo corais, peças teatrais e outras coisas (TEREZA YEDA VITALY JANES, 2014).

Compreender os grêmios esportivos escolares e suas funções no contexto geral das Olimpíadas Escolares passa pelo entendimento de que, nessa instituição, o esporte circulou sob diferentes formas e sentidos e também, se adaptou às demandas políticas do período, mas, no decorrer do tempo, perdeu força dentro dos educandários muito em função da presença mais efetiva do Estado nas ações que envolviam a mocidade e o sistema educacional vigente.

3.3 Olimpíadas Escolares na Revista *Vida Capichaba* e sua descontinuidade

Com o intuito de encontrar, nas imagens da revista *Vida Capichaba*, a circulação do esporte e demais peculiaridades relacionadas com as Olimpíadas Escolares capixabas, procuramos dar visibilidade às imagens especificamente entre os anos de 1946 e 1954. Nessa revista, por ser considerado um impresso voltado

para os acontecimentos da alta sociedade letrada e das elites econômicas e sociais capixabas, pudemos notar a forma como a questão do esporte, em especial das Olimpíadas escolares era veiculada pelos redatores e os destaques que eram impressos para anunciar à sociedade :o nível de excelência dos jovens atletas da região do Espírito Santo. Na figura 20, vimos a participação tanto da ginástica, quanto dos esportes individuais e coletivos no evento esportivo estudantil.

Figura 20 – Atletas participantes das Olimpíadas Escolares de 1946



Fonte: Vida Capichaba, ano XXIV, n. 436, p. 18, 1946.

A primeira imagem encontrada referenciando as Olimpíadas Escolares foi uma montagem de cinco fotos fazendo referência a diferentes modalidades esportivas, formando um mosaico. Essa imagem vem confirmar também a presença da imprensa periódica como difusora das manifestações culturais esportivas, colaborando para a circulação do esporte no meio escolar. Indiciamos, então, que a introdução do esporte sofreu mais influências das questões culturais que ganhavam força no cenário educacional por meio dos grêmios esportivos do que da própria Educação Física na periodização proposta.

A interação do Serviço de Educação Física com outras instituições da sociedade, como a Igreja, em relação à solenidade da bênção do fogo simbólico,

com a família, por meio do “apadrinhamento de atletas”⁵⁵, e com o envolvimento de inúmeros alunos em eventos não apenas com a finalidade de competir nos jogos, acreditamos que esses fatores somados tenham se configurado num sentimento positivo em relação às Olimpíadas Escolares. Podemos ver a seguir, na figura 21, momentos de confraternização flagrados pelo periódico relacionados com as Olimpíadas Escolares.

Figura 21 – Condução do Fogo Simbólico e a presença feminina no esporte



Fonte: Vida Capichaba, ano XXVI, n. 534, p 06, 1948.

Visualizamos a presença da equipe feminina de voleibol da Escola Normal Pedro II e de atletas que tomaram parte na corrida de revezamento do fogo simbólico referente à Olimpíada Escolar de 1946. Observamos também que essa atividade exigia significativo contingente de participantes para que fosse possível a sua realização. Dessa forma, o evento apresentava potencial para contribuir com o desenvolvimento da coletividade, da solidariedade e da integração social, unindo pessoas e interesses em torno dos ideais das Olimpíadas Escolares.

As Olimpíadas Escolares demonstram a força política que o esporte pode proporcionar, materializando em rituais, homenagens e premiações o status que os vencedores podem obter por uma boa disciplinada e exemplar performance. Na figura 22, a seguir, notamos as honrarias no evento de premiação dos jogos escolares:

⁵⁵ O apadrinhamento de atletas refere-se aos alunos (as)/atletas visitantes que ficavam hospedados na casa dos pais de atletas da cidade-sede da Olimpíada Escolar capixaba durante o período de realização do evento.

Figura 22 – Evento de entrega de premiações das Olimpíadas de 1948



Fonte: Vida Capichaba, ano XXVIII, n. 572, p. 23, 1948.

Na Figura 22, notamos que a entrega das premiações das Olimpíadas Escolares do ano de 1948 foi marcada por um evento formal, com a presença de representantes do SEF e de professores dos grêmios escolares, fazendo-nos reportar que esses eventos serviram para incitar ainda mais a rivalidade entre os grêmios concorrentes em busca da vitória e das honrarias recebidas. A partir dessas solenidades, surgiram os troféus transitórios concedidos ao campeão das Olimpíadas Escolares e que se tornava definitivo para a escola, a partir da terceira vitória consecutiva no evento escolar estudantil (ARAÚJO, 1949). Essas manifestações culturais materializadas nas solenidades de premiação podem ser entendidas, também, como a forma com que o Estado conseguia estabelecer adesões políticas junto das demais autoridades civis e militares capixabas presentes no evento social comemorativo.

Conforme Lucena (2001), a emergência de práticas de passatempos com formas desportivizadas, como conhecemos hoje, é característica de formações sociais, de configurações que, no Brasil, vão se estruturando a partir de meados do século XIX, incluindo, dentre outros, o crescente sentimento de formação nacional ou *habitus* que ganha espaço entre as classes letradas. Para o autor, essa emergência de práticas também reafirma um tipo de ação esperada em sociedades cada vez mais diversificadas e reguladas no sentido do controle social das emoções e, ainda, de um autocontrole emocional que se reflete nos níveis de ações motoras, nos quais o que se controla não são os sentimentos, mas o movimento. Podemos, então, relacionar as Olimpíadas Escolares capixabas com fatores, como formação de hábitos, controle social das emoções, códigos civilizatórios veiculados por meio do esporte

Apesar de o esporte ser uma “[...] atividade considerada mundana, realizada em prol do desenvolvimento do corpo, da busca do melhoramento físico, potencializando e ao mesmo tempo controlando as energias corporais” (DA MATTA, 1994, p. 36), vimos que, na realização das Olimpíadas Escolares, havia presença e espaço para o sentimento de religiosidade, uma vez que antecediam algumas atividades que faziam parte dos rituais da competição. Na Figura 23, ressaltamos tal relação sendo estabelecida:

Figura 23 – Missa Campal, Olimpíadas Escolares de 1954



Fonte: Vida Capichaba, ano XXXII, n. 646, p. 18, 1954.

A Figura 23 nos remonta à relação entre o Estado, a religião e o esporte. O evento anunciado fazia parte da programação denominada missa campal, realizada provavelmente no quarto dia de competição, envolvendo os grêmios participantes, antecedendo à parada escolar e militar em comemoração ao Dia da Pátria.

Na capital do Estado do Espírito Santo, Vitória, o local de realização das competições estudantis e, principalmente, dos jogos de futebol dos campeonatos da cidade, era o “Stadio de Jucutuquara”, também conhecido como estádio “Governador Bley”. O estádio foi construído, conforme Silva (2000) pelo clube mais popular naquele momento, o alvinegro de Jucutuquara, Rio Branco AC. Ao ser reinaugurado⁵⁶ em 30 de maio de 1936, o estádio de Jucutuquara, em seguida conhecido como estádio Governador Bley, símbolo da grandeza do clube, do desenvolvimento de Vitória e orgulho para o povo capixaba, figurava entre os importantes estádios do País no período junto com o estádio de São Januário, do Vasco da Gama e o das Laranjeiras, do Fluminense, ambos da cidade do Rio de Janeiro.⁵⁷

Na Figura 24, visualizamos a ocupação do estádio “Governador Bley”, que fazia as honras e recepcionava a população da cidade de Vitória, ávida por entretenimento, momentos de lazer e de sociabilidade:

⁵⁶ Anteriormente conhecido como Estádio de Zinco, chamado pela imprensa da época de “O Majestoso Ground de Jucutuquara”. Foi inaugurado no dia 19 de abril de 1919 em uma pequena área de salina no bairro de Jucutuquara. Em 1939, perderia sua praça esportiva para o Governo do Estado para pagar dívidas, quando viveu então sua pior fase desde a fundação. Em 1958, conseguiu a recuperação do estádio (Silva,2000).

⁵⁷ Atualmente o estádio pertence ao Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes).

Figura 24 – Estádio Governador Bley



Fonte: Vida Capichaba, ano XXIV, n. 426, p. 16, 1946.

Na Figura 24, visualizamos o estádio de Jucutuquara completamente lotado com a presença do povo, de estudantes e autoridades civis e militares, além da imprensa que quase sempre era convidada formalmente para acompanhar as solenidades de abertura ou de encerramento das Olimpíadas Escolares. Em outro foco, lembramos que o estádio era considerado como um verdadeiro “palco”. Palco dos esportes, como um elemento modernizador, ao propiciar a sistematização de práticas esportivas consonantes com os interesses industriais, políticos e sociais do período. Palco, ainda, por ter proporcionado às Olimpíadas Escolares a espetacularização do esporte escolar e visibilidade dos grêmios escolares, assim como aos professores, treinadores e diretores das instituições participantes.

Sob outro olhar, interessante foi, por fim, notar a presença feminina nas Olimpíadas Escolares. De coadjuvantes, as mulheres passaram a ocupar lugar de destaque nas competições e nas páginas da revista Vida Capichaba. Na Figura 24, as atletas são apresentadas como competidoras, aguerridas e vencedoras, imagem bem distante do que ocorria anteriormente, que buscava afirmar representações femininas como frágeis, dóceis, delicadas e maternal.

Figura 25 – Equipes concorrentes nas Olimpíadas Escolares de 1954



Fonte: Vida Capichaba, ano XXXII. n. 688 , p. 14, 1954.

Na Figura 25, vimos a apresentação de três equipes femininas participantes de competições esportivas organizadas pela então Escola Superior de Educação Física, uma das instituições do Serviço de Educação Física. Observamos, por fim, que as imagens deram mais visibilidade ao público feminino e que as modalidades de voleibol e atletismo foram mais enfatizadas na circulação da revista. A presença feminina proporcionou às Olimpíadas Escolares um sentido de igualdade de direitos, de confraternização e integração, além de uma aura de graciosidade e leveza nas disputas esportivas, que contribuiu para que tal evento esportivo obtivesse representatividade no contexto do esporte educacional do Estado.

Neste estudo, procuramos entender também o que motivou a descontinuidade das Olimpíadas Escolares, a partir da sua quinta edição, no ano de 1954. Uma das possíveis respostas para essa indagação pode ser projetada pelo viés político. Ao analisarmos os estudos de Silva (1995), observamos que, após o ano de 1954, no Espírito Santo, houve um pleito para uma nova gestão governamental. O vencedor dessa disputa foi o Sr. Francisco Lacerda de Aguiar, que ficou no poder entre os

anos de 1955 e 1958. Ao analisarmos sua gestão, apreendemos que, a partir de 1956, delineou-se,

[...] uma nova situação de crise na economia cafeeira, pela queda dos preços no mercado internacional. Essa crise, aliada à nova política gfcambial, que a nível da política de exportação cafeeira, restringia a exportação de cafés de tipos inferiores, principal volume exportado pelo Espírito Santo, produziu reflexos negativos nas finanças do Estado.

[...] Para Lacerda de Aguiar, ao contrário de Jones dos Santos Neves, o fundamental era a agropecuária. Para ela deveria ser voltado todo o esforço empreendedor do Estado.

[...] A dinâmica de funcionamento do Governo foi radicalmente alterada (SILVA, 1995, p. 503).

Constatamos, então, que um fator que pode ter possibilitado a descontinuidade e o desinteresse pelas Olimpíadas Escolares no Estado esteve associado, possivelmente, à mudança de foco da gestão no governo de Francisco Lacerda de Aguiar, que priorizou o setor agrícola em detrimento do industrial idealizado por seus antecessores, Carlos Lindenberg e Jones dos Santos Neves. Essas ações aliadas a uma crise financeira talvez tenham contribuído para a descontinuidade das Olimpíadas Escolares que, entre os anos de 1946 e 1954, trouxeram para a Educação Física capixaba e para o próprio Estado do Espírito Santo diferentes manifestações culturais que elevaram os desportos estudantis e a busca por rendimento, performance e detecção de talentos esportivos como prioridades no meio escolar. Podemos pensar em outro fator relacionado com a Educação Física, que se voltasse, retornasse aos objetivos para o meio rural, pois assim não se teria necessidade de preparar o homem para o trabalho industrial, de aprimoramento técnico, individualização dos papéis, rendimento, características semelhantes à do esporte, que até então vinha sendo sistematizado no espaço escolar.

Por meio dessa situação que o Estado passou a conviver, consideramos que a descontinuidade das Olimpíadas Escolares esteve relacionada com problemas financeiros que afetaram o Espírito Santo, com a mudança da gestão política no final do ano de 1954. Acreditamos que o déficit financeiro exigiu da máquina governamental ações constritoras que influenciaram diversas áreas incluindo a educacional e, por conseguinte, o desporto estudantil, materializando-se na descontinuidade das Olimpíadas Escolares organizadas no Estado do Espírito Santo no ano de 1954.

3.4 Considerações Parciais

Consideramos, inicialmente, que o uso ordenado do testemunho oral possibilitou esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que não poderiam ser entendidos ou elucidados de outra forma.

Nas entrevistas com os atores envolvidos, vimos que a ginástica no período esteve presente nas aulas de Educação Física, apesar de o esporte se tornar predominante no meio escolar. Isso nos faz pensar que a Educação Física possuía pouca relação com as Olimpíadas Escolares com o argumento de que as aulas de Educação Física eram realizadas no turno matutino, antes do início das aulas teóricas, sendo obrigatória a presença de todos os alunos, por outro lado, como nas Olimpíadas Escolares somente os melhores eram escolhidos para a formação das equipes, pressupõe-se pouca relação entre ambas.

Observamos nas entrevistas que os grêmios estudantis eram atuantes dentro das instituições escolares por meio de manifestações culturais, nas quais o esporte estava presente como parte das competições esportivas, assim como as festas dançantes, os recitais, os musicais, as atividades programadas de leitura e, ainda, o banco escolar.

Observamos nas entrevistas que os envolvidos percebiam as Olimpíadas Escolares como um momento de integração social e socialização, marcado por uma rígida organização. Entretanto, ressaltamos que nesse evento, o Estado buscou inculir nos envolvidos, direta e indiretamente seu projeto de estabelecimento e sequência na construção de uma identidade nacional utilizando os jovens como uma das bases de suas ações.

Concluimos que as Olimpíadas Escolares foram veiculadas pelo periódico da elite social capixaba, fazendo circular o esporte como fruto direto da modernidade, ao responder às demandas educacionais, sociais e políticas do período. Como exemplo, politicamente essas ações puderam ser vistas nas solenidades de abertura e encerramento das Olimpíadas Escolares com a presença de autoridades máximas da sociedade civil e militar, fazendo do esporte um instrumento político que ganhava força naquele momento histórico.

Consideramos que a descontinuidade das Olimpíadas Escolares esteve relacionada com problemas financeiros que afetaram o Espírito Santo e principalmente com a mudança da gestão política no final do ano de 1954, voltando seus olhares para questões de desenvolvimento especificamente agrícola, decisão contrária, se compararmos com os demais Estados vizinhos e nações que buscavam intensamente o moderno, via a industrialização.

Possivelmente, a imprensa periódica, por meio da veiculação de novas manifestações culturais, como as Olimpíadas Escolares e o que dessa relação se estabeleceu, incluindo dispositivos civilizadores e de controle das pulsões com a sistematização dos jogos, contribuiu para colocar o Estado do Espírito Santo nos trilhos da modernidade, ao levarmos em consideração que as disputas pela hegemonia eram determinadas pelo campo simbólico do esporte. Em relação às Olimpíadas Escolares, as imagens demonstravam nas ações culturais, na demonstração da coletividade por meio das equipes agrupadas, na disciplina e devotamento nacional nos desfiles em estádios e na presença feminina no esporte, que o periódico possivelmente auxiliou para que as Olimpíadas Escolares fizessem parte da cultura esportiva capixaba naquele período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compararmos a organização das Olimpíadas Escolares no Espírito Santo, entre os anos 1946 e 1954, com aquelas realizadas atualmente, percebemos que o núcleo central das propostas de jogos escolares divide-se em duas vertentes. Uma preocupada com a detecção de talentos, performance e rendimento e outra voltada para questões relacionadas com temas como cidadania, formação humana e formas de jogar menos centradas apenas na técnica.

Em relação àquela mais direcionada para a detecção de talentos, podemos assinalar a proposta da Secretaria de Estado de Esporte e de Lazer do Governo do Estado (Sesport),⁵⁸ que está preocupada com a organização dos Jogos Escolares Estaduais, em que as escolas estaduais, municipais e privadas participam de etapas municipais, regionais, fase final sul e norte e final estadual, tornando-se a escola campeã aquela com melhor rendimento, que passará a representar o Estado nacionalmente, momento em que o Governo Estadual passa a custear a participação dos alunos.

O segundo modelo de participação é organizado pela Secretaria Estadual de Educação (Sedu)⁵⁹ para alunos do ensino médio das escolas estaduais, com até 17 anos completados no ano da competição. Essa proposta objetiva uma prática de jogos e atividades esportivas, visando à formação da cidadania, tendo em vista ampliar e sistematizar seus conhecimentos sobre os esportes para além dos seus aspectos técnicos e táticos, destacando o caráter pedagógico.

⁵⁸ Envolve instituições públicas municipais, estaduais, federais e particulares de todos os municípios capixabas, em disputas de atletismo, basquetebol, ciclismo, futsal, ginástica rítmica, handebol, judô, natação, tênis de mesa, volebol e xadrez. Os atletas são divididos nas categorias masculinas e femininas e em duas faixas etárias: a infantil, composta por alunos de 12 a 14 anos; e a juvenil, de 15 a 17 anos. A partir de 2010, os jogos passaram a ter um significado ainda maior, pois por meio dos resultados, os atletas estudantis, puderam ser beneficiados com o Programa Bolsa-Atleta Capixaba (Lei nº 9.366/2009), que anualmente oferece a atletas com perfil estudantil o incentivo de R\$ 500,00 para custear os treinamentos (SESPORT, 2014).

⁵⁹ Além das atividades esportivas, estão contempladas nesta proposta atividades socioculturais as quais cada regional poderá programar, por ocasião da abertura e encerramento dos jogos na Rede, um festival envolvendo as diversas manifestações culturais que integre as diferentes áreas do conhecimento do currículo escolar. Essas atividades poderão ser organizadas em forma de apresentação de músicas, danças, teatros, exposição de pinturas, entre outras atividades culturais (SEDU, 2009).

Ao analisarmos ambas as propostas, notamos que existem dificuldades em convencer a comunidade escolar em participar das atividades propostas, momento em que aparecem resistências dos diretores, dos professores de Educação Física e especialmente, dos alunos, que demonstram desinteresse pelas propostas esportivas, em nada se assemelhando aos relatos dos participantes e espectadores das Olimpíadas Escolares realizadas entre os anos de 1946 e 1954. Mesmo a imprensa atual dá pouca visibilidade aos jogos escolares, situação bem diferente da que encontramos ao analisarmos os relatos das décadas de 1940 e 1950.

Ao consultarmos a imprensa, no período de 1946 a 1954, e as narrativas dos entrevistados, voltamos o nosso olhar para as continuidades e descontinuidades das propostas das Olimpíadas Escolares, buscando estabelecer relações entre a cultura esportiva capixaba, o panorama político, a situação econômica e as formas de organização da Educação Física escolar. Em função dessas articulações entre diferentes dimensões da cultura, buscamos compreender os possíveis motivos que levaram à descontinuidade daquelas manifestações esportivas que tanto animaram a sociedade capixaba.

Analisamos inicialmente a dinâmica dos grêmios esportivos oficializados a partir de 1939, e notamos que suas ações já remontavam ao ano de 1934 com a criação do grêmio esportivo do Colégio Estadual do Espírito Santo, a UAGES. Essa instituição, além de funções culturais desempenhadas no interior da escola, também organizava ações no campo esportivo, materializadas em intercâmbios escolares entre grêmios de outros municípios e Estados, jogos amistosos entre os grêmios do mesmo município e também eram criados torneios entre escolas da mesma região, que para tal contavam com certa autonomia, porém eram autorizadas e monitoradas pelo Estado naquele contexto.

As Olimpíadas Escolares foram criadas pelo Serviço de Educação Física, órgão ligado à Secretaria de Educação e Cultura que tinha a função, a partir do ano de 1946, de organizar a Educação Física no ensino médio do Estado. Conseqüentemente, o Serviço de Educação Física fazia parte das ações empreendidas por esse órgão do Estado para o desenvolvimento das práticas da Educação Física na escola. A escolarização da Educação Física passava, nesse momento, a ser organizada pelo Serviço de Educação Física que também era o

responsável pelas Olimpíadas Escolares, o que pode ter facilitado o entendimento de que os conteúdos a serem ensinados nas aulas estavam voltados para o esporte.

Não podemos esquecer que o idealizador das Olimpíadas Escolares foi o professor Aloyr Queiroz de Araújo, diretor do Serviço de Educação Física e professor da Escola de Educação Física do Espírito Santo, que formava professores, tanto para atuarem na Capital, quanto no interior.

A partir do ano de 1946, verificamos que o Governo Estadual toma para si a organização dos jogos escolares, nesse momento descontinuando uma prática já existente no meio estudantil, porém inculcando novos valores e exigindo condutas específicas para um novo modelo de jogos escolares.

As Olimpíadas Escolares foram instituídas, segundo seu idealizador, pela necessidade de levar a mocidade capixaba à competitividade saudável e inculcar os princípios cívicos por meio do esporte. Elas adotavam os mesmos rituais das Olimpíadas da Era Moderna. A cada edição bianual entre os anos de 1946 e 1954, o evento ganhava maior representatividade na cultura esportiva capixaba, principalmente pela participação da imprensa, que enxergava nas Olimpíadas Escolares uma representação moderna em seus artigos, que retratavam os eventos de forma espetacular, atribuindo a eles interesses políticos, regras para participação do público e normas de condutas para os participantes espectadores.

Ao entrevistarmos os participantes, utilizando a história oral como método, verificamos que o evento se configurava como um grande momento de integração social, em que tudo era realizado de forma organizada e disciplinada. Especificamente, notamos que havia rivalidades entre grêmios esportivos, descontentamentos com a arbitragem, o projeto das Olimpíadas Escolares tinha pouca relação com as aulas de Educação Física, a ginástica era realizada antes das aulas teóricas no período matutino e as equipes para as competições eram formadas no contraturno escolar.

Salientamos que tanto a grande imprensa, quanto a imprensa periódica veicularam imagens e reportagens sobre as Olimpíadas Escolares, em função de o professor Aloyr Queiroz de Araújo, diretor do Serviço de Educação Física, órgão do Governo Estadual, possuir, nesses espaços, colunas fixas que buscavam abordar o

panorama esportivo capixaba, o que contribuiu para que o evento esportivo estudantil se inserisse de forma destacada na cultura esportiva capixaba.

Desde o início das edições das Olimpíadas Escolares, notamos que foram feitas campanhas populares para a arrecadação de fundos para cobrir as despesas dos eventos. Eram exigidos esforços financeiros para além das condições do Estado e também das cidades-sede, para manter as edições que a cada dois anos eram realizadas e ampliadas.

Observamos que o plano de valorização econômica no governo de Jones dos Santos Neves enfatizou a abertura de novas indústrias, escolas e a construção de estradas, elementos necessários para que a tão propalada “modernidade”, fosse alcançada, embora os recursos financeiros disponíveis no Estado para investimento na estabilização da economia local ainda não fossem suficientes para atingir o objetivo, que era a superação do modelo agrário vigente, que tinha o café como sua principal fonte econômica, que demonstrava o atraso do Espírito Santo em relação aos demais Estados da Região Sudeste.

Quando o então governador Francisco Lacerda de Aguiar assume o governo do Estado para a gestão de 1955 a 1958, uma crise cafeeira se instala sobre o Estado, comprometendo as suas finanças. Nessa crise, o governo muda o seu foco do desenvolvimento industrial e urbano para ações que buscavam reestruturar a sua base agrícola. Nesse momento, entendia-se que a agricultura produziria o nosso “ouro verde”, gerando recursos para superar o colapso econômico. Dessa forma, então, aliado a propostas e ações que eram contrárias ao desenvolvimento industrial, e na iminência de ações para minimizar os efeitos da crise financeira que se tornava crônica, possivelmente o financiamento para as Olimpíadas Escolares ficaram em segundo plano, descontinuando essa prática que havia sido inaugurada no ano de 1946.

REFERENCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ASSUNÇÃO, W. et al. A Associação Cristã de Moços e a difusão do americanismo no Brasil (1932-1950). In: CONGRESSO ESPÍRITO-SANTENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 11., 2011, Vitória. **Anais do XI CESEF**. Vitória: DEF/Ufes, 2011. p. 15-17.

BARBOSA, I. C. ; FERREIRA NETO, A. A inserção do esporte na educação física escolar (1932-1960) In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE DO ESPÍRITO SANTO, 2004, Vitória. **Anais...** Vitória: DEF/Ufes, 2004. p. 23-15.

BARROS, M. da G. F. **Professor Aloyr Queiroz de Araújo**. 1997. 87 f. Monografia (Especialização em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1997.

BLOCH, M. **Apologia da história**: ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BONORINO, L. L; Molina, A. de M.; MEDEIROS, C. M. de. Histórico da educação física. Vitória: Imprensa Oficial. In: SCHNEIDER, O. (Org.). **Educação Physica**: a arqueologia de um impresso. Vitória: Edufes, 2010. p. 110-111.

COTRIM, G. **História global**. Brasil e geral. São Paulo: Saraiva, 2005.

DAIUTO, M. Clubes Colegiais. In: NOGUEIRA, P. (Org.). **Clubes esportivos**. Rio de Janeiro: Cia Brasil Editoras, 1948.

DA MATTA, R. Jogos Olímpicos e do Futebol no Brasil. **Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência**, Niterói, v.12, n.14, p. 11-23, jul./set. 2003.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

DANTAS JR, H. S. **Da escolarização do esporte à esportivização da escola**: tradição e espetáculo nos Jogos da Primavera de Sergipe (1964-1995). 2008, 333 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

DARNTON, R. Introdução. In: DARNTON, R.; ROCHE, D. (Org.). **Revolução impressa**: a imprensa na França - 1775-1800. São Paulo: Edusp, 1997. p. 15-17.

DAVIS, N. Z. **Sociedade e cultura no início da França moderna**. São Paulo: Paz e Terra S.A., 1990.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, N.; DUNNING. E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FEIO, N. **Desporto e política**: ensaios para a sua compreensão. São Paulo: Edibrazil, 1980.

FERREIRA, M. de M; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GEBARA, A. Importância dos Documentos. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. (Org.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**: memória e sociedade. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOELLNER, S. V. **O método francês e a educação física no Brasil**: da caserna à escola. 1992. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

HEES, R. R.; FRANCO, S. P. **A República no Espírito Santo**. Vitória: Aquarius, 2003.

JULIÁ, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira da História de Educação**. Campinas, Sociedade Brasileira de História da Educação, n.1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LEITE, M. M. **Retratos de família**: leitura de fotografia histórica. São Paulo: Editora da Universidade Federal de São Paulo, 1993.

LINHALES, M. A. **A escola e o esporte**. Belo Horizonte: Cortez, 2009.

LUCENA, R. F; PRONI, M. W. **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

LUCENA, R, F. **O esporte na cidade**: aspecto do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.

MARTINS, A. L. **Revistas em revistas**. São Paulo: Edusp, 2001.

MELO V. A; FORTES, R. **História do Esporte**: panorama perspectivas. Fronteiras: Dourados, v. 12, n. 22, jul./dez. 2010.

MELO, V. A. **História da educação física e do esporte no Brasil**: panorama e perspectivas. São Paulo: Ibrasa, 1999.

OLIVEIRA, J. T. **História do Estado do Espírito Santo**. 3.ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008.

PACHECO, R. M. Imprensa e modernidade: algumas considerações em torno dos anúncios de jornal. In: GIL, Natália; CRUZ ; ZICA, M. da; FARIA FILHO, L. M. (Org.). **Moderno, modernidade e modernização: a educação nos projetos de Brasil: séculos XIX e XX.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PINSKY, C. B. **Fontes históricas: história oral.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PIRES, G. **A educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória em pesquisa-ação no ensino de graduação.** 2000. 251 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade Educação Física, Unicamp. Campinas, 2000.

POLEZE, G. M. L. **A Educação física no Colégio Estadual do Espírito Santo: atores, práticas e representações (1943-1957).** 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

PRIORE, M. D.; MELO, V. A. **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais.** São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

REVERDITO, R. S. et al. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Revista Pensar a Prática**, n. 11/1, p. 37-45, jan./jul. 2008.

RUBIO, K. Jogos olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação. Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n.1, p. 55-68, jan./mar. 2010.

SAMPAIO, A. J. Análise do jogo em basquetebol: da pré-história a data mining. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 12, n.6, p. 17-19, 1999. Disponível em: <[http:// www.efdeportes/efd15/datam.htm](http://www.efdeportes/efd15/datam.htm).> Acesso em: 16 dez. 2014.

SCAGLIA, A. et al. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.19, n.4, p. 227-249, out./dez. 2013.

SCHNEIDER, O et al. A Revista de Educação no governo João Punaro Bley e a escolarização da educação física no Espírito Santo (1934-1937). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v.13, n. 1, p. 43-68, jan./abr. 2013.

SCHNEIDER, O; LOCATELLI, A. B. **Educação física, educação e escolarização.** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2013.

SCHNEIDER. O. **Educação physica: a arqueologia de um impresso.** Vitória: Edufes, 2010.

SILVA, J. S. **Esporte e memória: futebol.** Vitória: Secretaria de Esportes, 2000.

SILVA, M. Z. **Espírito Santo: Estado, interesses e poder.** Vitória: FCAA, 1995.

TAVARES, O.; COSTA, L. P. da. **Estudos olímpicos.** Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

TUBINO, M. G. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VAGO, T. M. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. Cadernos de Formação. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, Curitiba, v.11, n. 6, p. 25-45, set. 2009.

VEIGA, C. G. A escolarização como projeto de civilização. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 21, p. 90-113, set./out./nov./dez. 2002.

VIGARELLO, G. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 9-20, set. 2003.

VINCENT, G; LAHIRE. B.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, jun. 2001.

FONTES

RELATÓRIOS DA ADMINISTRAÇÃO ESTADUAL

ARAÚJO, A. Q. de. Estado do Espírito Santo. **Secretaria da Educação e Cultura: Olimpíada Escolar de 1948.** Vitória: Imprensa Oficial, 1949.

_____. Estado do Espírito Santo. **Secretaria da Educação e Cultura: Olimpíada Escolar de 1950.** Vitória: Imprensa Oficial, 1952.

_____. Estado do Espírito Santo. **Secretaria da Educação e Cultura: Olimpíada Escolar de 1952.** Vitória: Imprensa Oficial, 1953.

_____. Estado do Espírito Santo. **Secretaria da Educação e Cultura: Olimpíada Escolar de 1954.** Vitória: Imprensa Oficial, 1956.

_____. Estado do Espírito Santo. **Secretaria da Educação e Cultura: Olimpíada Escolar de 1946.** Vitória: Imprensa Oficial, 1947.

A GAZETA

CHEGADA do Fogo Simbólico. **A Gazeta**, Vitória, p. 3, 1948.

CRÍTICAS à Aloir Queiroz de Araújo. **A Gazeta**, Vitória, p. 3, 1954.

ENCERRAMENTO das Olimpíadas Escolares com prova de remo. **A Gazeta**, Vitória, p. 4, 1946.

EXPECTATIVA para as Olimpíadas de 1952. **A Gazeta**, Vitória, p. 3, 1952.

INDISCIPLINA no esporte popular. **A Gazeta**, Vitória, p. 3, 1952.

OLIMPÍADAS de 1946. **A Gazeta**, Vitória, p. 4, 1946.

OLIMPÍADAS escolares de 1954. **A Gazeta**, Vitória, p. 3, 1954.

OLMPIADAS escolares de 1952. **A Gazeta**, Vitória, p. 3, 1952.

ORGANIZAÇÃO das Olimpíadas Escolares de 1950. **A Gazeta**, Vitória, p. 4, 1950.

ORGANIZAÇÃO de competições escolares por diferentes órgãos. **A Gazeta**, Vitória, p. 3, 1951.

PRESENÇA esportiva americana no Espírito Santo em 1952. **A Gazeta**, Vitória, p. 3, 1952.

REMO na Olimpíada de 1946. **A Gazeta**, Vitória, p. 5, 1946.

REUNIÃO dos membros do C.D.E. **A Gazeta**, Vitória, p. 3, 1948.

A TRIBUNA

ACENDIMENTO da Pira Olímpica. **A Tribuna**, Vitória, p. 3, 1948.

BAILADO EVOCATIVO. **A Tribuna**, Vitória, p. 3, 1952.

CORRIDA do Fogo Simbólico. **A Tribuna**, Vitória, p. 3, 1950.

DESPORTOS estudantis. **A Tribuna**, Vitória, p. 4, 1952.

EVENTO esportivo escolar no estádio Jucutuquara. **A Tribuna**, Vitória, p. 3, 1946.

OLIMPÍADAS Escolares de 1946. **A Tribuna**, Vitória, p. 3, 1946.

PROFISSIONALISMO no futebol capixaba. **A Tribuna**, Vitória, p. 3, 1952.

REGULAMENTO do Serviço de Educação Física. **A Tribuna**, Vitória, p. 5, 1948.

SERVIÇO de Educação Física. **A Tribuna**, Vitória, p. 3, 1946.

VIDA CAPICHABA

ATLETAS participantes das Olimpíadas Escolares de 1946. **Vida Capichaba**, Vitória, ano XXIII, n. 436, p. 12, 1946.

CONDUÇÃO do Fogo Simbólico e a presença feminina no esporte. **Vida Capichaba**, Vitória, ano XXIV, n. 534, p. 14, 1948.

EQUIPES concorrentes nas Olimpíadas Escolares de 1954. **Vida Capichaba**, Vitória, ano XXXII, n. 688, p. 14, 1955.

ESTÁDIO de Jucutuquara, posteriormente Estádio Governador Bley. **Vida Capichaba**, Vitória, ano XXIII, n. 421, p. 13, 1946.

EVENTO de entrega de premiações das Olimpíadas de 1948. **Vida Capichaba**, Vitória, ano XXIV, n. 572, p.12, 1948.

MISSA campal, Olimpíadas Escolares de 1954. **Vida Capichaba**, Vitória, ano XXXI, n. 646, p. 12, 1954.

ENTREVISTAS

BERILI, Olinto. **Olimpíadas Escolares**. 2014. Entrevista concedida a Marcelo Laquini Eller, Muqui, 16 mar. 2014. ENTREVISTADO 6.

GARCIA, Maury. **Olimpíadas Escolares**. 2013. Entrevista concedida a Marcelo Laquini Eller, Castelo, 12 dez. 2013. ENTREVISTADO 3.

JANES, Teresa Ieda Vitaly. **Olimpíadas Escolares**. 2014. Entrevista concedida a Marcelo Laquini Eller, Colatina, 15 mai. 2014. ENTREVISTADO 8.

MONTE, Eliseu Ribeiro. **Olimpíadas Escolares**. 2013. Entrevista concedida a Marcelo Laquini Eller, Vitória, 17 out. 2013. ENTREVISTADO 2.

NETTO, Carlyle. **Olimpíadas Escolares**. 2013. Entrevista concedida a Marcelo Laquini Eller, Vitória, 16 out. 2013. ENTREVISTADO 1.

RAMBALDUCER, Neir. **Olimpíadas Escolares**. 2014. Entrevista concedida a Marcelo Laquini Eller, Muqui, 15 mar. 2014. ENTREVISTADO 5.

ROSA, Itaicy. **Olimpíadas Escolares**. 2014. Entrevista concedida a Marcelo Laquini Eller, Castelo, 15 ago. 2014. ENTREVISTADO 04.

SCHIAVO, Terezinha Rambalducer. **Olimpíadas Escolares**. 2014. Entrevista concedida a Marcelo Laquini Eller, Muqui, 15 mar. 2014. ENTREVISTADO 7.

APENDICE – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA COM EX ATLETAS ENVOLVIDOS DIRETA E INDIRETAMENTE NAS OLIMPÍADAS ESCOLARES ENTRE 1946 E 1954.

- 1- Nome completo?
- 2- Qual a sua profissão?
- 3- Qual a profissão dos seus pais na época em que estudou?
- 4- Havia outras possibilidades de instituição para cursar o ensino secundário? O que o motivou a cursá-lo no Colégio Estadual do Espírito Santo?
- 5- Onde você morava na época em que estudou?
- 6- Onde estava localizada a escola naquele momento?
- 7- Como você se deslocava para a escola?
- 8- Onde eram realizadas as aulas de Educação Física? Em qual local?
- 9- Havia necessidade de deslocamento para as aulas de Educação Física? Em caso positivo como isso era feito?
- 10- Qual era a postura do professor nas aulas? O que ele cobrava dos alunos? O que ele ensinava?
- 11- Como eram as suas turmas (meninos e meninas juntos, idade similar)?
- 12- Como eram as aulas de Educação Física?
- 13- O que vocês faziam nas aulas de Educação Física? Qual a atividade preferida pelos alunos ou a mais praticada?
- 14- Com que Frequência (quantas vezes) tinham aulas de Educação Física? Em quais dias da semana?
- 15- Você possuía frequência nas aulas de Educação Física?
- 16- Qual era o significado dessas atividades para você?
- 17- O que foi marcante para você nas aulas de Educação Física?
- 18- Qual era a importância da Educação Física naquela época perante a escola e a sociedade?
- 19- Praticava alguma atividade física fora da escola? Qual? Por quanto tempo?
- 20- Quem era o professor de Educação Física? Ele era formado? Era funcionário da escola?
- 21- Você participou das Olimpíadas Escolares ?

22- Como os alunos eram selecionados para as Olimpíadas Escolares? O aluno podia se inscrever em mais de uma modalidade?

23- Os treinamentos eram realizados em que momento? Por um ou mais professores?

24- De quais campeonatos a escola participava?

25- Como eram esses campeonatos? Em que horário?

26- Todos da escola participavam dos campeonatos (jogando, torcendo, acompanhando) ?

27- A instituição conquistou algum campeonato? Você se recorda de algum campeonato? Quais eram as premiações?

28- Como eram formadas as equipes para participar das Olimpíadas Escolares?

29- Algum aluno participante das Olimpíadas Escolares de sua escola teve destaque na sociedade capixaba ou no Brasil como atleta?

30- De quais eventos externos à escola, você participava (paradas da juventude, festas, comemorações diversas)?

31- Havia eventos internos (mostras culturais, interclasses, festas)?

32- Quem se responsabilizava pela organização desses eventos?

33- O que você fez depois de se formar?

34- O que você faz hoje?

35- Você tem conhecimento de como é a Educação Física atualmente? E a estrutura do colégio? O que acha dessa diferença?

36- Ainda possui contato com algum colega do colégio?

ANEXO**PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA****Dados do Projeto de Pesquisa**

Título da Pesquisa: OLIMPÍADAS ESCOLARES NO ESPÍRITO SANTO :
CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES (1946-1954).

Pesquisador: Marcelo Laquini Eller

Versão: 2

CAAE: 27207714.9.0000.5542

Submetido em: 11/03/2014

Instituição Proponente: Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo

Situação: Aprovado

Localização atual do Projeto: Pesquisador Responsável